João do Rio

A CORRESPONDENCIA DE UMA ESTAÇÃO DE CURA

PORTUGAL BRASIL L.DA
· SOCIEDADE EDITORA ·

Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A correspondencia de uma estação de cura

JOÃO DO RIO

Da Academia Brasileira e da Academia de Sciências de Lisboa

A correspondencia de uma estação de cura

(ROMANCE)

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58-60, RUA GARRETT — RUA DO OURO, 132-138

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Reservados todos os direitos de reprodução em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no Brasil, nos termos do convénio de 9 de Setembro de 1889 e lei n.º 2.577, de 17 de Janeiro de 1912 ; nos países convencionados, em harmonia com a convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 17 de Março de 1911.

Imprensa PORTUGAL-BRASIL, Rua da Alegria, 100—LISBOA

A Abner Mourão

com admiração e afecto

João do Rio

I

De Antero Pedreira á Sr.ª D. Lúcia Goldschmidt de Resende — Petrópolis.

Minha excelente amiga — Com que então chove em Petrópolis? Petrópolis não muda, tem a coragem das atitudes. Desde que o mundo elegante é mundo elegante, essa cidade da serra mantem a chuva de verão. Antes assim. O desagradavel é vir para Poços de Caldas imaginando Saint Moritz e encontrar um desabalado ar de dilúvio — que inunda a cidade ha oito dias e não nos deixa pôr pé na rua. O fastio, sombra da chuva, estende a sua trama, e os corredores do hotel, de tanta desocupação, parecem bocejar. Vim antes da grande semana para repousar na tranquilidade de um sanatório quasi vazio. Encontrei o hotel cheio! E enervo-me por sermos obrígados a olhar a chuva sem poder sair.

Que fazer? A's oito da manhã o criado acorda-me. Tomo um gole de chá, desço ao banho — onde se dá o primeiro encontro da familia balneária. Cumprimentos. Espera na galeria envidraçada, em que os vapores sulfurosos realizam o necessario aspecto medicinal. Banho. Ha cavalheiros que o tomam de 35° para engordar. Outros mergulham em 41° para emmagrecer. Não há ninguem doente. As mazelas, os reumatismos, as seborréas — o mobiliário estragado da sociedade fica por aí noutras hospedarias. Estamos num hotel *snob*. Avisos por todos os lados participam aos doentes de verdade que o logar não os admite. E' exclusivamente de cura mundana. Nas horas do banho consegui uma observação que póde ser lei.

— O sôno cansa os homens; o sôno faz um enorme bem ás mulheres.

Todos esses cavalheiros aparecem pálidos, a bôca pastosa, os olhos empapuçados. As mulheres em roupão, ao saltar da cama, lembram frutos colhidos da arvore — são de uma frescura matinal. A imagem da aurora erguendo-se da noite é uma realidade. Como são fracos os homens e que tremenda resistencia física a das mulheres!

Após o banho, envolvo-me duas horas nos cobertores e desço depois a espairecer. O

perístilo do hotel acolhe quasi todos os hospedes. Crianças correm — já reparou, D. Lúcia, como as crianças correm sem motivo? — gritam, esbordoam-se mesmo nas escadas e nos corredores de cima. No saguão, a conversa arrasta-se. Que hão de dizer? No fundo, estando contrariados com a inácção, procuram explica-la.

— Eu precisava repousar! diz um que nunca fez outra coisa.

— Eu nem leio! afirma outro, firme nêsse principio desde que nasceu.

De quantos gráos toma o banho?

E como o cérebro de cada um está preso ao Rio ou a S. Paulo, a conversa só cresce de animação quando se fala da gente do Rio ou de S. Paulo. Fala-se em geral muito mal dos ausentes.

Chegado o momento do almôço, apesar de não haver que fazer, almóçam todos a correr. Note, D. Lúcia, razoavel a alimentação, os criados de primeira ordem, o comedouro menos desinteressante. Apesar disso não há almôço que dure mais de vinte minutos. A' uma hora da tarde na casa de jantar estão apenas os «garçons» — quasi todos rapazes do Rio e de S. Paulo — que tambem veraneiam e fazem a «grande semana».

Acabado o jantar — outra vez saguão. Olha-

se a chuva. As crianças continuam a fazer barulho. O parlatorio é vão. Em cima, a orquestra toca os mesmos tangos e maxixes que têmos a angustia de ouvir, há pelo menos cinco anos, em Paris, em Londres, em Odessa, no Rio, em Buenos Aires, em toda a parte onde se tem a idéa da civilização. A iconografia da civilização, antes da guerra, deixara de ser a figura de uma dama vestida á romana com os atributos do progresso. A iconografia da civilização era um sujeito de cabeleira, arranhando tangos ao violino. Na America, a figura ainda continúa, após a guerra. De modo que não há cidadinha com dúvidas sobre a sua civilização desde que possua quatro violinistas a tocar num chá a *Paraguayta* ou *El Negrito*.

Atraídos pela civilização, os hóspedes sobem ao salão, imenso. Fica ao fundo uma rolêta, que parece complemento e é a oração principal. Tudo aí não se paga — os licôres, o café, os charutos, as águas. E' preciso sêr muito neurasténico para ter má vontade. As senhoras jogam. Os homens jogam. Acabada a civilização, isto é, o tango, que se transfere para o club, a rolêta corre atrás da musica e os hospedes descem ao saguão á espera dos jornaes do Rio, de S. Paulo, da sua vida...

— Que calma!

— Que delícia!

— Eu viveria assim a vida inteira. Quando parte?

Consulta de relogio. Afinal, vai acabar o dia. Duas horas para lêr a correspondencia e mudar de fato. Jantar. Não há quem ultrapasse o quarto de hora. Os «garçons» voam. A precipitação é tal que, mesmo não comendo, não é possivel escapar á afrontação. Há um motivo: querem todos ir ao Politeama, que começa ás sete e meia; consta de cinêma e de cançonetas e termina antes das dez, com a mesma orquestra, que, tendo começado no salão, vai voltar ao salão até onze e meia, para terminar no club pela madrugada. Os banhistas voltam ainda á rolêta. Mas ás onze horas começam a dispersar. E pouco depois há no casarão o silencio — aquilo que um ingénuo poeta chamava «o augusto silencio».

Eis, minha amiga, a vida dêste hotel e a minha vida há oito dias.

Vejo-a sorrir com malícia. Não foi a descrição impessoal de um dia ou de uma semana que me ordenou. Foi a impressão dos companheiros, alguns nossos conhecidos; foi a intriguinha, a má lingua, a indiscreção, personagem tão agradavel aos contemporâneos e tão amíga da História.

Infelizmente, por emquanto, não há nada.

Vão chegando apenas os artistas para a comedia brilhante.

Há politicos, fazendeiros, comerciantes, principalmente negociantes portuguêses. Um dêles veiu com a familia inteira, trouxe dezoito pessoas. Muito digno de consideração, não só pela fábrica de papeis pintados de que é proprietario, como pela abundancia da prole. Chama-se Araujo Silva. Insensivelmente ao dizer-lhe o nome tem-se vontade de acrescentar — e Companhia. Há nomes que nasceram para firmas. Filhas, sobrinhas e filhos de Araujo Silva são perfeitamente sem significação. Não há rapazes. O namôro, coisa que elas talvez façam menos mal — as mulheres adivinham! — o namôro não existe por falta de contendores. Há uma outra familia — marido, mulher e filho. Amam-se e andam sempre juntos os três. Só entre gente simples ainda encontramos dêsses fenómenos. Acrescente aos dois comerciantes outros casaes cujos chefes são sólidos, tomam sempre ovos quentes ao almoço, jogam o bilhar, dão gargalhadas, emfim, negociantes em via de se tornarem da alta roda.

Na sociedade nossa, só o negociante português constitue bem definida a burguezia, exigindo respeito. Quando o negociante enriquece, as filhas precipitam-se em casamentos,

que as colocam entre os «encantadores». Como presto atenção aos casaes, peço permissão para acrescentar que as raparigas brasileiras, esposas dêsses latagões, não têm o aspecto da desilusão. As gerações devem ser abundantes e decididas.

Tem a D. Lúcia o pano do fundo da peça, o povo, povo destinado a agir muito menos que nas tragédias de Shakespeare, génio capaz de rotular a sensibilidade hipócrita da raínha Elisabeth de — vestal do Ocidente...

Artistas — os principaes ainda não chegaram. Estão já, porém, o casal Serpa Lessa, D. Maria de Albuquerque, a insuportavel D. Eufrosina Machado, cada vez mais gôrda e mais roleteira; o jovial Nogueira, miss Wright, a filha do banqueiro, que veiu apenas acompanhada dos seus dezoito annos e de uma criada surda; o ex-ministro Velasco Altamira e Sanches Peres com a senhora.

O casal Serpa Lessa chegou aflito. A Iris Serpa Lessa rompêra o casamento. Creio que o terceiro. A D. Guiomar disse-me em segrêdo que a filha estava inconsolavel.

Viémos a Caldas para distraí-la.

Iris ri tanto, que devemos considerá-la curada. Fez uma liga com a Gladys Wright, cujas ancas arredondam á proporção que o seu perfil de *Proserpina* do Rossetti toma um brilho

de gula quasi escandaloso. Gladys Wright vae ao banho pela manhã e á tarde joga o ping-pong, o bilhar, a rolêta.

D. Maria de Albuquerque é a nossa querida D. Maria de sempre. Alta, macia, os cabêlos de neve a aureolar-lhe a face môça — aquêle ar imponente e suave de *pairess* que amasse as intrigas de Versalhes e trouxesse para a selvageria americana tudo isso e mais alguma coisa. Inteligentissima, complacente para faltas alheias, conhecendo a sociedade desde 1870, dona de um nome ilustre...

Não acredite que eu esteja *emballé,* tem acontecido a tanta gente bôa! Amo, porém, D. Maria, como quem admira o manto do imperador, os côches do paço. Ela diz coisas e ajuda o amor...

Nada mais sério do que o amor! Se a juventude soubesse...

De resto, creio que o amor minguou assás a renda de D. Maria. Esse exílio do Rio e de Petrópolis, a vida quasi contínua de cidades de agua, de Poços para Caxambú, de Caxambú para Guarujá...

O curioso é como a enerva o jovial Nogueira. Quando o jovial Nogueira aparece com aquela cara patibular, em que o sorriso parece uma carêta, e põe-se a sêr «o centro das atenções», D. Maria ergue-se.

— Je ne peut pas le souffrir !

Quanto ao Velasco e aos Sanches — tal qual. Os Sanches são os escravos da moda. Absolutamente figurinos, gravuras da *Vie Heureuse*. Dá vontade de apalpa-los a vêr se são mesmo de carne e osso. O Sanches faz, entretanto, um esforço: está lendo (ricamente encadernado) o quinto volume dos *Miseraveis*, de Victor Hugo.

Ia fechar esta carta tão longa e tão novidadeira já. Mas, tendo descido á espera dos jornaes, vejo a chegada dos novos hóspedes: um sujeito magro elegantissimo e desconhecido, um pobre homem gôrdo e no mesmo carro do homem gôrdo Teodomiro Pacheco, o parísiense Teodomiro — absolutamente neurasténico.

Teodomiro saltou da tipoia em movimento, estendeu-me a ponta dos dêdos.

— Tu, na selva?

O saguão inteiro olhava-o.

— E tu?

— Venho conter-me. Haverá neste albergue travesseiros?

E subiu sem esperar resposta, seguido dos criados, das malas e do nosso espanto. Não sei se conhece Teodomiro. Em Caldas, êle deve ser interessante.

Mande-me noticias suas. Eu continuarei a cumprir a promessa. Beijo-lhe as mãos com amisade e respeito — *Antero*.

II

José Bento, secretário dos Oleps a Justiniano Marques — Pensão Buckarest, S. Paulo.

Cá estamos, felizmente bem, Justi. Pensava escrever-te há três dias, desde que chegámos. Mas os preparativos da instalação, as atenções, os mil olhos que hei de ter para não chorar depois as tolices das minhas cavalgaduras, tomaram-me o tempo.

O trabalho é realmente penoso. Para começar, imagina quem nos aparece em S. João da Boa Vista? O André Miranda. Nós todos sempre o julgavamos em Ribeirão Preto, "levando o dêle„. Torrando os brilhantes da velha Ibanaia. De facto lá foi. Mas a Ibanaia atirou-se ao jôgo e, como se dava ao luxo de não fazer *michés,* com a grande paixão pelo André — o Cassoulet limpou-a. Sem vintem, o casal foi parar a S. João, fazendo um duo

— os Ibanaia. Aqui, a historia embrulha-se. Parece que Ibanaia cedeu aos conselhos de um velho coronel para tirar as joias do prego e o André, como sempre, deu para namorar demais uma rapariga solteira, cujo irmão o aconselhou tambem a embarcar. A fantasia separou-os. André entrou para o nosso vagão, com duas valises contendo o seu reportorio e toda a sua roupa, inclusive a branca. E falou. Sabes que melro é o André. O Oleps estava comovido. A estupida russa mulher de Oleps tambem. Eu pensava na vantagem e nas desvantagens de reunir ao grupo o André. Êsse rapaz tem bom físico, é simpático, cínico, canta bem, apesar da pretensão que o torna ridiculo. Mas tem a mania de ser conquistador, de ser amado por todas as mulheres casadas, solteiras, viuvas, reservadas, livres. Com êle está-se sempre á espera de um escandalo.

Fiz vêr aos Oleps e ao André, em Cascavel, a minha responsabilidade. Até aqui, a *tournée* tem sido razoavel e nós sempre considerados, graças ás relações e ao respeito com que cérco o negocio. O contrato de Poços é excelente. O coronel concessionario do Politeama, amigo do Pinheiro Machado, é um cidadão calado, mas que não gosta de brincadeiras. Se André começasse a con-

quista? O malandrim prometeu portar-se bem, assegurando que as aventuras eram o passado. E habilmente informou ir para o Radium e o Gibimba.

Como desejamos quinze dias com sucesso, e o Radium é rival do Politeama, como os Oleps só dansam, não nos convinha absolutamente semelhante concorrencia. André, quer no Radium, quer no Gibimba, como *cabaretier,* enguliria a concorrencia. Assim cheguei a Caldas com o André a mais, tendo que convencer o coronel de que o nosso homem é excelente.

Êsse primeiro esforço foi logo de cara e seguido de um trabalhão. Nós não paramos. A's sete da manhã temos de acordar para ir aos banhos sulfurosos. Não precisamos, mas faz bem, mesmo porque anima as termas a presença dos artistas. Segue-se passeio. Depois almôço e ensaio. Vamos para o Eden. Jogamos de *faróes* no *five-ó-clock*. Arranjei sessenta mil réis por dia para os Oleps e quarenta para o André. Em seguida, é preciso passear de aranha, ir tomar a agua de uma fonte. Voltamos para jantar. No Politeama, estamos até ás dez, hora em que entramos no Eden para ir deitar quando a animação cessa de todo.

Assim não me tem sido possivel pensar na

revista que o Pereira deseja para julho. Apenas na *tournée* colleccionei umas anedotas de caipiras. E se escrevo agora é aproveitando um ensaio do meu jardim zoologico, que aqui deve ficar a quinzena, porque os Oleps agradaram e o André, com as modinhas no Politeama e berrando como *cabaratier* no Eden, põe doida toda a gente — *Teu José.*

III

Antonio Bastos ao Major Bento Arruda, director do Club dos Mirabolantes — Rua do Passeio — Rio.

Bentoca — Cumpro as tuas ordens, após oito dias de Caldas. O negócio aqui precisaria de muito capital, de muita luta e, principalmente, de muito tempo. A cidade está dividida em dois campos. De um lado o Arnaldo, coronel, que soube conquistar a gente limpa e de outro os «gaviões» — O Poneti, o Cara Doirada, o Dunca e o Ginja. O Ginja tem uma sala ordinaria e mal frequentada. E todos descompõem o Arnaldo e dizem que hão de desbanca-lo. Já houve um conflito declarado, em vez de guerra em surdina; e êles, os «gaviões», tiveram de recolher a unha. O coronel Arnaldo é um bom sujeito, que tomou do Pinheiro Machado aquêle ar

de quem está ouvindo para decidir com a segurança de ser infalivel. Poz o jogo aqui em um pé de limpeza igual ao do Rio e soube aos poucos desfazer-se dos «águias», amparando, em vez, uns *guris,* dêsses de cabresto, que não o podem enganar muito e não são mestres em «sacudir a frigideira». Assim, lord, silencioso e teimoso. Creio que a luta foi para êle, desde o primeiro dia, e continuará a sêr. Mas, sem «chêta» ou com dinheiro, êle é o mesmo. Se quizesse trabalhar um pouco, o movimento de cada estação deixar-lhe-ia uns cem contos livres. Entretanto, não compraria o seu lucro por cincoenta.

Não vás pensar com isso que Arnaldo seja menos inteligente. Ao contrario. O que êle é é amigo intimo do defunto Pinheiro, relacionado com a melhor gente, oferecendo jantares aos jornalistas seus camaradas, carteando-se com deputados. Trata o negocio como director de empreza, do alto. E, quando os meninos, filhos de graúdos, vêm cá embriagar-se, jogar sem pagar — paga tudo e jámais manda as contas as pais, e não diz nada a ninguem da roda.

Um facto pinta o coronel:

No forte da luta, quando os «gaviões» quizeram voar, o coronel abriu polémica. A cidade estava dividida por dois jornaes.

Um amigo meu, tipo curioso de mineiro, irónico e culto, mas despreocupadamente boémio, foi ao seu escritório.

— Boa noite, coronel.

— Boa noite, a vosmecê.

— Coronel, desejava pedir-lhe um favor.

— Peça. O que está aqui é de vosmecê.

— Não é isso. Queria pedir-lhe o favor de aceitar um conselho. Posso falar?

— Fale vosmecê.

O meu amigo sentou-se e provou ao coronel a inconveniencia da luta. Para que dar importancia a uns individuos inferiores? Só á arvore com frutos atiram pedras. Êle era um homem que tinha que perder, porque já fizera muito. Nêsse tom falou vinte minutos. O coronel, calado, com o queixo fincado na mão, ouvia. Quando o meu camarada terminou, o coronel ergueu-se:

— Vosmecê acabou?

— Acabei.

— Eu tambem quero dar-lhe um conselho.

— Aceito.

— Menino, vá bugiar! E, quando quizer voltar, volte!...

Actualmente, afóra os inimigos das casinholas, há, em pé inferior, contra o casino e o club do coronel, um casino e um club.

Já vês como é impossivel montar em Po-

ços uma succursal do Club dos Mirabolantes. Ficaria carissimo, por nos faltar um casino para aproveitar os artistas, e por tudo o mais. Teriamos a luta com os «gaviões», com o Gibimba, com o coronel, inevitavelmente. Quem ganharia? O coronel!

O movimento é grande. O jogo cumpre o seu dever. Eu, para tomar informações, tenho ido a toda a parte. E, no salão de jogo das familias, encontrei a sogra do Alarico Souza, aquêle rapaz milionario que em solteiro era o Lord Marreco, do Club dos Políticos. E' uma tal D. Eufrosina Machado, senhora gordissima e muito importante. Mas, como a velha joga! E' a primeira a sentar-se e a ultima a levantar-se. Perde sempre e continuúa. Ainda não pagou ao hotel uma só semana, e dizem que já pretendeu empenhar os brincos a um *croupier*. O coronel passou violento carão no rapaz e mandou abonar a excelentissima.

— Distração de senhoras! disse êle.

E' lá possivel concorrer com um homem assim!

Mando-te estas notas a correr, um pouco misturadas. Ha muito tempo que deixei de saber escrever. Mas não quero terminar sem repetir: pensa em tudo, menos em embarcar o Club para a estação de Caldas — *Totonio*.

IV

D. Eufrosina de Passos de Machado a D. Eponina de Machado de Souza — Gávea — Rio.

Minha filha — Pesei-me hoje. Ou a balança não regula ou estas águas já não me fazem efeito. Estou com o mesmo peso — 136 kilogramas. Deram-me um apartamento em que me alojei com a Lili e a Vicencia. E, como a sala de banho está á mão, tomo três banhos das taes águas por dia. A tua filha tem passado bem, dando-me imenso trabalho, a mim e á Vicencia. Está insuportavel e bate nas outras crianças. Outro dia arrebentou o nariz de um menino, filho de um negociante, obrigando-me a falar com êsse homem. Infelizmente ainda não estão cá as pessoas com quem a gente se póde dar. A condessa escreveu-me que não poude embarcar em virtude de uma doença grave da «Darling», aquela

cadelinha japonêsa de que lhe fez presente o conde de Protz, secretário da Alemanha.

Não tenho diversões. Aborreço-me com o regimen a vêr se acabo com esta doença da gordura, que o doutor considera uma diatése dolorosa. Já acabei o quarto volume do *Rocambole*. Se encontrares os outros, manda-mos.

Desejava escrever ao Souza. Mas teu marido anda muito mal comigo. Não é que só me manda o dinheiro justo para pagar o hotel? Esquece que a Lili tem despesas, os quartos aumentaram de preço e a criada, a pequena, eu — três mulheres sem um homem, havemos de ser exploradas. No tempo de teu pai eu não sofreria o dinheiro por tamina. Agora, porém... Convence-o a mandar mais alguma coisa. Desta vez ainda nem puz os olhos na rolêta — Tua mãe *Eufrosina*.

V

De Antéro Pedreira á Sr.ª D. Lúcia Goldschmidt de Rezende — Petrópolis.

Minha querida amiga. — Bom dia. Acabo de conversar com o Teodomiro e recebo a sua deliciosa carta, indagando se Teodomiro já aqui chegou. Sinto na sua pergunta principalmente o aborrecimento do que se passa em Petrópolis. Sempre a mesma coisa? Ha nada mais aborrecido do que a mesma coisa?

Daí varias imposições ao meu espirito. Preciso diverti-la a distancia e não me repetir, quando o meu desejo seria ficar a vida inteira a louvar-lhe o espirito. Que fazer? Afinal, conversar dos outros é sempre procurar o nosso mútuo agrado. Em vez das intrigas de Petrópolis conto-lhe a historia da viagem de Teodomiro?

Quando abri a sua carta, Teodomiro nar-

rava-me essa viagem de Campinas a Poços. Farei o esforço de recompôl-a? Imaginando-a a sorrir, a isso me abalanço.

Teodomiro estava só no salão do carro de luxo que o levava de S. Paulo a Campinas quando ouviu a voz do guarda.

— A's ordens de V. Ex.ª.

Teodomiro olhou o guarda. Se estivesse na Europa, teria dado uma gratificação. Em Campinas era impossivel. Desceu atrás de um carregador que lhe levava as valises de coiro, as valises mandadas fazer em Londres, com fechos de oiro.

— V. Ex.ª pode almoçar. Ha trinta e sete minutos de espera. Eu guardarei as malas.

Teodomiro olhou o movimento febril da estação na manhã de sol indeciso. Almoçar á hora em que habitualmente não estava levantado! Seria o novo regimen. Andou com fúria até ao fim da plataforma, onde se estabelecia o hotel, entrou, recuou, tornou a entrar. Na sala imensa serviam em louça um mau almôço a um punhado de sujeitos vorazes. O melhor era não comer. Mas o comboio só chegaria a Poços ás quatro da tarde e passava um dos criados levando um pedaço de carne fumegante. Teodomiro sentou-se resolvido — não á mesa redonda, mas noutra pequena, a um canto. Esperou. Impacientou-se.

Bateu com a faca no prato. Tornou a bater. O criado veiu cheio de pratos.

— Que quer?

— Ovos, um bife. Você demora?

— E' rapido.

— Que prato leva aí? Cheira bem.

— Olhe, coma o numero do almôço, ali com os outros viajantes. E' mais rapido e garantido.

Teodomiro consultou o relogio. Tinha apenas vinte e cinco minutos. Não hesitou mais. Correu á mesa, onde mastigavam varios senhores, na maioria portuguêses. Tomou um prato de canja — inenarravelmente má. Sentiu fome. Atirou-se aos outros pratos, de repente esfomeado. Comeu assim uma quantidade compacta de alimentos em dez minutos. Depois, como ainda lhe restava um quarto de hora, acendeu um charuto, poz-se a andar pela plataforma, julgando-se uma vítima do destino universal. A estação cheia — ninguem lhe prestava atenção, e êle sentia-se caminhando para o desconhecido.

Teodomiro de Sá Pacheco é um brasileiro como deve haver muitos outros. Tem como base das suas opiniões — o Brasil um paiz a beira do abysmo; e desconhece por completo o Brasil. Em compensação, viaja a Europa, de que conhece muito bem os menores deta-

lhes, e julga-se feliz. A felicidade é muito relativa. Quando rebentou a guerra, Sá Pacheco ia precisamente partir. Ficou. Mas de tal maneira andaram os negocios de amor e de dinheiro (perdas em ambos os ramos, consecutivas) que a neurastenia não podia deixar de lhe ser um elegante capital.

Teodomiro estava neurasténico. Quiz tratar-se. Onde? Em S. Paulo restavam alguns amigos, que o aborreciam. O resto do Brasil causava-lhe pavor. Que seria isso por aí? Sem conforto, sem legumes, sem trufas, sem travesseiros! Levara assim dois mêses na angustia da hesitação até que um dos seus médicos, médico de sociedade, membro de varias academias literárias, aconselhou: — Europa.

— Mas os submarinos?

— Então, a roça!

— A roça?

— Uma ideia: Poços. E' inteiramente outra coisa...

Outra coisa! Êle precipitara-se. E estava ali, arrependidissimo, seguindo para Caldas, ouvindo as conversas dos caixeiros viajantes, quasi todos lusitanos. Era impossivel não sentir que aquilo tudo parecia ser dos ditos caixeiros. Êles moviam-se sólidos, bem dispostos, bem vestidos. Eram os descendentes dos bandeirantes. Iam buscar o oiro ao sertão.

Ficariam ricos. Já de certo o eram. E não deixariam de ter muitos descendentes, com aquela solidez ardente.

Mas a sinêta tocava. Teodomiro instalou-se numa poltrona, defendendo a contígua com as valises.

O comboio, muito inferior ao que o trouxera até Campinas. Teodomiro sentia no ambiente um vicio nacional que sempre o revoltara: a familiaridade. Duas horas depois do trem seguir aquela gente toda estaria íntima, atirando-lhe perguntas. Precisava isolar-se.

Isolou-se, olhando a natureza. A noção de Teodomiro ácerca da natureza do Brasil limitava-se á da floresta vírgem, inacessível a mão humana. Logo ao deixar Campinas deante dos seus olhos estendeu-se o mar de café. Era café, pelo que êle vira em fotografia, aquelas arvores de um verde escuro, todas da mesma altura, plantadas a igual distancia uma da outra na terra rôxa. Depois, como fazendo uma barra verde gaio nos panos verde-garrafa dos cafezaes — os pés de milho, de largas folhas. A sua impressão foi por isso mesmo economica.

— Que riqueza! Como esta terra deve dar dinheiro!

Os cafezaes continuavam, agora interrom-

pidos por extensissimos pastos e por milharaes vastos, de modo que quando havia em alguma curva projeção d'horizonte, êle via a terra coberta de pannos verde escuro e verde claro. O comboio parava pelo menos de quarto em quarto de hora. Havia estações de movimento, com trens d'animaes e trens de carga sobre os trilhos e uma população irrequieta nas plataformas. Outra noção de Teodomiro era que, ao deixar as avenidas do Rio ou de S. Paulo, teria de encontrar indios e negros. Não via indios. Pretos eram raros. Mas o curioso é que o ar, a natureza, moldara tanto as creaturas que havia velhos italianos com o aspecto de caciques de taba aymoré.

— O prodigio da terra!

Insensivelmente, estava um pouco menos irritado, graças ao imprevisto dos aspectos. Então exístia de facto a prodigiosa fortuna do café? Havia na verdade como na Europa, os milharaes? E a terra ainda tinha força de mascarar os estrangeiros, de mudar-lhes a cara e de fazer dos seus descendentes um povo novo?

Entre as estações davam-se tambem pequenas paradas em sítios onde apareciam quatro e cinco casas no maximo. Via-se a paragem em atenção aos donos das fazendas. Mas,

quer nessas, quer nas estações, que se distinguiam pelas casas pequenas com letreiros enormes, dando-se por grandes fábricas, Teodomiro tinha de incomodar-se, assustar-se. O movimento de entrada e saída dos viajantes, no carro em que se colocara, era o mesmo de um bonde do Engenho Novo, no Rio, ás cinco da tarde. De facto, a zona inteira comunicava-se pela via ferrea, visitando-se, negociando, combinando, passeando. Sujeitos embarcavam dizendo: «Até logo!» Decididamente, êle viajava num dos trens Campinas-Poços, como num tramway de suburbio da sua cidade. Estava quasi a sorrir, quando, numa das estações, um cidadão de bigode, guarda-chuva e pêra, apareceu com uma pequena.

— Estará desocupado este logar, cavalheiro?

O choque fez com que Teodomiro desocupasse a poltrona das valises e indicasse outra ao cidadão. Depois, já sem poder estar isolado, ergueu-se, foi até a porta do vagão. Dois homens, o primeiro brasileiro, o outro talvez italiano, conversavam alto. Com seguro pasmo Teodomiro notou não compreender o que êles diziam. Prestou maior atenção.

— Eu adesso dai para elle que non é dos bão.

— Santa Virgine, é mesmo una dor. Oramai vae a topar elle?

— Per Deus!

Os dois falavam a correr. Teodomiro apanhava no ar algumas frases. Era a lingua daquêle povo, era o futuro novo idioma do povo que se fazia! Teodomiro fechou a porta, voltou ao seu logar, e ouviu a voz de um dos caixeiros viajantes que conversava para outro comboio:

— Estou a agradecer a vocês. Gostei imenso. Lá irei a vossa terra, ainda esta semana.

E a neurastenia não póde deixar de sentir a injustiça de pouco antes. Êsses, ao menos, os caixeiros, mantinham a sua lingua, conservavam-na fortemente. E pena é que fossem tão poucos deante da multidão já sem ter do português senão o conhecimento que um habitante da grande Grecia tem do italiano!

O comboio continuava. Pelos seus olhos continuaram de passar os cafezaes, os milharaes, os pastos — interminavelmente. Não acabariam mais? As impressões de Teodomiro quanto a paizagem em geral eram ou literárias ou mundanas. Desde que, em vez da joungle, com macacos e araras, êle tivera o imprevisto das culturas, após a admiração,

teria de imediatamente comparar e lembrar. Lembrou-se dos prados inglêses, de versos de Walt Whitman

Maravilha de Universo em todas as moléculas!
Essencia espiritual das coisas!

Achou-se idiota e ainda mais idiota o poéta. Mas os bois, repousando em torno das grandes árvores, nos pastos imensos, lembram-lhe quadros de animalistas vistos nas ultimas exposições, e os coqueiros, que de vez em quando surgiam nos milharaes, recordavam-lhe umas gravuras coloridas que representavam o coqueiro com um negro em baixo e tinham como titulo o seguinte: «L'Afrique». Depois, havia árvores de tal harmonia de linhas, de uma tão copiosa expressão de beleza que, sem comparações e sem lembranças de coisas iguaes, vinha-lhe a curiosidade de lhes saber o nome, pelo menos. Quando, porém, queria perguntar, logo o aspecto seguia recordativo e cómico. Assim, nas curvas, quando o trem passava rente ás plantações nos barrancos e de repente surgiam, entre os pés de café e os pés de milho ou as touceiras de canna, dois ou três vultos de trabalhadores. Eram exactamente as gravuras dos romances de crimes e de mistério!... Afinal,

durante uma grande extensão, a bordadura dos cafezaes renitentes e reluzentes passou a sêr de árvores cujas folhas de verde pálido, em fórma de gomos, se ligavam formando as válvulas de conchas, onde se derramava uma côr de vinho. Vistas de cima, essas árvores eram como candelabros erguendo vírides patenas molhadas de môsto. No vento que as sacudia, algumas perdiam as folhas, mostrando, agarrados os troncos, cachos negros. Era em torno da riqueza teimosa dos cafeseiros como um frizo de ebriedade, de alegria. Teodomiro queria descobrir o nome dessas árvores lindas e ao mesmo tempo receava adivinha-lo, no seu mundanismo e na sua literatura. Afinal, não se conteve. Voltou-se para o cidadão grave:

— O nome dessas árvores, cavalheiro?

— Jaboticabeiras, Sr. doutor.

Eram essas árvores! Aquellas folhas que lembravam os pâmpanos das bacanaes, aquêles cachos como de uvas, aquela beleza cem vezes maior que a das vinhas, aquêle ofertorio de parras bêbedas de sumo rôxo eram as productoras de uma fruta que êle não comera senão em criança, por não ser elegante... Que homem era êle!

Então Teodomiro pensou em Shakespeare, na velha frase de Hamlet e a sua neurastenia

fê-lo julgar não mal dos outros mas da sua pretensão. Que palermice o snobismo! Duas horas de viagem na sua terra apresentaram-lhe mais surpresas que um dia de vagon-leito pela Europa. Surpresas tanto mais impertinentes quanto deviam ser surpresas apenas para êle e para os de sua casta. Era preciso aproveitar! E, com a subitânea inconsequencia dos nervosos, Teodomiro, que desejava muito antes não vêr os companheiros de viagem, desejou subitamente observa-los, conversa-los, travar relações.

A primeira figura a quem sorriu, um rapaz gordo, logo se aproximou:

— V. Ex.ª vae para Caldas?

— Vou.

— Para que hotel?

Precisamente êle era de um hotel para o qual não ia Teodomiro. Falou mal dêsse ao qual Teodomiro se dirigia, terminando por ter a certeza de que, apesar de máo, sua excelencia não encontraria logar. Estando todos os hoteis cheios — esse estaria tambem repleto.

— E o seu?

— Refiro-me aos hoteis ordinarios. A estação está animadissima.

Teodomiro, por isso mesmo que não acreditava no rapaz, tinha o receio de se vêr de

repente abandonado, sem hotel, sem alguem para lhe tirar as bagagens.

— Em todo o caso, se não me agradar, vou para o seu...

E entrou a vêr os seus companheiros, os que seguiam até Poços. Havia, em primeiro logar, uma numerosa familia. Quatro meninas, duas quasi moças, um joven de cinto de coiro — genero sportman, a matrona e o pae. O casal era português, ela gorda, de dentes sãos e aneis nos dêdos. Ele baixo, bigode, as pernas meio curvas de estar sempre de pé a servir ao balcão. A prole brasileira era bonita. As raparigas sentavam-se com a mais moderna elegancia, isto é, de modo que a avó teria reprimido na mamã. A mamã falava-lhes a cada momento, como temendo o apetite do vagão inteiro — vagão que aliás pensava noutra coisa. O pae era uma dessas figuras activas d'animo simples e severo, cuja opinião a respeito de viagem é que a viagem não pode deixar de ser um pique-nique. Em todas as paradas precipitava-se para o apeadeiro e comprava para os filhos tudo o que se vendia: café, fruta, dôces, pães. A familia devorava, tagarelando. Que iriam fazer a Caldas?

Um pouco adeante estava um senhor pálido, de cavaignac, todo de preto, da cabeça

aos pés. Êsse depositara meticulosamente o côco negro, tirara os óculos negros e de vagar chupava um cacho de uvas, por coincidencia tambem negras. No banco da frente, um negociante, de óculos e botas de elástico, olhava, severo, tendo ao lado um rapazito que roncava. Dos caixeiros viajantes, restavam dois, perfeitamente discretos — o que é contra a opinião geral que se tem da classe. E, entrando e saindo do vagão, batendo as portas, conferenciando, sentando-se ora aqui, ora acolá, discutindo — quatro agentes de hoteis, um dos quaes ornamentava a gravata de uma inverosímil alfinete com aparencias de reflector d'automovel.

Era impossivel conversar. Mesmo a efusão neurasténica de Teodomiro hesitou. O rapazito que já lhe falára tornou com o seu ingénuo vinco de reclamo:

— Vae V. Ex.ª depois de S. João vêr o aspecto da subida da serra. Logo depois da afamada estação das aguas para beber...

O trem parava. Era o que o rapazito denominava «uma estação intermediaria». Gritos dolorosos ecoaram. Os viajantes precipitaram-se. Um grupo grave tomava o trem. O homem, magro e baço, erguia nos braços uma menina quasi moça vestida como se fosse á festa. A menina gritava:

— Meu Deus! ai! vou morrer! aí!

E atrás, a mãe chorava, erguendo um chale enorme.

Teodomiro falou ao chefe do trem.

— Maleitas, fez êste. Está grassando por aqui. Vão a S. João, que tem médico, porque aqui é um simples sítio que se chama Ipê.

— E vae comnosco? perguntou o pae sádio da numerosa prole.

— Onde havia de ir?

Era o Brasil de que sempre ouvira falar o elegante Teodomiro. Por isso, a neurastenia de novo o atacou no seu aspecto de misantropia. Encolheu-se e olhou a paizagem. Essa continuava com café e milho. Afinal, já cansava tanto cafe, tanto milho...

Só em Prado, uma estação cheia de flôres, que lhe lembrou as estações italianas nos Alpes, Teodomiro tirou as vistas dos campos. Entrava um homem gordo, e de certo conhecido na redondeza. Trazia duas malas, uma das quaes dizia ser de perfumes, « dessas coisas que servem ao apuro da higiéne corpórea ». E berrava!

— Al riverdele! All right!

Um dos agentes de hotel indagou:

— O coronel vae a passeio?

— Vou a passeio... vou a passeio, vou a passeio... vou a passeio...

— Chega, já sei...

— E' para não perguntar mais!

O vagão inteiro ria, divertido. O coronel parecia um desses malucos inofensivos encarregados de divertir o proximo. Sentou-se.

— Hum! Hum! Hum! Mylorde George, inglês!

— Coronel, está alegre.

— Hum! Hum! Hum! Mylorde George, inglês!

— Bela paizagem!

— Exacto. Exactamente. Exactissimamente.

Irritado com o homem que gritava, Teodomiro lembrou-se de uma comédia de Goldone, em que havia um velho a dizer de instante a instante: bene, bene, benissimo. Quando o alegre veneziano pensara na realidade da sua creação? Tudo no fundo é literatura. E no Brasil a literatura só pode sêr traduzida...

A locomotiva galgava a custo as montanhas. Êsse pensamento pessimista de Teodomiro podia têr uma alegre e amavel prova no que êle via — as florestas traduzidas em vulgar, as florestas feitas celeiro de café e de milho. Eram montes que se engastavam em montes mais altos formando bossas, firmando-se em vales largos. E do alto, os olhos viam a extensão inteira dos montes

com o verde macio do milho, o verde luzente dos cafezaes e, por fim, colmando os pincaros, e ás vezes descendo a pique entre milharaes e cafés — o verde negro das florestas espessas. Um cheiro morno e leve, um cheiro de enleio e de saúde vinha no ar dessas extensões de lavoura suspensas nas montanhas.

De repente o coronel berrou:

— E dizer que vi plantar aquêles pinheiros! Mylord George, inglês!

De facto. Num vale, como num viveiro, emplumava-se a espinosa resina dos pinheiros, subindo encosta acima, entre eucaliptos. E no alto, atirando os ramos de balsamo ao céu, os troncos dos pinheiros ilustravam de taças verdes o fundo cinza do céu de chuva.

— Chegámos.

Teodomiro ergueu-se, sentindo um arrepio de mêdo, uma infinita tristeza. Que seria dêle, só, sem o seu conforto, sem a sua sociedade, sem os seus travesseiros? Olhou mais, para vêr a cidade. E deante dos seus olhos viu uma enorme arvore de verde sumo, arredondando a curva dos ramos — de modo que parecia ao longe abrir-se cada folha numa flôr côr de aurora!

— Maravilha! Maravilha! Aquela arvore!

— E' uma paineira! explicou, espantado, o agente do hotel.

— Bom agouro!

— Porquê, Sr. doutor?

— Devemos ter no hotel ao menos travesseiros de paina!

Teodomiro enganou-se. Os travesseiros de Poços são os mais duros travesseiros do mundo. E, quanto ás jaboticabas, de que fez uma descrição pagã e classica, não se trata de jaboticabas mas de uma variedade feminina do mamão, — que dá oleo! Pobre Teodomiro. A vida é a eterna ilusão... Seu com o coração — *Antéro*.

VI

De Teodomiro Pacheco ao Sr. Godofredo de Alencar, homem de letras — Jockey Club — Rio.

A minha neurastenia! Perguntas se melhorei da minha neurastenia? Decididamente não conheces uma estação de cura no Brasil. E' o cáos de uma grande cidade abrindo em vício num local ingénuo. Cá encontrei toda a gente das festas e toda a gente menos boa do Rio e de S. Paulo. Duas horas depois de chegar comecei a ouvir o rumor das fichas, compassado pelos sons roucos dos ancinhos nos panos verdes. Era no hotel. Disseram-me que, se saísse depois do banho, apanharia uma gripe. Saí. E o som das fichas continuou a seguir-me. A's vezes vem de cima e parece um regato saltando nas pedras de uma cascata; quasi sempre é nos rez-do-chão e temos de costeá-lo como se ao lado das ruas fosse

molemente de encontro ás paredes a vaga de um oceano. O terrivel Aristófanes, fazendo falar os pássaros como ao pobre Eurípedes, inventava palavras onomatopaicas. Eu ouço agora a linguagem das fichas. Mais do que em Nice. Mais do que em Monte-Carlo, onde só se ouve as fichas quando se quer. Para exprimir êsse ruído seria preciso inventar, como Aristófanes, uma série de onomatopéas sem sentido. E' uma eterna e irónica musica, uma cavatina indiferente e cínica. Dá-me a impressão de Satanaz remexendo em pastilhas os ossos dos pecadores e atraindo, como um alquimista, todos os levianos que acreditam na transmutação dessas pastilhas em moédas de ouro. Pura magía. Puro delirio!

Fechei-me no quarto. Uma orquestra mandava até o quarto um tango. Fechei as janelas. Ouvi uma voz rouca de mulher cantando a *Paraguayta*. Há pegado um café cantante, á noite em função e durante o dia em ensaio. Que fazer? Conversar com D. Maria de Albuquerque, sempre amorosa, a ponto de lhe dar agora para ajudar os amores dos outros? Com Antéro Pedreira, insuportavelmente mundano, que interroga a gente, reclinado nas cadeiras e esticando os pés cansados no Meyer? Trocar idéas sobre o descanso de Caldas com cavalheiros e damas sem signifi-

cação? Parecia-me que estava numa jaula. Estive quasi partindo. Mas para onde? Com os submarinos alemães, a Europa é uma alucinante conquista. O Rio enerva-me. S. Paulo faz-me perder a calma. Para onde ir?

Depois de uma noite de insónia, tomei resoluções extremas. E' evidente que a minha neurastenia vem da falta do que fazer e da falta de necessidades. Conheci da ignorancia em que estou das coisas do Brasil desde o começo da viagem. O Brasil decididamente tem grandes problemas a resolver. Em vez de fugir ao meio ou perder o meu tempo «divertindo-me», como fazem estes cavalheiros do hotel, estou disposto a estudar aspectos para mim inéditos. Mandei buscar por telegrama os meus travesseiros — porque, apesar da abundancia de paineiras na paizagem, os travesseiros de cá são mais duros que o macadam da Beira-Mar. E saí a conhecer. O conhecimento é inutil. Êste pensamento, por outras palavras, está em todos os trágicos gregos, e depois em todos os escritores que sabem. Ainda assim, inútil, ou por isso mesmo, deve tomar tempo. Entreguei-me á rolêta, isto é, entrei em todas as tavolagens — porque jogar dá-me insónias e palpitações.

Há cinco classes de tavolagens em Poços.

A' primeira pertence o pano verde do Grande Hotel. E' a rolêta em que jogam os senhores e senhoras da alta sociedade veranista. Nada como o vício para ligar. Senhores, que não se conheciam na vespera, tratam-se por você. Há perguntas fataes:

— Então, como o têm tratado?

Há frases hipócritas e fatalissimas em todas as bôcas:

— Que se há de fazer para matar o tempo?

Os jogadores — frios como algodão gelado — preparam um ambiente amavel. A orquestra toca. Os criados oferecem café, charutos, licores, refrescos. E eu quasi me divirto com o contraste entre as caras indiferentemente bonacheironas dos *croupiers* e a agitação de sapos diante da serpente que são os jogadores não profissionaes — ministros, banqueiros, encantadores, comerciantes, advogados.

— E' impossivel têr sorte em tudo! é a exclamação quando as cédulas de cem desaparecem vagarosamente na caixa do banqueiro.

— Está dando a 1.ª dúzia. Se eu jogasse, dava a 3.ª!

Há momentos de acalmia. O pano verde — pintado por um especialista de S. Paulo, que assina o nome todo a um canto e põe entre parêntesis: vulgo Rafael — o pano ver-

de está vazio. De repente aparecem algumas fichas. E' a onda a formar-se. Logo outras. Mais outras. Sente-se o nervosismo das mãos nos *tric-tric* das fichas amontoadas. Em pouco — verdes, amarelas, brancas, azues, vermelhas, róseas — as fichas fórmam no oceano do pintor vulgo Rafael o encapelamento. E a seguir aos *trics* pespontados da bola na bacia de metal, os *rateaux* raspando os montes de fichas entre os acelerados *tric-tric* dos *croupiers* juntando as fichas.

Há homens que perdem sem avaliar o que perderam, há os agoniados e os teimosos ricos. Mas as senhoras são ainda mais interessantes. Miss Wrigbt joga a rolêta como o *tennis*. A velha Lessa põe em pleno em todos os numeros e, ás vezes, não perde. Outra joga nos dois quadros. Mas o drama é a enorme e anafada Sr.ª Machado. A velha parece jogar a alma. Como tem a cara gorda, só os olhos e a palidez indicam o auge das emoções. Não tem mais dinheiro. Creio que não poderá terminar a estação. Outro dia jogou cincoenta vezes no 27, e, quando, já sem um real, ergueu-se, cantaram: 27! Ela tornou a sentar-se, lívida — o 27!

A coisa foi tão grave que durante dois minutos o silencio planou na sala. Pensavam que a Sr.ª Machado ia morrer fulminada.

A segunda classe é o Hotel da Empresa. No velho predio, o pavilhão destinado ao jogo tem um letreiro: «Ao Recreio de Poços». E' tocante e profundamente inocente, não achas? Aí o quartel-general dos comendadores, com um ar burguez e camarada. Conversa-se. Aparecem doentes, indivíduos paralíticos, e, maciamente, alguns jogadores profissionaes. Até as meninas jogam. Um casal de velhos, cuja vida se passa nas estações d'aguas, ganha sempre. Êle grita:

— O' menina, estás ganhando?

E ela, do outro «tableau»:

— E tu, menino, como te tratam?

No meio de tanta gente destaco um joven de *pince-nez* e um velho de longas barbas. O joven deve sêr estudante, mas, se curar o sangue, jamais curará a alma. Vê-se que o jogo o empolga, que o jogo o quer arregimentar. Cada sessão em que êle perde e ganha nervosamente é um passo para o abismo. Quando termina está verde, suando, com os beiços trémulos. O velho é exactamente o contrário. Senta-se a um canto com as mãos no ventre, e olha com profunda tristeza. Chama-se Natálio e foi guarda-livros, «posto que em rapaz, em Coimbra, fizesse versos». Ha vinte anos vem a Poços. Lembra a estátua do protesto.

Fiz aí conhecimento com uma curiosa figura. Chama-se Antonio Bastos. E' jogador. A sua história daria para um dêsses contos que floresceram em Alexandria no tempo dos Selêucidas. Antonio Bastos era estudante de engenharia, filho de um major do exercito, irascível e pobre. Estava a estudar com dezoito anos quando se apaixonou por uma rapariga de quinze. Oposição das familias de ambos. Antonio não teve duvidas: raptou a menina e foi dormir a uma hospedaria. No dia seguinte casou. As familias, depois da maldição, fecharam ao par a porta. Antonio, depois de muito trabalho, conseguiu o logar de revisor num jornal. Levou assim oito mêses, revisor, com a maldição das familias e, o que é piór, quatro mil réis diarios, á espera que o dono do jornal o fizesse repórter. A mulher ia leva-lo e busca-lo ao jornal. Estava grávida. Era preciso ganhar mais. Ao lado do quarto em que moravam, habitava um jogador, o Tem-Tem. Antonio expoz-lhe a situação. Tem-Tem enterneceu-se.

— Eu não quero levar V. ao jogo. Deus me livre! Mas há no Moscovita Club a vaga de pagador. O Cambachirra quer um homem sério. Emquanto V. não arranjar outra coisa, vae «trabalhando» nisso. Vou falar com o Cambachirra. No dia seguinte, Antonio estava no

club como pagador, com oitocentos mil réis por mês. Inteligente, esperto, em pouco era senhor dos trucs, dos passes. Largou do Moscovita para fazer uma *tournée* pelas cidades de Minas, em que arranjou setenta contos em companhia do coronel Bento Arruda. Ao voltar ao Rio fez-se co-proprietario do Club dos Mirabolantes.

— O senhor há de convir que, se não se tem consideração social, tem-se pelo menos fartura.

O seu cinismo é delicioso. Conta anedotas de ladroeiras.

— Não há jogo sério, diz. Se não se ajuda a sorte, perde-se. Todo o jogo é roubado, é roubo.

— E você?

— Eu aproveito.

Soube por êle, que está aqui «estudando o campo para as manobras», coisas espantosas de um verdadeiro batalhão explorador, em que se disputa o explorado, a vítima, quasi a tiro. Cada uma das rolêtas é uma trincheira. Cinco ou seis donos de tavolagem fazem a campanha contra o grande-chefe. São as outras classes sociaes da rolêta. A propria influencia politica toma partido. E há alguns jovens *croupiers* de fisionomia calma, ameaçados de castigos, se não desertarem. Esse

aspecto de *societas-sceleris,* disputando uma estação de cura como carniça em um ambiente de pureza, em que tudo é ingénuo e macio — causa á minha neurastenia uma sensação de parada.

Ainda hontem fui encontrar Antonio Bastos sentado no Eden, club montado como os do Río. Eu acompanhava o coronel Titino, velho doido que já perde mais de trínta contos e ama com furia uma pequena *chanteuse.* Mas, não resistí: sentei-me á mesa de Antonio, que conversava com um italiano de sobretudo, emquanto as mulheres, francêsas, rumaicas, italianas, em grande *toilette,* cantavam, dansavam e jogavam na turba variada dos clientes. Quando o sujeito de sobretudo ergueu-se, Antonio segredou-me:

— Conhece? E' um judeu italiano. Vende joias. Se abrir o sobretudo, o senhor verá uma constelação.

— Então o comercio rende?

— Mesmo porque as mulheres fazem os amantes comprar e depois vendem para jogar. Vendem ou empenham. Está a vêr aquela italiana linda?

— Oh! E' a Bonleli do Rio.

— Boas peles hein? Tem um *manteau* de chinchilla. Pois parte amanhã para o Rio. O *bac* fê-la empenhar por cincoenta contos joias

no valor de mais do triplo. Nunca mais as tira. Bela depenação, hein?

Não é positivamente uma daquelas florestas da India, em que os animaes se destróem uns aos outros com fúria voraz? Não, é ao lado das fontes de enxofre que sáram dos males da Luxúria, o holocausto de todos os vícios, de todos os crimes, de todas as ganâncias, da podridão humana, ao Deus Moloch do jogo?

Talvez a imagem seja exagerada. A neurastenia deforma em aumentativo a impressão da vida. Os profétas bíblicos deviam têr sido lamentaveis neurasténicos. O facto existe, porém. Tu sorrís. A minha doença pasma. E' questão de ponto de vista.

Por isso, agora, ocupo o meu mal. Sou neurasténico na activa. E tão preocupado — que só hoje tenho tempo de escrever. Até breve — *Teodomiro*.

VII

Da gerencia da Empreza á generala viuva Alvear.

Excelentissima Sr.ª generala Alvear — Temos a satisfação de comunicar o recebimento da sua carta do p. m. findo e de pôr á disposição de V. Ex.ª impreterivelmente dentro de quinze ou oito dias no mais tardar os aposentos que deseja. A guerra européa, aumentando a concorrencia a esta magnífica estação, impediu-nos de servi-la com a possivel brevidade, tal o numero de clientes. De V. Ex.ª obediente servo — *Karl Glotonosk,* director.

VIII

De Antéro Pedreira á Sr.ª D. Lúcia Goldschmidt de Rezende — Petrópolis.

D. Lúcia, minha tão ilustre amiga — Emfim! Começou a «grande semana», como êles dizem estrangeiradamente, dando a Poços um ar de Deauville da montanha. A «grande semana» é elástica. Êste ano começou bem uma semana antes. Porquê? Não sei bem. Mas tudo assim o indica: — as pérolas de D. Maria de Albuquerque, o escandaloso decote de Miss Wright, a arrogancia de D. Eufrosina Machado, o crescente assanhamento da numerosa família Araujo Silva. Nestas «paradas» cada um retoma o seu logar. E' uma questão de disciplina. Desde que se trata de parada, instintivamente forma-se a fileira.

Mas não é só isso. Há provas mais patentes. Os magros cavalos de aluguer aumen-

taram de preço, as «charrettes» e as «cêstas» dão uma hora quasi pelo seu proprio custo; os mendigos surgem de todos os cantos e os hoteis regorgitam, desde o civilista Globo (os hoteis aqui são politicos e no Globo escapou de morrer o immortal Rui) até o veneravel «da Empresa».

No nosso «caravanserail» a agitação é enorme. Numa carta passada falei-lhe de teátro. Exactamente agora parece que vae levantar o pano. O contra-regra é o joven gerente. Falta-lhe por completo a prática. Tem, porém, vinte e dois annos, é bonito como um pagem que Murillo pintasse, esteve num ginásio de padres, onde estudou grego e hebraico, e, como diz D. Maria de Albuquerque (em êxtase), «não ha ninguem mais gentil». A gentileza de Pedrinho está em nunca dizer não, fazendo com que os hóspedes se resignem como os figurantes de uma *féerie,* ás atitudes mais incongruentes. Desde janeiro, Pedrinho, por carta, comprometera vários quartos e mesmo vários departamentos — porque este hotel é dividido em departamentos como a França, depois da revolução. Chegaram inesperadamente hóspedes, que ficaram. De modo que Pedrinho esfrega as mãos:

— Vamos arranjar! Pois não! V. Ex.ª vae ficar satisfeito.

E temos uma curiosa marca: a viagem dos hóspedes por diversos quartos. Um coronel, o tremendo coronel Titino, foi mudado emquanto estava na rolêta e quando voltou ao seu quarto encontrou no quarto uma alemã viuva, *frau* Weber, em menores. A pequena Serpa Lima (Iris, Irisette para os intimos) teve que dormir dois dias no quarto dos pais. A complicação é tal que, á hora da chegada do trem, Pedrinho, que despacha homens a Cascavel para desculpar-se por não poder aumentar o hotel — desaparece, eclipsa-se, com grande desgosto, parece-me, de Miss Wright e mágua de Dona Maria...

O incidente do coronel assustou-o. O coronel é um sujeito riquissimo, que veiu de Ribeirão Preto acompanhando uma *chanteuse* do Politeama. Grita muito, perde muito á rolêta e não dorme no hotel. Mas achou uma desconsideração não o terem prevenido da mudança.

— Eu não sou caçamba! urrava êle.

Depois houve ainda um caso piór com o Severo da Gama, aquêle jornalista milionario que é mundano. Esse encommendara o *apartement le premier janvier*. Saltou de luvas, *pince-nez* esfumado, uma colecção de *valizes*, e soube que não tinha onde se alojar. A cólera eriçou-lhe os bigodes. Pedrinho

ignorava a sua importancia, a sua justa e enorme importancia! E Pedrinho teve de pedir áquêle bondoso casal lusitano que cedesse o quarto do filho de dezasseis annos e o rapaz foi dormir com os pais para salvar Pedrinho da cólera justa de Severo — já com outro *pince-nez,* desta vez branco — o que aumentava o terror do gerente adolescente.

Não só, minha querida amiga! Chegou tambem o D. Pablo Urtigas, ministro das Filipinas. No mesmo comboio veiu Aretusa Saraiva, a violenta Aretusa, que se instalou num quarto pegado ao de D. Pablo Urtigas e que, por coincidencia, comem á mesma pequena mesa. Naturalmente partirão no mesmo dia com a admiração de todos nós pela grande e larga vida de gastos de D. Pablo...

Essas provas de que começou adiantada a «grande semana» foram crescendo de número. Por exemplo: ao jantar, os *smokings* resolveram aparecer. Em seguida ao almôço, as senhoras arvoram grandes *toilettes* de passeio e joias. Depois — coisa que me causou admiração! — afluem os «encantadores» do Rio e de S. Paulo, êsses meninos dos dezasete aos quarenta annos, que vestem com elegancia exagerada, são dados a *sports,* montam, jogam o *ping-pong* e o *bridge,* andam com os desenhos do Sem, falam francês

e têm sempre um ar muito superior. Está o Olivério, está o Guimarães, está o Flávio — rapazes que eu contava em Petrópolis. Numa das ultimas levas, em que apareceram quatro paulistas, educados em Londres (segundo êles dizem), apareceu mesmo um joven de fisionomia estrangeira, servido ao jantar com especial deferencia pelos criados. Mas misantropo — porque não se dá com pessoa alguma. Indaguei de D. Maria, excelente almanaque. Não o conhecia. Tive vergonha de perguntar aos outros. Hoje, porém, rebentou a noticia que abre a grande semana: em comboio especial chega amanhã a família da marquêsa viuva da Luz. Os criados não se contêm:

— V. Ex.ª já sabe? Chega amanhã a marquêsa da Luz!

— A marquêsa da Luz tomou três departamentos!

— Chegaram os cavalos de séla e os *chars-á-bancs* da marquêsa!

— A marquêsa traz oito criados!

Os negociantes e as suas esposas, sem a posição mundana da marquêsa, estão num estado de inquietação curiosa. Uma senhora indagou-me, a sorrir:

— A familia da marquêsa da Luz andará nos dois pés, como todos nós?

Como a Senhora não ignora, o nome de

Luz diz muito. O marquez da Luz, morto de apoplexia ha dez anos, era o Macario Luz, que fez uma fortuna colossal com alguns monopólios industriaes e comprou por duzentos contos ao papa o titulo de marquês. Deixou três meninas. Duas meninas já casaram. De modo que a familia Luz consta da marquêsa viuva e da sua filha Olga — seis mil contos com a certeza de mais varios mil.

D. Maria de Albuquerque, após o jantar, conversou comigo.

— A marqueza Justina (disse-me D. Maria com aquêle ar de não sei quantos seculos de sangue fidalgo, e já feroz no tempo de Albuquerque o Terribil), é uma boa senhora. Muito simples, muito dada. O seu trem de vida não lhe tirou as excelentes qualidades. Olga é uma criança muito inteligente, muito fina e naturalmente assás infeliz.

— Infeliz, D. Maria?

— Para ela, para mim, para você. Imagine Olga querendo casar por amor, querendo a sinceridade, e perseguida por um batalhão de caçadores de dotes... E' um velho drama, ou, se você quizer, uma antiquissima opereta. Mas sempre dolorosa para quem a representa quando tem o espirito da Olga.

— De modo que em Caldas a senhorinha Olga vem descansar?

— Se fosse possivel! Não tem você reparado na imprevista chegada de varios rapazes?

— O Olivério, o Guimarães, o Flavio...

— O Gomide, o Fontoura. Pois é um enigma facil de decifrar. Estão todos cá a aproveitar a familiaridade do hotel de banhos a vêr quem leva o prêmio da loteria, *le gros lot, mon cher.*

Nêsse momento acercou-se o gentil Pedrinho, que se dá melhor com os áres maternos de D. Maria do que com os assaltos de Agavé de Miss Wright.

— Então, que conta o nosso Pedrinho?

— Não imagina, Sr.ª D. Maria, o trabalho para preparar os departamentos da marquêsa.

— E o numero de pessoas que fazem o séquito amoroso!

— Psiu! fale baixo, fez Pedrinho apontando o joven e misterioso inglês, que aparecia fumando um enorme charuto — o tal, o misantropo, o que não entrava nos grupos.

— E' verdade, quem é aquêle sujeito que ninguem conhece?

Pedrinho tomou uma voz grave.

— E' o tratador dos cavalos da senhora marquêsa.

Minha cara D. Lúcia — a democracia americana! O palafreneiro, ou, se V. Ex.ª qui-

zer, o *lad* das cocheiras de Justina Luz, marquêsa do papa — era o *gentleman* mais sensacional do hotel!

E' possivel pôr em duvida que a «grande semana» tenha começado?

São horas de jantar. Vou vestir o *smoking*, e livra-la de uma carta cuja tagaralice ameaça não acabar. Creia-me o seu admirador e amigo — *Antéro*.

P. S. — Na sua ultima carta mostra curiosidade por Teodomiro. Que lhe posso dizer? Teodomiro está um selvagem. Disse-me que, para curar a neurastenia, estuda a cidade, o fenómeno da civilização na montanha. Não procura os nossos grupos, que êle considera nevrálgicos. Só hontem fixou-se no hotel com o médico a examinar o homem que não come — acontecimento engraçado de que lhe contarei o fim na proxima carta.

IX

D. Pedro Glotonosk á generala Alvear.

Ex.ma Sr.ª generala — Tenho o desprazer de lamentar profundamente não poder obedecer ao seu aviso nêstes próximos trinta dias. A guerra européa, aumentando a concorrencia a esta magnífica estação, força-nos a recusar hóspedes — a menos que não se multiplicasse o hotel três vezes. Se V. Ex.ª quizesse ir para outro hotel, ainda assim era impossivel, porque estão todos cheios actualmente. Pedimos a V. Ex.ª, com as nossas desculpas, que, caso queira dois aposentos (a vagar talvez) nos fundos do Hotel da Emprêsa, avise telegráficamente. De V. Ex.ª, com o maior respeito — Pela Emprêsa de Melhoramentos, *Pedro Glotonosk,* gerente do hotel. »

X

De Iris Lessa a Baby Torrezão — Estrada Nova da Tijuca — Rio

Baby — Recebi a tua carta. Que me importa que êle fale de mim? Não lhe ligo a mínima importancia.

Nunca pensei mesmo em casar. Divirto-me. Tenho dezaseis annos e muito tempo para ser mãe de familia. O meu desgosto foi um simples plano para virmos á «grande semana» de Poços de que me falava tanto o Flávio Mendonça. Não imaginas que vida! Sou muito amiga de Miss Wright, acompanhada sempre daquela criada que não fala. O nosso bando é de primeiríssima. Flirts, minha filha, nem se conta! Uma perpétua festa. Dansas. Passeios. Gladys obriga-me a dois banhos por dia.

Tem uma enorme simpatia por mim. O Flá-

vio está-me ensinando a *dansa das trincheiras,* uma dansa especialmente para *garden-parties* ou *cotillons*. Vamos indo. Pelo próximo correio mando-te um dos nossos grupos, tirado pelo Sr. Nogueira, homem muito amável. Devias vir.

Chegou a marquêsa da Luz. Gente muito chic. Agora é moda almoçar no Eden, onde pela madrugada não entram as familias. Cóme-se excelentemente. Muito melhor que no hotel. E tem um ar de proibído, tem *pimenta!*

Saùdades a todos os que perguntarem por mim. E diz áquêle gabola que não seja parvo. Beijos de — *Irisette*.

XI

De D. Maria de Albuquerque á condessa Hortencia de Gomensoro — S. Clemente — Rio.

Minha querida amiga — Sinto profundamente que não possa vir aproveitar esta temporada de Caldas. Com a guerra, tornou-se talvez, pela primeira vez e pela ultima tambem, um ponto unico de reunião, em que se encontrariam todos os brasileiros, provavelmente nos quatro cantos da Europa, se não fosse a conflagração. Não há confôrto; há a nossa sociedade. A segunda compensa a falta do primeiro. E eu conseguira do gerente uma coisa impossivel quasi: guardarem-se dois aposentos.

Com a idade, vou ficando cada vez mais brasileira e mais firme em alguns conceitos fóra da moda. Assim, aquêle meu principio

de que a sociedade é tudo para um país, impõe-se. Eu, que recordo o tempo áureo do segundo império, faço o possivel para que a primeira Republica com êle se pareça. E, reunindo um grupo muito distinto no Hotel, sinto verdadeiramente a falta que a todos nos faz a sua graça, tão refinada e empolgante.

O nosso grupo consta do jornalista Severo da Gama, um *causeur* excepcional, cada vez mais monarquista; de Justina da Luz, tão ilustre e cada vez mais môça; de Olga, sua filha, de Aura Sanches, com o marido, sempre elegantissimo; de Olivério Gomes, Fábio Guimarães, Flávio. Vejo-a sorrir ao lêr os nomes dêstes três rapazes. Realmente êles não vieram para a estação, e sim na possibilidade de um casamento excepcional pelo dote, quando o casamento seria admiravel não pelo dinheiro, mas pelas qualidades de espirito e de coração da dona dos milhões. E' pêna que os rapazes de agora, mesmo os que têm o supremo bom gosto de não trabalhar, sejam tão sêcamente práticos, a ponto de não perceber a sensibilidade daquela a quem cortejam. Olga tem conversado comigo conversas quasi confidenciaes. O aspecto ávido da realidade deu-lhe a reflexão amarga. Pensa como gente grande e é *tout bonnement* uma ingénua, como todas nós infelizes mulheres. Da lista

de pretendentes o Flávio desérta, dominado pelo diabolismo de Iris Lessa. Há o joven consul rumaico Gotosk, há o deputado Cerqueira ao longe. O Fábio, o Gomide, o Olivério, degladiam-se. Creio que só o ultimo poderá ter esperanças e se andar com juizo... E' possivel, porém, Olivério com juizo? Cheio de inteligencia e de planos fenomenaes, com um *aplomb* vertiginoso, seria um estratega (desculpe o termo em tempos bélicos) de primeira ordem. Na execução o seu temperamento não se contém e êle estraga com extravagâncias o que fez com habilidade. Conheço-o desde criança e sei o trabalho que o senador Gomes tem tido com êle, principalmente depois de o fazer 2.º secretário de legação.

O secretariado dá nêste momento a Oliverio não só meio de prégar mentiras com aparencia de verdades, como enorme superioridade sobre os outros. Ouvi-lo falar é um regalo. Esteve em Londres. Todo o *green-book* é seu intimo. Esteve na Russia. Palestra de embaixatrizes e de embaixadores. Esteve em Paris e foi fatalmente visitar Rostand, em Cambo, como todos os jovens *snobs* dos dois hemisférios. Outro dia fês quasi um folhetim acerca de Rostand, de M.me Rostand, do pequeno Mauricio, que lhe dedicou um li-

vro. Para Olga, que recita Rostand e sonha com a vida das côrtes, é definitivo...

Olivério, porém, não se contenta com a influência externa. Admiro muito o modo por que o Olivério se insinuou na amisade de M.lle Hobereau, a velha dama de companhia. E' patente que, se Olga fizer alguma referencia a Olivério, na intimidade, M.lle Hobereau é um aliado de indiscutível valor.

Dizem, porém, que Olivério deixou em São Paulo uma pequena andaluza e que a andaluza póde de repente surgir. Será ela bastante sagaz para não perturbar o futuro de Olivério? Descreio muito das hespanholas e principalmente das andaluzas. Mais ainda da força de vontade de Olivério. Êle está, assim, inteligente, comportado — porque não tem um real. Segundo um verso antigo, usa de tudo fiado para depois o pai pagar. Já nos ofereceu vários almoços e passeios, e não paga um ao barbeiro. Outro dia dei-lhe alguns conselhos. Sabe que me respondeu?

—D. Maria, quem pensa em dinheiro, quando gasta, nunca terá dinheiro. Veja. Don Pablo ministro das Philippinas. Tem menos do que eu, que ainda tenho esperanças e um pai exemplar. E gasta muito mais. Quanto á minha *liaison* (êle diz em francês, porque ficou assentado no Brasil que os maiores hor-

rores ditos em francês são elegantes), eu sou unico? Todos quantos chegaram a Caldas, casados ou solteiros, ou fizeram por ahi *adenda* ou mandaram buscar por telegramas *ses bonnes amies*.

Diante disso, retraí-me e espero o desenlace.

Caldas está um encanto. Céo de turqueza, noites frias. A vida não me dá tempo de escrever. E é quasi de madrugada, ao voltar de um passeio ao luar, que lhe escrevo estas inconveniencias. Mande-me notícias. Saùdades de — *Maria*.

XII

De Olga da Luz a Guiomar Pereira — Avenida — S. Paulo.

Gui — Não te poderás queixar. Quatro dias depois de chegar já começo a escrever. E' uma doença essa de escrever, como bem nos dizia, de volta do Oriente, em Paris, M.me Lucie Delarue Mardrus. Pelo menos, quando se escreve a uma pessoa amiga, é como se o mundo, com todas as suas misérias e todos os seus egoismos, ficasse muito longe, muito abaixo...

Pedes-me *potins,* confidencias. Sou naturalmente menos dada ao turbilhão. E raramente vejo onde estão os casos possiveis de *debinage*. Em compensação, há aqui, no nosso grupo — um grupo preparado e escolhido por D. Maria de Albuquerque — o Olivério Gomes, um diplomata filho do senador Gomes. E Olivério, Gui, é um permanente folhe-

tim. Folhetim? Mais. E' uma especie de *Mil e uma noites* contemporâneas! Tem graça, tem espirito e, graças a Deus! não é pretendente, não se propõe a casar com os meus milhões. Assim, é Olivério que nos conta os *potins* da sociedade da grande semana das Caldas e nos faz a caricatura do ministro das Filipinas, que não paga a ninguem (homem feliz!), de Aretusa Saraiva, que parece a rainha das Filipinas; do Velasco Altamira, que em Caldas pretende ser o *pivot* da política.

Os passeios são sempre os mêsmos. Faço a minha equitação duas horas por dia e o nosso bando é o grande bando — o que dá côr e linha á paizagem, como diz o Severo da Gama, irritadissimo porque ainda não lhe deram um aposento razoavel, mas sempre excelente *causeur*. Olivério considera-o o *vade-mecum* da conversação. Guardei a frase, porque mêsmo M.lle Hobereau, de costume tão reservada, a achou engraçadíssima.

Manda dizer quando vens. Saùdades — *Olga*.

P. S. — Mamãi muito se recomenda, mamãi que está tão moça e tão bonita, que vai caminhando, não para parecer minhã irmã, mas minha filha.

XIII

De Teodomiro Pacheco a Godofredo de Alencar — Jockey-Club — Rio.

A minha neurastenia achou de repente aqui na montanha motivo para a perplexidade filosofisiológica.

Essa perplexidade é tão grande que não posso deixar de te expôr os motivos de tão angustioso estado de alma. Outro dia, atravessando um corredor escuro, encontro três homens de nacionalidades díversas e vaga profissão, em torno de um caboclo magro, de cabeleira, olho branco e voz melosa. O caboclo debatia-se.

— Eu só vou com o coronel! Eu sou do coronel!

Vendo-me, os homens explicaram o que estavam a fazer: queriam ser emprezários do caboclo para uma *tournée* pelo Brasil inteiro.

O caboclo, vagamente bilheteiro do Politeama e trazido de uma fazenda das redondezas pelo coronel Arnaldo, é um homem que não come. A principio, diz êle, comia pouco e fazia-lhe mal. Deixou de comer, apenas bebendo cerveja e café. Por ultimo, só toma café. A questão é o café a hora certa.

—Há mais de dois anos só tomo café!

Arrastei o caboclo para a luz. Corado, o seu prazer era enorme pela atenção que lhe dávamos.

—Sim, senhor! Não como! Pergunte ao coronel!

Saí pelo hotel a dar a nova sensacional do homem que não come. Mas de facto ninguêm deu a esse homem imprevisto a menor atenção. Todos cuidam da propria vida e não há o menor imteresse em vêr o fenómeno.

—Realmente? disse-me Antéro Pedreira.

—Pobre homem! fez o Severo da Gama.

As senhoras, então essas, foi como se não ouvissem. A abstinencia não está em moda. Um caboclo querendo se fazer notavel por não comer, deixava-as indiferentes. Fui ao coronel Arnaldo, o *sacerdos* da rolêta, que tomou um ar profundo e disse:

—Esse rapaz não come porque lhe faz mal. E' a minha mascote.

Diante dessa afirmativa corri ao médico da

emprêsa, um joven rico, o Dr. Cláudio, que vêjo sempre a fazer a barba. O joven facultativo estava com outro medico, o Dr. Polidoro, habitante do Sanatório, que passeia sempre de chapéo Chile e guarda-chuva.

— De facto, sorriu primeiro, êle diz que não come...

— Não é possivel! exclamou o Dr. Polidoro, como se o ofendessem.

— Parece-lhe?

— Tenho a certesa. Admira-me o senhor, um homem de cultura...

— Mas os santos nas tebaidas...

— Comiam ervas...

— Mas Succi...

— Comia carne comprimida. O senhor não vê logo que um homem não pode viver toda a vida sem comer? Que disparate!

— Perdão! O disparate não é meu. Estou com o doutor, em tése. Mas o homem teima em dizer que não come, a tremenda influencia do coronel Arnaldo dá-lhe mão firme e a propria emprêsa, mantendo um embusteiro ou um maluco...

A' voz de emprêsa, o Dr. Claudio interrompeu:

— Só o tenho visto tomar café!

— Hein?

— Isto é, nunca o examinei...

— Pois examino eu! bradou o Dr. Polidoro. Vim para Caldas descansar. A ciencia, porém, antes de tudo!

Após a luminosa discussão partimos os três a apanhar o caboclo Joaquim. Polidoro parecia um dos nossos íntegros juízes, daquêles que colocam a justiça acima do interesse dos amigos. Claudio estava aborrecido. Eu esperava desmascarar o pobre caboclo, que horas antes não conhecia.

— Então, você não come?

— Não, senhor.

— Porque está mentindo?

— Mentir para quê, homem? fez Joaquim, revirando o olho branco.

O Dr. Claudio (que não deseja magoar o importante coronel Arnaldo, protector de Joaquim), interveio, apasiguador.

— Joaquim, estamos todos desejosos da prova. Aqui o Dr. Polidoro vai examiná-lo.

— Não deixo.

— Então é falso!

— Eu já disse que não como!

— Mas se você não consente que os médicos provem o prodígio, que você é...

Para convencer a humanidade de sêr prodígio, o caboclo Joaquim cedeu. Levámo-lo para o quarto de Pedrinho, o gerente.

Polidoro pol-o nú. Polidoro deitou-o. Poli-

doro auscultou-o, cheirou-o, esmurrou-o quinze minutos. Depois, suspirou:

— Orgãos excelentes. Não tem nada no estomago! Você não comeu nada hoje?

— Há dois anos que não cômo. Só tomo café.

— Admirável propaganda dêsse excitante, mas mentira. Você deve comer escondido. Come pouco, talvez, mas come!

— Que necessidade tenho eu de comer escondido? Não tenho lucro em não comer...

— Impossível! Impossível!

Polidoro estava rôxo de cólera. Aquêle estômago vasío era uma ofensa á sua ciência. Pediu as micções para análise, falou nos raios X para o exame radioscópico á procura do exquisito estômago tão diverso daquêle de Esopo, e acabou, no auge do delírio científico, por exigir que Joaquim ficasse prêso dez dias num quarto para que êle, Polidoro, tivesse a certeza.

— Dou-lhe duzentos mil réis.

— Eu não preciso de dinheiro. Para quê dinheiro?

A esta extraordinária fráse não se curvou Polidoro.

— Pois fique gratuitamente.

— Quantos dias o senhor quizer, com tanto que eu tome café a horas certas! Fico já até, se o coronel consentir.

O Dr. Polidoro deixou-nos como vigias e partiu para obter o consentimento do coronel proprietário. A entrevista deveria ter sido rápida, porque meia hora depois o nobre defensor da ciência voltava radiante. Então os três examinámos o quarto. Não havia meio de chegar comida a Joaquim senão pela porta.

— Aceita?

— Aceito.

— Então até logo.

Saímos os três. Polidoro fechou a porta, guardou a chave.

— Os senhores verão...

Infelizmente não vimos o que êle desejava. Nos primeiros dias Joaquim recebia-nos com uma alegria diabólica. Estava muito bem disposto. Polidoro (examinando as eliminações) não verificou vestígios de alimento a não sêr sacarina. Daí a sua fúria. Deixou de levar o café a horas certas, de modo que, em chegando seis da manhã e meio dia, o caboclo Joaquim punha-se aos pontapés contra a porta, urrando que o matavam. O hotel inteiro, indiferente a Joaquim — foi totalmente impossível interessar essa sociedade epicurista pelo fenómeno! — julgava-nos a nós, mais ou menos malucos. Tenho a certeza de que o joven Dr. Claudio riu de nós com as meninas. E estávamos no sétimo dia da experiên-

cia, quando rebentou a notícia de outro homem, um italiano de nome Giuseppe, que, êsse, comia quanto lhe pagassem. Polidoro não deu importancia. Mas o hotel inteiro, rindo gostosamente, foi vêr Giuseppe, émulo de Gargantua.

— E' espantoso! Come bacia e meia de macarrão!

— E um cabrito inteiro!

— Quem paga o jantar do Giuseppe?

— Cotizêmo-nos! Que homem invejável!

Giuseppe instalára-se nas proximidades do hotel, numa tasca de que evidentemente se tornou sócio de indústria, após a sua celebridade mundana. Bandos de curiosos iam assistir á deglutinação gigantêsca do homem comedor. Êle dava grandes gargalhadas, cheio de saúde, magnificamente enorme e sujo. Na ultima noite da dezêna de Joaquim, acompanhei um grupo a vêr Giuseppe devorar quatro galinhas em canja, um pequeno carneiro e uma bacia de macarrão, regado tudo isso de vinho em proporção. Na tasca havia uma alegria de quermésse. Os rapazes, excitádos por aquêle estômago, que se tornava a inveja dos seus avariados estômagos, davam-lhe pancadinhas no ombro, festejavam-no.

— Êste Giuseppe!

— E' o primeiro homem do Brasil.

— E' um símbolo!

E Giuseppe gargalhava, homérico.

Fiquei tão vexado que pedi a chave ao Dr. Polidoro e fui vêr o caboclo Joaquim no seu quarto. O caboclo, sentado na cama, olhava tristemente a lampada electrica.

— O senhor dá-me café?

— Uma cafeteira?

— Basta um gole.

— Você é um idiota, Joaquim.

— Porque não cômo e ninguêm acredita? Que se há de fazer? Mas o Dr. Polidoro é um assassino, que não sabe nada!

Esta desolada entrevista deixou-me angustiado. No dia seguinte, Joaquim largou o quarto pela manhã, descompondo Polidoro, que até do café o privára. Ninguêm se apercebeu da sua reaparição. O caboclo tambêm saíra tal qual. E no *bar,* onde se sentou, não houve cliente que visse aquêle homem inútil. Estavam todos a comentar o outro, o grande, o que comia... Em compensação, o Dr. Polidoro concluiu as suas observações, um pouco como Galileu:

— Meu caro, apesar de tudo, estou convencido de que o caboclo come!

Profundo ensinamento! Perplexidade da minha alma! Não está nêsse díptico toda a vida de sempre? Joaquim, caboclo histérico,

saíu da mata e acreditou o éxito na renúncia. Giuseppe, veiu de Nápoles e devora. A multidão despréza Joaquim e paga para Giuseppe. Um homem que não come e não quer dinheiro de nada serve. E' um bôbo desprezível. Aquêle que engole mais tem a apoteose. Nada mais lógico. Quanto diria Shakespeare na pele de Hamlet diante dêsses esquelêtos com carne! E o curioso é que eu, insensivelmente, falo de Giuseppe com as elegantes do hotel e sentindo a inutilidade de Joaquim tenho vergonha de lembra-lo, de falar do homem que não come — e que de certo come!

Godofrêdo come. Eu vou comer. Vou comer violentamente. Comer ainda é o unico verbo imperial do mundo — *Teodomiro*.

XIV

De Nenem Araújo Silva ao Sr. José Joaquim Teixeira, digno sócio da firma Araújo Silva & C.ª — Rio.

Zéca — Estou muito zangada. Papai recebeu duas cartas de você e eu só ante-ontem tive a honra de ser distinguida com algumas linhas. Parece incrível, mas isso deu prazer tanto ao pai, como a mamã. Ambos são da opinião de que carta de namorado é perder tempo e que se você não escreve é devido ao balanço e aos negocios para a forração pela segunda vez êste ano de todas as repartições do Ministério da Agricultura. Como essa gente suja as repartições! Emfim eu consolo-me desde que leio nos jornais a ausência da companhia da Palmira Bastos e acredito você preso á loja. Que bom se fosse assim até maio!

E, entretanto o pai pensou adiar para junho, para o dia de Santo Antonio, o nosso casamento. Que tal? Opuz-me. Em junho faz muito frio. Não pensa você do mesmo modo?

Aqui estamos no hotel mais chic. E' uma despêsa enorme que só mesmo papai poderia fazer. Só de banho, o tal banho da Fonte Pedro Botelho, que está encanada para o hotel, pagâmos quarenta mil réis diários. Tambêm o Tito, o Loló, Junquinha, ficam horas dêntro da água azul para compensar.

Poços é uma cidade bonitinha. A principal rua, onde está o nosso hotel, é como em Petrópolis e no Mangue, dividida por um canal. Quasi todas as outras ruas são em subida. Quasi ao lado do hotel fica o mercado, muito enjoado — onde papai tem a mania de levar a gente para comer mamões. As diversões são muitas. De manhã os passeios de *charrette*. Sômos nós mesmos que guiamos. Os cavalos vão direitinhos para onde querem. Conhecem a cidade. Judit outro dia virou da *charrette* e caíu num capinzal. Logo um môço que é secretário de um governador disse que era um «tombo bucólico». Papai pagou pelo tombo, isto é, pela mola da *charrette* quebrada trinta e dois mil e duzentos, e suprimiu *charrettes* com o pretêxto de que se o boleeiro

pedisse dois contos êle tinha de pagar. Agora andamos de carro e a cavalo.

Depois do almoço há as dansas, ora no hotel da Emprêsa, ora no nosso. Entre as dansas vêm cantoras e actores cantar árias e dizer monólogos. Nunca pensei que as cantoras fossem senhoras tão sérias.

Há por aqui meninas menos comportadas do que elas. O interessante é que algumas actrizes conhecidas aí no Rio chegam aqui e mudam de nôme. Porquê? Assim aquela contralto que mamãi aprecia: a Stella Dovani. Em Poços chama-se Conchita Lola, estrêla mundial.

De conhecidos ha o visconde de Aveiro com a viscondêssa, aquela velha surda que anda de chinelas. O visconde fala sempre nos tempos de rapaz e discute a idade de todo mundo. Está tambem o Gomide, da firma Serpa & Simões, o Antenor Sousa, e Mariquinhas Soares escreveu-me de S. Paulo, dizendo haver uma porção de gente á espera de quartos.

Tambêm estamos assim de elegantes! Uma porção de mocinhas com ares importantes e uns sujeitinhos de casaco cintado, que mudam de fato três vezes ao dia e que você com um cascudo amarrotaria. Das nossas amigas a melhor é a Denden, môça mesmo

aqui de Poços e, dos cavalheiros, o Sr. Nogueira que tira fotografias e oferece balas de ôvo. Papai engordou. Mamãi emagreceu. E só. Lembranças de todos. Muitas saùdades de sua muito do coração — *Nenem.*

P. S. — Ao seu futuro genro Sr. José Joaquim muito se recomenda Maria Araujo Silva.

XV

De Antéro Pedreira a Lúcia de Goldschmidt de Rezende — Petrópolis.

Minha querida D. Luísa — Aqui, muito em segredo: *ç'á y est!* Na minha última carta dizia-lhe o conjunto harmonioso de filhos de família da nossa melhor sociedade á espera de Olga Luz e da marqueza sua mãi. Elas chegaram de facto pela manhã, com malas de mais e criados de mais. Tambêm é o unico sintôma de menór compreensão da verdadeira distincção êsse excesso de malas e de criados. Quanto ao resto — para tôdo o hotel, impressão agradabilissima. Num dêstes *caravanserails,* quem tem muito dinheiro é obrigado em primeiro lugar a aturar e a desculpar as impertinências dos que deitam a importância de parecer amígos íntimos. Depois, é necessário andar como a pedir perdão

da grande fortúna a quantos não a têm. Uma pessôa ríca móve-se sob os olhares curiosos, como a dizer:

— Desculpem. A culpa não é minha.

Nêsse género, a marquêsa Justina, radiante de belêsa, e Ólga Luz são admiraveis. Nada daquéla póse meio infantil dos ricáços da Argentina e de que todos os grandes meninos fílhos dos seus papás abusam em S. Paulo. Os veranistas ficaram na casa de jantar á espéra da entrada sensacional. A entrada deu-se tarde, sem nada de teatral. A marquêsa apareceu por uma porta do fundo com a Margarida Peres. Vestido simplicíssimo. Cumprimentos aos hóspedes. Olga vinha á frente de Maria de Albuquerque, como esses cromos feitos na Escóssia e que alegóricamente representam *The Summer*. Toda de branco, largo chapeu, um ramo de flôres silvéstres na mão. Bem, pois não?

O acto teria sido perfeito, se Pedrínho, o gerênte, e os criados, não exagerassem os cuidados com a mêsa a que se sentara tão interessante companhia. Os veranistas que esperam de quatro criados serviço para não sei quantas mêsas, ficaram menos alegres vendo os ditos quatro criados e mais o Pedrínho á espera de que D. Justina Luz se resolvesse definitivamente pelo «viradinho com lombo de

porco». Uma das opiniões mais feitas e mais erradas na humanidade é o respeito, a humilhação voluntária diante do possuidor de Dinheiro. O mundo seria outro se nos convencêssemos da inutilidade do gesto. Não seriam, porém, os *larbins* de Poços a reformar o conceito universal. Mesmo porque das outras mêsas vários rapazes de primeira ordem, olhando Olga, estariam dispostos a esperar mais tempo, na mesma posição dos *larbins*.

Á saída do comedouro, os apêrtos de mão, e o desenho do grupo a formar-se. Vi logo a obra de D. Maria. Á tarde, podemos difinir os grupos da «grande semana». O nosso é o único com interêsse real — porque as senhoras vestem nos mesmos costureiros da rua da Paz e os homens fazem o possível para fingir a peça francêsa do boulevard. Assim, depois do teátro, emquanto se valsava no salão, houve a verdadeira organização do programa de diversões. Os jovens elegantes tivéram idéas e assim a ocupação das manhãs foi logo feita. A primeira manhã, deliciosa de azul e prata! — foi a cavalgata ás cascatas. No frenesi de passeios matinaes que dá á porta do hotel um ar de bazar do Levante, eu desejaria que D. Lúcia visse o nosso grupo, os rapazes admiravelmente bem montados. Olga ultracromo escossês num ardente cavalo inglês,

a marquêsa Justina de amazona nêgra, a Margarida Peres de verde e D. Maria de cinza com um maravilhoso costume. Que arte a de Dona Maria para valorizar os seus cabêlos de prata! E junte a essa luzida companhia as casacas vermelhas dos tratadores dos cavalos da marquêsa, que aparecem com as librés como na estação hípica de S. Paulo... Estou a vêr D. Lúcia sorrir:

— Grande snob!

Sêja. Tenho discernimento para considerar tudo isso frioleiras. Mas tambem não me posso furtar ao prazer de me sentir de outra espécie, em frente do visconde de Aveiro, da consorte e de outras respeitáveis criaturas que assistem á nossa partida, sentadas em cadeiras de vime, à porta do hotel.

Para vêr as cascatas tivémos de desmontar e descer um verdadeiro despenhadeiro, ao cabo do qual há um «bar» ao ar livre onde a nossa sociedade encontrou um bando de damas, artistas, cujos nomes vêm nas gazetas e que todos os homens conheciam. Essas damas operaram uma retirada com muita arte, de modo que as amazonas puderam ir até à primeira cascata e de aí até à grande sem encontrar outros entraves a não sêr, no fim, D. Pablo, ministro das Filipinas, com Aretusa Saraiva.

As cascatas de Poços não são o Niagara. Mas dão uma linda impressão de fôrça e de violência com os borbotões de espuma a rumorejar, rasgando-se nas rochas, caíndo em grandes trombas. Uma névoa álgida envolve-nos. Olga queria ir até uma pedra bem no meio do espadanar colérico das águas. Os jovens pretendentes precipitaram-se a dar-lhe a mão, a ajudá-la. Olga recusou. Só o Olivério Gomes não se aproximou — porque, de repente, se lembrára de recitar versos inglêses, versos dos poétas lakistas.

Nêste momento tive uma idea. Olhei D. Maria. Ela sorria, encantada. Olhei a marquêsa Justina. Tambem sorria. Olhei Olga. Estava séria. E concluí, minha cara D. Lúcia, que na côrte de amôr fatal onde se encontre Olga com os seus milhões, o Olivério encontrára um grande aliado: D. Maria de Albuquerque, a estrategista. Não me enganei. Olivério é muito inteligente, mas estouvado. Poderia brilhar, mas cometeria a *gafe* fatal. Assim, só obedecendo a um hábil general, poderia manter aquêle papel, que até agora conserva.

Mantêl-o-á até ao fim? *Chi lo sá?* O facto é que, até agora, as probabilidades são suas. Insensivelmente, Olga da Luz prefere esse camarada cheio de espirito, contador de coisas imprevistas aos outros muito bem vestidos,

mas com a preocupação visível de se mostrarem candidatos. Outro dia, no salão, êsses rapazes quasi se atracam para dançar com Olga. Olivério mostra-se cansado da vida, e como a conversa trazida por D. Maria fôsse de comentário em torno do divorcio de Aretusa Saraiva, êle teve opiniões graves.

— Casamento é uma coisa séria. O melhor é não casar.

— Porquê?

— Para não têr dúvidas quanto aos sentimentos da mulher.

— Ora esta!

— E' o que eu lhes digo. As mulheres deviam pedir os homens em casamento. Só assim os homens não temeriam.

— Espera ser pedido?

— Espero não casar. Eu seria insuportavel.

Considerado assim o exemplar, ainda esta manhã deu-se um facto que deixou de cara à banda a série de candidatos ao dote. A marquêsa Justina não quiz saír. D. Maria tambem não quiz. Mlle. Hobereau estava com enxaquêca, e a mocidade desejava acompanhar a cavalo Olga da Luz — até à Caixa de Água. Fôram pedir o consentimento à marqueza, que tranquilamente disse:

— Consinto, se o Dr. Olivério Gomes fôr, ou se o Dr. Sevéro da Gama acompanhar...

Sevéro da Gama dormia. Olivério não foi encontrado. A mocidade ficou furiosa e partiu sem Olga. Olga ficou lendo um livro de versos, a meu lado, no saguão. E, de repente, aparece Olivério em trajes de montaria, sabe do caso, dando gargalhadas.

— Estou desmoralizado! Um homem que não é perigoso. Decididamente envelhêço!

— Olivério, porque há de ser impertinente!

— Com quem?

— Com o Antéro, que é mais velho!

— *Merci*... fiz eu, sem que me ouvissem.

— Mas, se quer, ainda podêmos apanha-los num bom galope.

— Sério?

— Sério.

Vinte minutos depois Olga e Olivério, como se diz nos romances, desapareciam ao longe numa nuvem de poeira. O casamento, D. Lúcia, que problema e que mistério! Mande-me notícias suas. Há uma semana não sei o que se passa em Petrópolis. Póde, porém, crêr que a informarei das novidades do nosso caso. Não lhe parece interessante? Com amisade.
— *Antéro.*

XVI

De Pedro Glotonosk à generala viuva Alvear

Ex.ma Sr.a generala—Sou intérprete dos sentimentos da emprêsa perante V. Ex.a por não poder arranjar os quartos, que fôram inadvertidamente prometidos. Os veranistas que têm vindo de S. Paulo, depois da carta de V. Ex.a, vêm sem apartamentos. O hotel está cheio. Os anexos tambêm. Os outros hoteis estão sem um aposento e V. Ex.a sabe o que êles são. O próprio quarto dos fundos do Hotel da Emprêsa já foi cedido ao Sr. Mataranato, de Coritiba. Previno a V. Ex.a para não se abalançar a uma viagem incómoda. Logo que vague o primeiro quarto, telegrafaremos a V. Ex.a—Pela Emprêsa de Melhoramentos—*Pedro Glotonosk,* gerente do Hotel.

XVII

De Stela Dovani a M.lle Marta Dovani — Sacré Coeur — Petrópolis.

Minha santa — Hás de estar assustada pela falta de cartas de tua mamã. Perdôa. Sabes bem que o meu único pensamento é a minha filhinha do coração. A vida ainda tem uma porção de contingências que nos separarão algum tempo. De Ribeirão Preto, onde finalizava o meu contracto, fui chamada a Poços de Caldas por dezoito dias. Era um oferecimento vantajoso. Com o Europa em guerra e o Rio sem teátros sérios é melhor aproveitar as «estações» que pelo menos pagam regularmente. Fui recebida pelo público de èlite, a melhor sociedade do Rio e de S. Paulo, com o respeito e a admiração a que gente tão distinta me acostumou. Alêm de sêr o grande número constante do Politeama, as principais famílias conseguiram que eu me

fizesse ouvir nos chás dos principais hoteis, que são dois. Assim triplico as vantagens do meu contracto e provávelmente terei uma festa artística sem precisar passar os bilhetes. Aqui o clima é muito bom, o céu muito lindo e a mamã da filha querida vai passando graças a Deus com saúde.

E tu? Bem? Muitos progressos? A tua carta recebida em Ribeirão e escrita em francês deu-me muita alegria. Aproveita. Prepara-te. Estuda. Ouve as irmãs e os seus bons conselhos. Elas são tão dignas, tão dôces, tão amigas! Quando voltar ao Rio, que há de ser lá para o fim de abril, pedirei oito dias para estarmos juntas e conversarmos muito, muito. Tambêm é só mais três anos dessa separação. Depois, nunca mais nos deixaremos. A cantora vai só cantar para o seu coração, não é?

Podes escrever para esta cidade. Uso aqui o mesmo nome que em Ribeirão. E' melhor. Tenho menos responsabilidade. E ninguêm depois poderá dizer que para ganhar honradamente a vida e por falta de teátro Stela Dovani fêz os teátros pequenos das estações de água... Adeus, meu tesouro. Pensa em mim. Reza pela tua mamã, anjo da minha alma, meu único bem. Beijos. Beijos. Beijos. Deus te abençôe.—*Stela.*

XVIII

José Bento, secretário dos Oleps a Justiniano Marques — Pensão Buckarest — S. Paulo.

Justi — Não tivesse eu família e dois filhos da Olga, e mandaria ao diabo êste serviço de secretário de *tournée*. Se conseguir terminar com algum lucro os Oleps, estou decidido a ficar no Rio e a viver do esfôrço da minha pena, embora mais modestamente. Meu irmão, que trabalheira! Êsses «artistas» são piores que crianças pequenas e teimosas. Você sabe o Oleps? Parece que era barbeiro e dansava nos Fenianos maxixe. Num dos concursos carnavalescos que o Loló empresário arranjou no Recreio tirou o primeiro prémio, dado por um júri de repórters camaradas de Loló. Depois, pouco depois, estava num club da rua do Passeio, dansarino da casa, com a ceia a dez mil réis por noite. Era melhor que a barbearia. No club dansavam as

quatro russas virgens que um empresário abandonára no Rio com o tutor, um velho gordo, sempre com o chicote escondido no sobretudo.

As meninas russas de perna de fóra resistiram a todos os gabirús. A Natoucha, quando o Oleps não tinha par, aprendia com êle o maxixe. Oleps é magro e mole como uma minhoca. Usa unhas compridas. Inventou o maxixe serpente e o maxixe-tréme-tréme. Ao cabo de dois mêses Natoucha casou com Oleps. Êle diz sempre: «Minha senhora!» quando a ela se refere. E ela, que é de uma estupidez inacreditável, quando fala dêle diz: «Meu senhorra». No fundo, pensavam ambos fazer um bom negócio com o casamento e dessa opinião devia ter sido o tutor do chicote. Mas Natoucha é de uma honestidade de escrava e Oleps é de uma burrice de cavalo. Ao saír do club, que estava farto de agüentar a lua de mel, ninguêm os quis. Passaram fome, foram postos fóra de várias pensões sem pagar. Devem-me a mim, à minha inteligência, ao meu trabalho — tudo!

Por pena dêles deixei de auxiliar o Loló, de fazer as minhas revistas, para trazê-los por aí. Sem a minha influência teriam sido vaiados. Já pagaram todas as dívidas. Oleps pode levar mesmo um saldo.

Aqui, alêm dos vencimentos magníficos — só dos vencimentos podem forrar uns oitenta dos quais a metade é minha — arranjei-lhes sessenta mil réis para dar a cara como «farois» na rolêta. A situação é ótima.

Mas sabe você a recompensa do meu esfôrço?

O Oleps, em vez de jogar de brincadeira, vendo se fica pelo menos com uns déz por dia, o Oleps joga de verdade, joga do dêle. Acabados os sessenta, puxa do dinheiro ou pede-me. A princípio ganhou. Mas ante-ontem perdeu trezentos e ontem duzentos. Fiz-lhe uma cêna. O miserável disse que o dinheiro era dêle e que se eu não o désse, deixaria de dansar. Estou quási a cortar. Haviam de ficar bem os desgraçados! Só não o faço porque me prejudicaria no momento, principalmente quanto ás minhas relações aqui.

Ao demais não são apenas êsses os incómodos. Temos o André, o nosso conquistador. Com o peito empinado como o de um perú, aquela cara de esbórnia permanente está sempre a sorrir, à espera de que as sultanas lhe atirem o lenço. E' decididamente maluco. Mas há sultanas para tudo. No Politeama, apesar dos sorrisos e dos olhares — parece que as senhoras da alta sociedade não querem dêsse género. No resto, prendo-o eu,

levando-o à realidade a cada instante. Obstarei ao escândalo?

No elenco do Politeama há uma pequena magrinha e morfinómana, Ivete Rip, que veiu de Ribeirão Preto.

Canta como uma siringa. André impressionou-a. Anda em tôrno dela. Não haveria mal nisso se não houvesse a acompanhá-la o coronel Titino Jurumenha, fazendeiro riquíssimo e caipira autêntico. Tem cinqüenta anos, é forte como um touro e ama, tambêm como um touro, a pequena. Ainda o mês passado mandou o filho ao Rio para comprar «umas bichinhas» para a Ivete. As bichas custaram doze contos e o pequeno gastou mais vinte, tomando uma indigestão de Ivetes.

— Rapaziada, diz-me Titino. O rapaz tem para gastar. Saiu ao pai. E' meu filho.

Porque o coronel é meu camarada. Tive que me fazer seu admirador para vêr se obsto á scena em perspectiva. Titino reparte-se entre Ivete e a rolêta. Perde em ambas. Mas não se afasta nem de uma nem de outra e da Ivete tem um ciume de meter mêdo.

— Que espécie de mocinho é êsse seu André? — indagou êle.

— Excelente rapaz, coronel. Filho de muito boa família.

— Que família?

— Do Dr. Miranda, proprietário de terras na Gávea.

— Ah! E está cantando?

— Rapaziada. Não vê o coronel que êle brigou com o pai...

— Êle parece que gosta muito das pequenas...

Depois dessa conversa, que eu comuniquei logo ao Miranda, imagina o que êle faz? Á saída do Eden estava uma aranha para ir beber água à fonte Quinze. A Ivete aparece só, mostra vontade de aprender a guiar, e o Sr. Miranda vôa com ela estrada acima, nas minhas barbas!

O coronel ainda estava em cima, perdendo à rolêta. Tive a esperança de que não soubesse nada, pois dali saíria para jantar no hotel. Tomei outra aranha e fui no encalço do malandro e da tipa. Mas, apesar de voltarmos os três, eu no meio dos dois, para que o coronel não tivesse nem suspeitas, ontem no «bar», antes de começar o espectáculo, Titino sentou-se á minha mesa com ar carrancudo.

— Então deram o passeiosinho?

— E' verdade, coronel. Como D. Ivete quizesse aprender a guiar, não o quis incomodar ao jôgo, e démos uma volta. Entre colegas isso é comum.

— Você é um homem sério que não faz maluquice.

— Coronel, eu sou casado, com dois filhos menores. Depois, respeito muito o coronel.

— Mas foi com vocês aquêle mocinho atrevido.

— O André. Colega, o senhor sabe...

— Sim, êsse. Olhe. Êle anda fazendo roda a Ivetinha. Ela é fraquinha. Eu não fico zangado com ela. Mas se êle não parar com o jôgo, dou uma sova nêle...

E' esta, Justiniano, a perspectiva de éxito da *troupe* em Poços: de um lado, a ruína no jôgo, de outro, a sova do coronel com escândalo. Escrevo para desabafar enquanto os cachorros estão a fingir de artistas. Que saírá de tudo isto? Lembranças a todos — *Bento.*

XIX

De Teodomiro Pacheco a Godofredo de Alencar — Jockey-Club — Rio

Os extraordinários conhecimentos que a vida me tem proporcionado nesta vilegiatura de neurastenia activa devem-te ter feito rir. Os progressos são de tál fórma alarmantes que não posso furtar-me ao desejo de t'os comunicar como um castigo para a minha passada inconsciência, como um castigo para quantos egoísticamente ficam neurasténicos, esquecendo o pobre drama da humanidade. Depois do caso amargo do caboclo Joaquim, resolvi não tomar banho no hotel, que vários médicos — por uma questão de luta politico-comercial — consideram menos eficiente. Vou todas as manhãs a Macácos ou às Têrmas. Os banhos aí são dádos em antiquissimas banheiras de páu ou de cimento, cuja higiéne, se não

fôsse a água sulfúrica, deixaria muito a desejar. Mas aí às horas do banho reúnem batalhões de todos os hoteis, dos variados hoteis, pensões, hospedarias da cidade de cura. E eu tenho o prazer macábro de desiludir-me, de vêr a intimidade de uma porção de desconhecidos.

Não há elegantes. Em Macácos predominam as mulheres donas de uma vida que denominam alegre. Nas Termas, homens de trabalho que sobem a montanha por necessidade. A tarde, quando vejo os cavalheiros bem vestidos, rindo nos passeios ou conversando nos salões da rolêta; à noite, quando encontro, pintadas e estridentes, em tôrno das mesas de «bar» ou de campista, as damas — lembro-me das manhãs. Vês aquele rapaz que dá gargalhadas? Foi retirado de uma banheira quási morto. Vês aquéla linda mulher, cheia de jóias? Inteiramente perdida. Os consultórios dos médicos ligados às Têrmas lembram os teátros nos dias de enchente. Os facultativos mais práticos põem em fila os clientes do mêsmo mál e ministram-lhes sucessivamente a mesma injecção. Horror! São artríticos, reumáticos, gafentos, ulcerados, avariados — o pobre mundo, o terrivel mundo...

Saio dêsses lugares desanimado. Para quê a vida? Porque êsse amôr à vida, êsse ape-

tite de mentira de existência sem saúde, propagando o mal? Que prazer haverá em viver assim, parecendo são de corpo?

Ora, outro dia fui dar um passeio a pé, com umas senhoras e uns cavalheiros. Era à tarde. Ia connosco, de chile à banda e guarda-chuva debaixo do braço, o cientista Dr. Polidóro.

As senhoras, de vestidos claros e rendados, arvoravam, na ensolada poeira de Caldas, sombrinhas de côres vivas; os homens estavam de roupas leves, com as ábas dos panamás rebatidas, os sapatos brancos cobertos de pó da estrada, e o bando evoluíra assim, de parada em parada, entre risos e frases feitas para os risos.

De repente, Polidóro pára, e Polidóro diz:

— Querem os senhores coroar esta passeata com a visão do Terrivel?

Nos olhos das senhoras houve uma luz de curiosidade. As senhoras são bondosamente perversas. Há mais crueldade num coração de dama caridosa que na mais feroz alma de *apache*. Os homens ficaram indiferentes, salvo o alegre coronel Pereira, que ainda mais alegre ficou.

— Pois vamos a vêr essa visão terrivel!

E instintivamente acompanhámos o cavalheiro cruel até à porta de uma cabana. Aí o bando parou.

— Os senhores entram, instruiu o revelador da grande sensação, como um empresário preparando os aplausos para o espectáculo; os senhores entram, dão à nétinha que déla cuida qualquer coisa e tenham um ár triste. Ela fála pouco e aceita esmolas.

— Ela, quem?

— A velha, homem, a minha visão, a tia Rita. Uma mulher, que há vinte anos não se move e até hoje espera a cura na mesma posição! Um espectaculo horrivel! Entrem...

Pela redolência verde escura das curvas das cochilas, a tarde desfazia-se em reflexos de nácar e de madrepérola. Um carro de bois passava, lento, o chiar àspero das rodas arrastado por oito juntas de ruminantes magros. Entrámos, acostumando os olhos ao novo ambiente e distinguindo aos poucos, entre as quatro paredes de barro e madeira enquadrada, um fogão de tijolo ao fundo, um oratório com a Senhora da Conceição, uma pequena mesa e dois surrões de couro. Do monte de cascas de milho que enchia o meio da sala surgiu, á nossa entrada, a figurinha magra de uma menina. Ardiam-lhe os olhos como se tivésse febre. Olhou-nos, sorriu, meteu as mãos no casabeque e bradou:

— Vóvó, gente!...

E correu para um dos surrões.

Os nossos olhos distinguiram então a visão que o cavalheiro nos quiséra impôr. Era uma velha macróbia. O reumatismo tinha, como um pôlvo, manietado por completo a pobre. Lentamente, a pouco e pouco, pegára-a pelas extremidades, deformando-lhe a princípio as mãos, depois os braços, depois as espáduas, depois o pescoço, para, finalmente, grilhetear-lhe os membros inferiores. Ela estava sentada, isto é, um único pedaço da magra anca indolorida sentava no surrão. O pescoço voltava-se sempre para o poente; os cabêlos empastados e em desordem coroavam-lhe a face lívida, invadida, nas pálpebras pesadas, pelos xantêmas da velhice; os olhos guardavam como um fugitivo fulgor, e a respiração ofegante mostrava-lhe na pele sêca da garganta o bater descompassado das artérias. Uma das suas mãos tinha os dêdos todos voltados para cima, emquanto na outra cada nodosidade das falânges tomava um geito diverso — de modo que toda a mão deformada lembrava a curva rebentada de uma garra numa suprêma contracção. Mas essa mão, assim torcida, era ainda mais horrenda, era como se tivesse saído de um brazeiro. Tomava-a por inteiro uma vermelhidão sanguinolenta, em que as empôlas de dimensões estranhas se encadeavam braço acima, guardando um liquido viscoso e

purulento, que em umas escorria murchando e enrugando a pele e em outras tumescia com brilhos baços. Entre os dêdos, que a anquilóse abria naquêle perpétuo gesto esfacelado, as empôlas cresciam do tamanho de nozes, e algumas abrindo purulavam, deixando vêr a nauseante epiderme.

A pobre mulher tinha uma perna estendida e meio núa. Era de uma côr amarela, com uma série de placas córneas e negras de vários feitios; e essas placas, salientes, atrozes, pareciam ligadas por finas arborizações que se alastravam sobre a pele, numa delirante hipertrofia papilar.

Era assustador. Parecia que todas as pragas, todos os castigos do céu, todas as inclemencias da natureza, haviam desabado sobre a mísera velha em pustulas e anquiloses num colossal martírio de vinte anos.

Diante daquêle espectáculo entretanto, dois sentimentos apenas floriam nos nossos belos corações: — o nojo e o vago terror fatalista de que talvez viéssemos a sofrer a mesma coisa. As senhoras, murmurando frases de pena, que eram como o esconjuro contra o mal, foram dando á pequena notas de banco que a mãosinha ávida logo fazia desaparecer; os homens consultavam a algibeira, convencidos de que para toda aquela tra-

gédia o dinheiro era um bálsamo de primeira ordem...

Foi então que o Polidóro deu á voz um tom meigo e indagou:

— Como vai tia Rita?

— Mal, meu senhor, mal... Eu sofro muito.

— Isso ha de passar. Não há mal que sempre dure... Nós somos da cidade, nós somos banhistas. Viémos fazer-lhe uma visita, ouviu?

— Ouvi, sim, meu senhor...

— E eu aqui falo em nome das senhoras. Que deseja a tia Rita?

«Diga, vamos... Terá tudo quanto desejar...

Houve um silencio. Duas lagrimas rolavam pelas faces trágicas.

— Diga, insistiu o sujeito. Qual o seu maior desejo? Já lhe disse que terá tudo quanto quizér — dinheiro, uma casa, médicos, tudo tudo... Estas senhoras são as fadas do bem.

De novo o silencio caíu como chumbo. A mão entumescida da velha parecia saír das chamas num desesperado apêlo, e pelas suas faces magras outras lagrimas rolavam.

Aquilo virava numa farça demasiado lúgubre. Um travo de angústia já me secava a garganta.

— Está zangada, tia Rita? Fale. Todos nós temos no íntimo de alma um grande desejo,

cuja realização julgamos sêr a suprema ventura.

«Diga o seu.

A velha voltou para êle o olhar — Um olhar inexprimivel, profundo, terrivel.

— O meu desejo, meu senhor, o que eu mais quero no mundo? Ninguêm daqui me póde dar. Só Deus — Deus e Nossa Senhora.

— Ah! já sei, é a saúde.

— Não é. Deus quiz que eu ficasse assim, mas eu ainda escuto, eu ainda falo, eu ainda vejo os meus bons senhores e estas senhoras bonitas. Deus é bom...

Um estranho sentimento nos apertava o coração. A velha começava a impressionar.

— Mas então, com a breca, tornou o sujeito, curioso e indiferente, então que é?

— O meu desejo... V. S. quer saber o meu desejo?

E, de repente, num soluço que lhe levantou o magro peito e lhe deu á face uma contracção convulsa de dôr, num soluço em que me pareceu vêr a ância de toda a humanidade sofredôra, e esse misterioso e potente sentimento que amarra à existencia o sofrimento: num soluço que era um mundo:

— Só Deus... eu quero viver!

— Mesmo assim, tia Rita?

— Mesmo assim... eu tenho mêdo de mor-

rer! eu quero viver! viver... viver... mais... mais... mais!

Aquela velha, entrevada quatro lustros, coberta de dermatoses flageladoras, ofegante, com setenta anos, sem esperanças, sem alegrias, sob a inclemencia hórrida da fatalidade, temia a morte, queria viver mais!... Todos nós estavamos frios, angustiados. As senhoras foram saindo em primeiro logar sem dizer palavra. Na miseravel cabana as saias de sêda faziam, sob as rendas leves dos vestidos, um «ruge-ruge» discreto. Os homens não podiam falar.

Tia Rita ficou só, silenciosa, imóvel como há vinte anos, olhando a porta, por onde partia toda aquela gente que andava; ficou só, velha, gasta, flagelada, agarrando-se à escarpa da vida, que lhe não déra senão dôres. E, fóra, em tôrno, como para perdoar o seu desejo tremendo, no ár suáve, perfumado de odores silvestres, na preguiçosa nostalgia daquêle crepúsculo de cadmiun e prata, estriado das luzes de que a electricidade coagulára a vida, a natureza cantava um hino, que era um segrêdo e uma apoteóse, um hino excitante como uma fanfarra, enlanguescedor como o abemolado som de um violino ao longe — a única, a deliciosa, a suprema ventura de viver...

XX

De Antéro Pedreira á sr.ª D. Lúcia Goldschmidt de Rezende — Petrópolis.

E' espantoso que não tenha recebido cartas minhas. Antes do mais, era impossível esquecê-la. Depois, os assuntos são tantos em Poços, que irresistívelmente, mesmo não desejando escrever cartas, eu escreveria folhetins. Foi o que fiz. A esta hora, decerto, o correio já se cansou de reter as cartas e a minha ilustre amiga terá visto como foi injusta e como está esta estação de cura interessante com a ameaça de dois casamentos, ambos inacreditáveis: o da estouvada Iris Lessa com Flávio de Mendonça e o do estouvadissimo Olivério Gomes com a Olga Luz! Sim! Realizou-se, ou antes, realiza-se aquilo de que ainda tinha dúvidas na minha última narrativa. Guiado por Dona Maria de Albu-

querque, protegido escandalosamente pela velha M.lle Hobereau, visto com infinita complacência pela marquêsa Justina, Olivério está prestas a ganhar o grande prémio Olga; e, o que é mais, com uma quási paixão de Olga.

O acontecimento decidiu-se favorávelmente nestes últimos oito dias, depois do passeio a cavalo à caixa de água. Olivério fêz o jôgo do desaparecimento. Estava sempre nos seus apartamentos a escrever. Devo, a bem da verdade, dizer que o peguei uma noite no corredor, conversando baixo com a dama de companhia e que êsse colóquio tem uma alta significação como a carta para o *royal flech* matrimonial. As reùniões no salão sem Olivério, apesar da conversa do Sevéro da Gama, tinham um ar morno; a rolêta familiar e os tangos sem a alegria de Olivério falhavam, e, quanto a passeios, seriam um verdadeiro desastre sem Olivério. O caso é que sempre, à última hora, D. Maria diz:

— Falta-nos o Olivério!

E as senhoras mandam-no chamar.

Olivério vem aborrecido, brilha e some-se.

Imagine, D. Lúcia, a cara dos outros rapazes! Êles, aliás, são de uma estupidez comovente. Para afastar o rival falam mal dêle à marquêsa Justina e a Olga. Resultado: afundam de todo, porque, amparado pelas senhoras,

Olivério só diz bem dêles e mostra um desprendimento fascinador. Há nada mais fascinador para as mulheres que o desprendimento?

Ontem fazia luar, o célebre luar de Poços, de uma doçura de lírios diluídos. Tinhamos ido vêr, numa tasca próxima, o italiano Giuseppe, homem que come mais do que dez homens, e o Fontoura lembrou um passeio até o Posto Zootécnico. Fômos em automóveis por uma estrada fenomenalmente má. Procurado, Olivério não se fizera encontrado. Quando, porêm, chegámos ao Posto Zootécnico, que encontrámos nós? Miss Wright, o Pedrinho gerente, o Olivério Gomes saùdando o luar com champagne gelado.

Vejo o seu espanto diante de um Posto Zootécnico transformado em centro de convescotes noturnos. E', entretanto, a simples realidade. Sabe D. Lúcia o horror dos ministros da agricultura não só pelos seus antecessores, como pela indústria pastoril e creio mesmo que pela agricultura. A maioria dos postos zootécnicos são admiráveis vilas espalhadas pelo Brazil, sem exemplares nem de funcionários. O de Poços é um palácio à beira de um lago. O prefeito cedeu-o a um exquisito espanhol, calvo, magro como um arenque, viajado, poliglota, casado e va-

gamente poeta decadente. O espanhol chama-se Espronceda Benavente, e diz-se parente de todos os Espronceda e os Benavente célebres. Trata, por isso, todos por tu, fala muito, canta cançonetas, repete os *cabaratiers* da Place Pigalle, é vertiginoso. Assim vertiginosamente estabeleceu o lar no andar de cima e fez em baixo e nos parques um botequim permanente, onde pela manhã há vacas leiteiras como no Pré Catalan, custando o copo de leite quatro tostões e à noite cerveja e champagne, por preços ainda mais imprevistos que o do copo de leite.

— *Quel honneur, prince!* cacareja Espronceda Benavente, ao vêr as damas em «toilette» e os homens de smoking. *Et vous belles princesses! All right!*

Depois dispara a tutear a todos. Sevéro da Gama não o pode vêr.

Assim, quando saltámos dos heroicos automóveis (que passando sôbre os mil tropêços da estrada, mais parecem os *tanks* inglêses), Espronceda Benavente logo gritou:

— *C'est le rendez-vous des perles ce soir! On a les gens comme il faut! Toi, marquise, viens que je te montre le diplomate Olivério et sa compagnie!*

Êsse espanhol fala só francês. Eu não tenho o hábito do espanhol. Mas só encontro

uma palavra para definir o momento em que os dois grupos se encontram: — *Tableau!*

Não que houvesse dúvidas quanto a miss Wright. Miss Wright é uma joven ardente, extremamente moderna. A opinião de Iris Lessa a êste respeito é ponderável, como a de Pedrinho. Precisamente estava Pedrinho acanhado pela presença de nenúfar passado de D. Maria. Mas o que era evidente e doloroso para o nosso grupo tão fechado e que tanto festeja Olivério, era que Olivério do nosso grupo fugia, preferindo o gerente, e a pequena inglêsa, à D. Maria, à marquêsa Justina, à Olga!

— Isso se faz? — indagou D. Maria, sem vêr Pedrinho, cada vez mais gerente e mais menino lindo diante do luzído grupo. Andamos à sua procura, Olivério!

Olivério estava imperturbável.

— Nunca pensei que admirassem o luar! O luar hoje só é sentido pelos simples como Pedrinho, que não o vêem, pelos práticos que o interpretam como Gladys e pelos silenciosos como a dama de companhia de Gladys.

— Quem lhe disse que eu não compreendo o luar? — indagou trémula a dôce Olga.

— Tambem não sabia que o compreendia.

— Você é um bandoleiro! fêz, radiante de belêsa a marquêsa Justina.

—Ofereça-nos champagne, ao menos! riu D. Maria.

Lembrança retardada. Com um exagêro, desta vez nada francês, mas visceralmente castelhano, Espronceda Benavente já abrira várias garrafas dêsse vinho, que, como tôdas as coisas boas, dá muito prazer no momento e faz muito mal muito tempo. Sôbre as árvores, recamando as colinas, abrindo no espaço o éxtase azul da luz, ligando céu e terra no mesmo espásmo, o luar explendia. E o grande silêncio era apenas tocado pelas vozes dos animais da noite. Bebemos, assim, em silêncio, em libações à Artemis,—a única deusa virgem, que, aliás, amou em sonho Endymião. Depois, D. Maria disse:

—Mas, quantas aves por estas brenhas!

—Não são aves, são sapos, explicou Pedrinho. Estão no lago. Há os que coaxam como tambor, há os que piam, há os que teem a voz de marrecos, há os que parecem pássaros. Poços é célebre pela variedade de sapos. Um sábio alemão, que esteve aqui o ano passado...

—Um alemão?

—Êle dizia-se suiço, depois da guerra. Pois êsse sábio conseguiu grafar vinte e dois coaxos diferentes de diferentes sapos... As senhoras daqui não ouvem bem.

Allons au lac!—bradou Espronceda

—Mostre-me um dêsses animais, Pedrinho.

Descemos, então, a alameda que ia dar ao lago. A procura do sapo... Devo dizer que Iris Léssa procurava o sapo com o Flávio de Mendonça e D. Maria seguia o gerente mais bonito pelo luar e pelo champagne que o São Sebastião de Guercino. Devo dizer que Miss Wrigth (conhecedora do local) exigiu que eu a acompanhasse até uma ribanceira onde podíamos ver *the toad leap in water*. Foi tudo quanto há de mais inocente. Não veja Dona Lúcia os sapos de Poços querendo parecer bois, como a rã de Lafontaine... Entro neste detalhe para consignar a minha ignorância quanto à formação dos outros grupos para ouvir o coral vagneriano da variedade batráquia no inaudito Posto Zootécnico de Poços.

Com quem teria ouvido os sapos Sevéro da Gama? E' inútil indagar. *No lo se*. Sei apenas que, uma hora depois, quando voltámos ao hotel, Olga Luz tinha a fisionomia trágica. Fiquei com a certeza de que, com a sua belêsa e a sua alma encantadora, tinha sido ela o único sapo da noite, definitivamente engulido pela serpente. E é outra coisa o mundo senão um côro infindável de sapos martelando coaxos para iludir a tentação de algumas serpentes? Até o próximo correio — *Antéro*.

XXI

De Olga Luz a Guiomar Pereira — Avenida Paulista — S. Paulo.

Gui — Antes de falar a outras, mesmo antes de dizer à mamã, quero escrever-te, quero desabafar. Venho agora de um passeio ao Posto Zootécnico, que tem uma infinidade de sapos. Fazia luar. Faz um esplêndido luar, dêsses luares que choram sôbre a terra. Loucura, *Gui!* Loucura! Contei-te a impressão causada aqui em todos pelo diplomata Olivério Gomes, filho do senador Gomes. E' uma criatura diferente de tôdas as outras, que não me fazia a côrte, que não quer casar. Quanto me sentia irritada pela avidez dos pretendentes, quanto me fez mal a sua boa camaradagem, sem pretensões de galanteio. Eu, Olga da Luz, eu, que tu conheces, desejei curvá-lo. Não me perguntes como, porquê. O ambiente

sensual da serra, todos a falarem-me dêle, êle sem me dar importância... Não sei! Não sei! E há pouco, ao luar, num lugar êrmo, a tomar champagne, deu-me uma cólera, uma agonia. Não me contive. Exprobei-lhe a sua preocupação de fugir-me. E tenho bem vivas as suas palavras:

—Que deseja do raro camarada? Quer que lhe declare paixão? Com que fim? Realmente. Evito-a. Evito-a não só porque não quero casar, como não desejo ver humilhado o meu sentimento. Você é boa, é inteligente. Poupei-me. Se a minha presença a incomoda, parto amanhã. Porque, afinal, estamos representando ou o *Romance de um moço pobre*, ou a *Princeza dos dollars!*

Mau! Cruel! Cruel! Não me contive. Desatei em pranto. Então êle pediu-me perdão com a voz terna, tão terna que parecia mel, ajoelhou-se, disse que me evitava exactamente porque eu era *outra coisa irresistível* e que era preciso resistir, que talvez me amasse, mas...

Mas, ama-me! Sim! Eu não sou uma ingénua! Conheço-os bem, os caçadores dêste meu dote, que odeio com horror! Sei o mal que o meu dinheiro faz ao sentimento. Não o amo ainda a êle, mas sei que é tambem *outra coisa,* que não quer o meu dinheiro,

que me aprecia a mim, com a sua inteligência, o seu conhecimento.

Amanhã digo à mamã. Devo estar quási noiva, aliviada de pretendentes. Creio que nenhum dos meus íntimos é contra Olivério. E estou contente, estou triste, estou nervosa. Estou com a angústia de que ainda nada seja senão um sonho do luar, minha *Gui,* um sonho da pobre — *Olga*.

XXII

De Olivério Gomes a S. Ex.ª o senador Pereira Gomes — Rua Conde de Bomfim — Urgente — Rio.

Meu pai — Devo, desde o comêço, tranquiliza-lo, dando-lhe uma notícia alegre: o telegrama que acabei de lhe enviar, telegrama urgente que custou ao barbeiro do hotel a miseravel quantia de cincoenta e dois mil réis, deve ser o último que lhe enviarei pedindo dinheiro. Se nêsse telegrama citei algumas pessoas que estão em Poços e são nossas amigas, é para que o senador meu pai possa se informar da veracidade dos acontecimentos. Tenho a certeza de que, antes de lêr esta, já terá indagado e já terá providenciado para que eu receba aqui com urgência uma soma decente.

Se o facto não decidisse da minha feliz carreira, não explicaria o telegrama por carta.

Nada mais inútil do que escrever cartas, e eu não perco tempo com essa invenção das mãis de familia, como M.me de Sevigné.

Trata-se do seguinte:

Graças à minha inteligência, consegui impressionar vivamente Olga da Luz, filha do defunto milionário Luz, marquês do Santo Sepulcro. Ao contrário de todos os grandes dotes, Olga é bonita, inteligente e quer sêr amada por um hómem excepcional. Resistiu aos pretendentes, e eu não posso resistir a ela, apesar de ser considerado tão mal pelo meu excelente pai. Caso. Amanhã serei apresentado quasi oficialmente. Em chegando a S. Paulo, dentro de quinze dias, espero-o para fazer o pedido.

Ajudou-me muito nisso D. Maria de Albuquerque.

Agora, o reverso.

Para fazer o hómem de bem, dei vários almoços e ceias e pique-niques. Os vencimentos de segundo secretário, recebidos em papel, que não pode ser moeda, e a soma que o senhor me deu voaram. Devo tudo. Devo ao barbeiro (homem extraordinariamente abonado!) devo ao gerente do hotel, com quem sou forçado a dar passeios para captar-lhe a admiração. Devo mais que D. Pablo Urtigas, o hómem mais impagável do orbe.

E devo, principalmente, não lhe mentir.

E' necessario retirar-me dignamente, como futuro chefe de uma grande fortuna. Compreenderá que não posso gastar êsse dinheiro em pândegas. A situação inibe-me. Peço, pois, a urgência dêsse dinheiro. —Pelo menos seis contos. Beija-lhe a mão o seu filho glorioso Loló, na intimidade, mas o próximo ministro em Paris, S. Ex. o Dr. *Olivério de Pereira Gomes*.

XXIII

De D. Maria de Albuquerque a S. Ex. o senador Pereira Gomes — Rua Conde de Bomfim — Rio.

Senhor senador. — Respondi ao seu telegrama confidencial, como era de meu dever responder. Realmente, o nosso querido Olivério vai-nos dar o prazer de deixar a vida juvenil pela segurança do matrimonio. A fada que o transformou é Olga Luz, criança que eu quasi vi nascer, flôr de encanto, filha da minha amiga Justina da Luz. O meu telegrama em resposta ao seu é a expressão da verdade.

Respondendo à sua carta agora, agradeço muito as expressões de amizade que comoveram o meu coração. Sabe o meu afecto por Olivério. E' de justiça dizer que a belêsa do futuro enlace vem de mútua inclinação dos dois jóvens, não impelidos por nenhum dêsses sentimentos subalternos que tanto enfeiam os

casamentos da primeira República. Olivério regenera-se pelo amor. Olga amará sem pensar nos embaraços que aos sentimentos sinceros traz a vil pecúnia. Ainda uma vez grata à sua confiança — *Maria de Albuquerque*.

XXIV

De Jaques Fontaura a Jorge Pedra — Automóvel Club — S. Paulo.

Meu caro Jorge — Nêstes ultimos dias da «grande semana» de Poços só penso no nosso projectado passeio ao Paranápanema. Estou muito pouco mundano e convencido de que o melhor é fazer o que fizeram vocês: recorrer á terra. Para V. que sabe das razões da minha vinda a Poços — o meu desejo é uma confirmação da derrota. Sim! Derrota. Mas que derrota! Olga não teve por nós, paulistas, senão um ar impertinente. Nenhum dos filhos de famílias importantes de S. Paulo conseguiu impressionar essa pretenciosa. E, comtudo, Olga foi vencida, vai casar, está pedída quasi!...

Não se admire. E' um secretário de legação, o Olivério Gomes, do Rio de Janeiro.

V. deve conhecê-lo daquella ceia *chez* Sanches, em que êle mandou a conta para o pai pagar. E' um «prompto» que gasta como os mais ricos e vive uma vida por isso mesmo doida. Jámais, porém, vi um tal *aplomb*, um topete comparável e laços de gravata tão bem dados. Êle assegura que foi o principe Fieschi, em Roma, que lhe revelou o segrêdo do *Petit-noeud*. E assim seduziu Olga e toda a *banda* snob a contar mentiras.

Os mais práticos na mocidade veranista abandonaram a menina rica. Flávio Mondonça está mesmo comprometido com outra, a Iris Lessa. Eu não penso no impossivel da concorrência, tanto mais quanto Olivério Gomes organizou um vasto *complot* feminino, em que entram D. Maria de Albuquerque — essa terrivel velha diplomata — e M.elle Hobereau. Como vencer? — Não sei o contrato de D. Maria com Olivério. Mas tenho a certeza de que um mês depois do casamento M.elle Hobereau receberá um cheque de cem contos de réis em paga dos seus bons serviços de catequização.

Como vencer? repito.

Fomos todos uns idiotas pela pretensão. Um neurasténico, o Teodomiro Pacheco, assegurou-me que os paulistas têm tanto de invencíveis e inteligentes juntos como de pretencio-

sos e incapazes separados. Não compreendi bem; mas dou-lhe razão. Se tivessemos tido tino, pelo menos uma fortuna como a de Olga não sairia de S. Paulo, e logo para as mãos de um carioca tagarela!

Depois de derrotados, entretanto, só o Gomide não se conformou. Êle sabe que o Olivério Gomes tem, hà dois anos, um *crampon* escandaloso, a andaluza Pura Villar. Pura toma cocaína e sofre da doença do ciume. Nêste momento, Olivério conseguiu que ela ficasse em S. Paulo, na casa da Bianca.

Ora, é positivo que nem D. Maria, nem Mlle. Hobereau, nem Olivério comunicaram a Olga essa *liaison* pouco decente de Olivério. Gomide acha que um grande escândalo entre Pura e Olivério impediria o casamento, porque Olga não tem paixão por ninguem e é só a pretensão de ser amada por um *homem superior* que a leva ao desproposito do casamento.

Daí lembrar-se de um golpe. Escreveu uma carta anónima a Pura, excitando-lhe o ciume, dizendo-lhe que Olivério a abandona para viver na orgia de Poços, com outra amante. «Se quizer vêr, vá a Poços já», dizia a carta. Gomide conta que, ao receber a carta, Pura, com a sua fúria andaluza, tome o trem e chegue a Poços vinte e quatro horas de-

pois. Para não ter responsabilidades mandou pôr a carta no correio em Campinas, pelo agente-viajante do Hotel do Globo. Não é nenhum de nós, mas tambem não é Olivério!

Que lhe parece o plano?

Fatalmente, Olivério não tem tempo de convencer Pura e tem de passar com ela á vista para impedir o escândalo. Poços, porém, é muito pequeno e um noivo não se abstem de aparecer sem que deixem de dizer á noiva o que êle faz. Como é difícil abandonar uma espanhola no dia em que ela chega, cheia de ciumes, sem complicar definitivamente a situação, Gomide espera o desastre. Satânico, hein? E não nos lembrarmos disso logo no comêço, divididos por uma rivalidade estúpida, em vez da defêsa financeira de S. Paulo!

Em todo o caso, é o fim. O grande dote não será nosso. Mas é preciso matar o Olivério. E o nosso mêdo é que a Pura não esteja mais na Bianca, ou esteja doente, ou não seja espanhola e *detraquée*. Porque, se Olivério consegue salvar-se da Pura, em Poços — é o vencedor!

Até breve, para conversarmos longamente. Esta história de escrever faz-me dôr de cabeça. Sou muito mais hómem de acção. De V., com estima — *Fontoura*.

XXV

De José Bento, secretário dos Oleps, a Justiniano Marques — Pensão Buckarest — S. Paulo

Meu caro Justi — Que topete o dêsse disfarçado tratante do cantor-cabaretier Miranda! Acabo de lêr a tua carta, em que me contas tê-lo encontrado em S. Paulo, dizendo que deixara a *tournée* por não lhe pagarmos! Patife! Nunca, na sua vida, salvo quando tem mulheres que marcham, ganhou tanto como connosco! Fazia trinta e cinco por dia, e mais quarenta para «farolar». Quasi o que ganham os deputados. Não têmos culpa de que, com os hábitos de *gigolô* e a mania de ser homem *chic* conquistador, esse pulha ponha o dinheiro fóra. Nos dias em que trabalhou cá, onde chegou na miséria, abandonado pela Ibanaia, alugou um cavalo e um pagem para passear as manhãs. Só aí vinte mil réis diá-

rios. Depois, na casa da Aureliana, onde se hospedou, mandava abrir vinhos ao jantar. Êle me disse varias vezes que precisava *se remonter*, e que era assim em Paris, para apanhar as *cocottes* com «arame». Aqui falhou completamente o plano. As mulheres são «escovadissimas». Apenas a Ivette é que se deixava namorar.

Foi, aliás, Ivette a causa da partida dêsse senhor. Não sei se te recordas da ultima carta em que te expuz as minhas colisões entre o namoro de André com Ivette e o ciume truculento do coronel Titino, um hómem bom e selvagem ao mesmo tempo. Quando o coronel desconfiou, não houve meio de se tirar mais do pé da Ivette. Ia mesmo para os ensaios, e dizia, o engraçado é que dizia a Ivette:

— Tu me enganas com o cantorsinho, e eu quebro as costelas dêle!

— Coronel, na sua posição, um escândalo?

— Qual escândalo? Escândalo é êsse mocinho me querer fazer de tolo. Eu não conheço êle. Como é que hei de pagar para êle?

Era lógico. Ivette achou no caso uma diversão e excitava o André. André, por sua vez, com aquele peitão, não queria fazer feio. Imitava a voz do coronel, fazia sinaes a Ivette. Um inferno. E eu no meio para impedir o

choque, tendo ainda que correr aos Oleps, para os não vêr torrar mesmo as pernas na rolêta. Graças a Deus, o coronel, tendo simpatisado comigo, continha-se.

Há quatro dias, acabara eu de tomar chá no Eden, quando o coronel Titino veiu a mim:

— Você não disse que aquilo do cantor com a Ivette era de colega?

— Pareceu-me, coronel.

— Leia isso. Peguei isso na bolsa de Ivette.

Era uma carta de André, em francês, com certeza macarronico, que começava assim: Ivette, *mon petit amour*. Não há quem não compreenda o que vem a sêr o *mon petit amour*, mesmo não sabendo francês. O coronel não sabe francês, mas tem seis mêses de Ivette. Compreendeu. Compreendera. Vi que só tinha uma solução: sacrificar o mal agradecido do André.

— Coronel, faço o que o senhor quizer. Mando esse incorrecto embora.

— Não, rapaz. Quem resolve os meus negocios sou eu mesmo. Mostrei a carta porque você parece sério e estava enganado com esse sujeitinho, que não me cheirava.

Que fazer? Prevenir o André? Estava farto de o prevenir. Era de mais. Fui jantar. Não me lembrei mais do caso. A's 7 horas estava no bar do Politeama, pensando na vida,

quando entrou o coronel Titino, os olhos chispando, a saliva fazendo espuma nos cantos da boca.

— Arranjei o seu bonitinho.

— Quê? Como?

— Acabo de dar umas lambadas nêle, ali perto da Prefeitura.

— Coronel!

— Não me fale. Se não fosse você, eu matava êle a relho... Diga isso mesmo! Diga isso mesmo!

E atravessou o teátro, mergulhou no corredor do Grande Hotel. Fiquei aflitíssimo, porque o André podia falhar o programa e eu ter de pagar a multa. Mas ao mesmo tempo contentissimo. Se todos fizessem como o coronel, patifes da laia do Miranda existiriam menos. Nêsse estado d'alma fui á porta do bar, saí, andei até á Prefeitura, voltei até ao mercado. E aí, por traz de uma arvore, perto da ponte, ouvi que me chamavam.

Era o André.

— Os bandidos? Os bandidos?

— Que bandidos?

Estava com o sobretudo sem manga, a gravata branca de lado, o peitilho da casaca sem botão, a cara com uma vergastada.

— Não sabes? O miseravel Titino esperou-me com cinco bandidos ali, na Prefeitura.

Deram-me uma sóva. Não pude reagir. Todos armados de cacete. Fugi. Estava esperando alguem para te mandar dizer que não canto mais.

— Hoje pelo menos tens de cantar. Depois falarei com o Alberto.

— Não posso ficar aqui. O canalha mata-me. Não tenho segurança. Esta terra não tem soldados, não tem garantias. O cachorro é rico. Estou impossibilitado,

— Que te dizia eu?

— Ah! Mas não penses que levará a melhor! A Ivette é minha; já lhos preguei. E, se o encontro no Rio pelo carnaval, bebo-lhe o sangue.

Sabes bem que o André não bebe nem agua nem sangue. Quanto a dizer que a Ivette, etc., só se foi ao lado do coronel. Acompanhei o pobre diabo, que receava uma desfeita, até o teátro, fui empenhar-me com o Titino para não mais o agredir, tive de pedir ao emprezario o rompimento do contracto, expondo, humilhado, as causas. Arnaldo é amigo de Titino. Passei a noite ao lado do *cabaratier montmartrois,* que temia ver aparecer, no E'den, Titino com os sicarios. E, ainda pela manhã, depois de lhe dar dinheiro para a passagem, levei-o até a estação! André Miranda deu-me trabalho, deu-me prejuizos de dinhei-

ro, portou-se como um canalha. Essa é a verdade. Não me espanta, pois, que me tenha caluniado. Mercê de Deus, sou pobre, sim, mas honrado. Se eu não fosse tolo, já teria deixado esta corja de artistas e cavalgaduras da ordem dos Oleps — que, se ainda vivem, é graças a mim.

Estarei em S. Paulo esta semana. O contracto dos Oleps termina domingo — *Bento.*

XXVI

De José Bento, secretário dos Oleps, ao coronel Joaquim Jurumenha, DD. capitalista — Grande Hotel — Urgente.

HOTEL DO SUL — *Ex.mo Sr. coronel.* Respeitosos cumprimentos — Coronel. Não escreveria estas linhas, se não fosse o acanhamento e se a minha amarga situação a isso não me forçasse. O coronel tem feito o favor de me dispensar a sua amisade e, no pouco tempo em que quasi vivemos juntos, sabe o meu esforço honesto e sério, sempre para manter a minha familia — mulher, duas filhas, três irmãs e mãe ainda viva. Não há vida mais cheia de dissabores que esta de aturar artistas. O senhor tem visto o meu sofrimento e as minhas desilusões. Com a bôlsa avariada pela loucura de Oleps, que joga tudo e não dansa, se eu não lhe der o dinheiro para o jôgo — tive ainda de arranjar 600$ (seiscentos mil réis), que me

exigia aquele ordinario do cantor André Miranda para se ir embora. Vi bem que êsse miseravel pretendia fazer escândalo, dando queixa á polícia e aos jornais de S. Paulo, de que V. S. o atacara com um grupo de sicários. Para cortar o mal, dar-lhe-ia a camisa do corpo. Felizmente, êle partiu. Mas, com o contrato dos Oleps terminado, muito cheio de dívidas, sem dinheiro, recorro à bondade do Sr. coronel para me salvar. Assim, pediria a V. S. que me emprestasse por um mês a quantia de réis 2:000$ (dois contos de réis), para pagar o que devemos e nos transportarmos a Santos, de onde, se fôrmos felizes, logo o reembolsarei. Sou dos que consideram as dívidas sagradas.

Desde já agradeço a V. S. o seu bom coração. E, mesmo que não me queira salvar (o que não espero), peço que me considere seu servidor muito obrigado — *José Bento*.

P. S. — O portador, que é de confiança, espera a resposta do Sr. coronel ao seu aflito e desesperado criado.

XXVII

De Teodomiro Pacheco a Godofredo de Alencar — Jockey-Club — Rio.

Estou decididamente muito melhor. A cura da neurastenia é insensível. Podemos, entretanto, ter a certeza da nossa melhora, quando tornarmos a suportar sem grande enfado aquilo que mais nos aborrecia. Ora, ao vir para Caldas, aborrecia-me antes do mais o convívio da minha sociedade; e hoje passei o dia e a noite observando e rindo nessa mesma sociedade. Ha prova mais cabal? Será do banho? Será do mau tratamento no hotel? Será da imensa desgraça já vista e sempre lição proveitosa?

O certo é que hoje montei a cavalo e, tendo encontrado num dos montes os elegantissimos Sanches Peres, a familia Luz, o Antéro Pedreira, cada vez mais *snob*, o Severo da Gama,

Miss. Wright, Iris Lessa e alguns meninos encantadores, entre os quais avulta o Olivério Gomes, senti a necessidade de comunicar com essa variedade animal chamada elegante e que é para o hómem o que o gato Angora é para o tigre de Bengala. Antéro Pereira, verdadeiro tipo do desocupado e por conseqüência do falador, incitara a curiosidade ambiente com a minha neurastenia activa. De modo que o meu ar impertinente era considerado muito bem.

Meu caro Godofredo! V. tem sempre um certo receio das relações literárias? Como passa, porém, a vida «divertindo-se» com os elegantes? Agora, começo a perceber que só os fortes resistem a essa origem de todas as neurastenias e que se chama: a sociedade, ou como diz Antéro: *notre monde*. Ao que parece, estão aqui os representantes do *gratin* carioca e paulista. Assim resolvi vêr como êles passam o dia. E fui inexorável para mim mesmo. No passeio notei como Antéro se preocupa com a Gladys Wright, que, aliás, prefere o gerente Pedrinho, de quem tem grande birra o Severo da Gama. De resto, há preferencias muito acentuadas no grupo: a de Flávio Mendonça pela Iris, o «amor» de Olivério e de Olga, etc.

Etc....

Êste etc. é de uma generalidade sintética.

Procurei ouvir as conversas. As conversas têm um ar grande hotel, um ar *kursaal*. Sabe V. os *halls* dos hotéis na Suissa ou em Veneza, em que os clientes falam de todas as coisas menos da Suissa e de Veneza? Acontece o mesmo cá.

A conversa é sempre a respeito de Paris, do parlamento vienense, das damas da côrte de Inglaterra, de M.me Paquin, do sapateiro Meyer, da paisagem europeia, da guerra europeia, do teátro europeu. Ainda não está em moda o *snobismo* patriótico. De vez em quando os paulistas falam de S. Paulo, como de um Potosi fenomenal de que êles fôssem os proprietários e os descobridores. O Antéro passa logo a paulista. Severo toma o seu grande aspecto de único detentor dos segredos da história brasileira.

O café, sim... A corrente emigratória... Uma vez Manoel mandou-me chamar...

— Que Manoel?

— Campos Sales, meu caro...

As senhoras olhavam gulosamente Severo. E o passeio continúa com Viena, Réjane, Clemenceau, o marquês de Soveral, o principe D. Luiz, as pérolas do Fontana, por assunto.

Ao voltarmos, preparei-me à pressa para

gosar tão interessante sociedade no almôço. A comida é o envenenamento. Os criados estão derreados. Mas cada um dos elegantes mantem a linha. Aparecem todos impecáveis. Almocei na mesa fronteira à da marquêsa da Luz, com Antéro, Gomide e Flávio. Discutimos o ensopado de carneiro do Cecil Hotel de Londres, os colarinhos do Tramllet, a casa de Eduardo Prado e Eça de Queiroz, o nosso ministro Correia, a rainha dos belgas e os ultimos três papas, além de algumas pilhérias sôbre a vida privada de Sarah Bernhardt, de que todos éramos íntimos — (naturalmente antes de nascer).

Depois subimos todos ao salão que, dando para o teátro e para a rolêta do importantissimo lord protector coronel Arnaldo, se divide propriamente em dois — um sem móveis para as dansas, e outro com algumas cadeiras e canapés. Aí, emquanto a orquestra toca o tango, *conversacione*. Como V. não ignora, todas as meninas de sociedade são hoje excelentes *diseuses*, aprenderam declamação. E quando não recitam, sabem cantar, às vezes sem voz (o que é perfeitamente desnecessario na escola francêsa), mas sempre em várias linguas e com magnífica pronúncia.

Sentei-me ao lado dos Sanches Peres, pela razão de não querer comprometer o meu fu-

turo. Tanto o marido como a esposa, vestidos tão bem que parecem figurinos, falam mecânicamente, um depois do outro, depois de mútua consulta de olhar:

— D. Margarida tem-se dado bem?

Olhar de consulta. Resposta:

— Muito bem.

Complemento do marido:

— Para uma cura de repouso...

Já vê V. que nêsse tom o casal é de confiança.

Mas o salão não é exclusivo do nosso grupo. De modo que há outros grupos rivaes e com inveja daquêle em que é pedra angular a formosissima Sr.ª marquêsa Justina da Luz, o que não impede que se converse e recite e fale e «flirte» tal qual no primeiro. Há, porém, um destaque: no grupo Justina da Luz (arranjado pela inteligentissima D. Maria de Albuquerque), faz-se arte mundana. Só êle tem esse direito. Menina alguma, recite como a Jane Catulle Mendés, a Suzanne Després ou a Italia Fausta, tem coragem de erguer a voz sem a solicitação de D. Maria. E o programa de D. Maria já está feito como os cardapios do jantar: cançonetas de Iris Lessa, que nos impinge as ultimas novidades; versos em francês e em inglês, por Olga da Luz; *songs,* por miss Wright, emfim, toda a cace-

tada do estilo. E isso com um tom esmagadoramente superior, fazendo boquinha e tendo *tremolos* na garganta.

— Terás de cór aquêles versos de Sully?...

— Oh! Não, D. Maria!

— Mas são de uma beleza!

Grande emoção!

Todos elogiam Sully como se elogiassem os vinte mil contos da menina Olga. Sully vem á scena, é aplaudidissimo. Depois miss Wright inebria o auditorio, ao passo que os *flirts* continuam.

Já começava a ter sono, quando a sessão foi suspensa. Para o chá. Detestavel, abundante e vorazmente recebido.

Nada mais aperitivo do que a literatura mundana.

Os bandos descem, uns aos fundos do hotel; os notaveis ficam no refeitório geral. Depois, pequenos passeios, reflexão do vasio em cadeiras de vime, á beira do hotel.

— Você precisa ir ao teátro.

— Vou hoje.

Subi ao meu departamento, para o qual deseja vir Severo da Gama por ser o menos barulhento (apenas quatro crianças, duas criadas portuguêsas, os roncos do coronel Titino e a tosse do ex-ministro Altamira). Subi e vesti-me com cuidado. Na minha permanência

em Poços eu vira a vida na sua tragédia: os jogadores, o caboclo Joaquim, tia Rita, as pobres mulheres do E'den. Seria possivel que a minha sociedade fosse de manequins?

Estou crente que sim. No jantar rápido, as senhoras em grande *toilette,* os hómens de peitilho reluzente, ninguem tinha uma idéa. Falámos, por consequencia, da Suissa. Só fala da Suissa quem não tem nada dentro da cabeça. E' o ultimo recurso. E corremos por um corredor ao Politeama, para não perder a primeira parte do programa, em que se passava no cinêma *A Filha do Circo.* O Politeama é um teatrinho simpático, que arruinaria qualquer emprezário sem a colaboração eficiente dos clientes do hotel na *rolêta* e no *campista.* A platéa é ocupada pela claque e por uns rapazolas da terra, alguns de pés nús. As frizas são destinadas ás damas que moram em pensões e ceiam no E'den. Os camarotes têm as familias. Era sabado, dia do benefício da Stela Dovani, aquela contralto que já foi tão rica ha dez anos. Era sabado e estreava um fakir. O teátro estava cheio — gratuitamente. Como emprezário teatral, Arnaldo é um fenómeno maior que o caboclo Joaquim.

Durante a passagem da fita, no silencio respeitoso, reflecti na impossibilidade de traçar

um limite á estupidez humana. *A Filha do Circo* é de se pasmar. Depois veiu a parte café cantante e eu verifiquei mais uma vez a força das legendas e dos rótulos. Tanto os rapazolas de Poços na platéa, como as familias nos camarotes, não têm o hábito de frequentar êsses lugubres logares denominados cafés cantantes. Em compensação desconfiam, por ouvir dizer, que nos cafés cantantes os espectadores devem estar muito alegres. Então eu assisti a este espectaculo: no palco, umas pobres mulheres cheias de joias e de aborrecimento, guinchando e pulando. Na platéa, uma vozearia em que os gurys poço-caldenses repetiam o estribilho de velhas coplas. Nos camarotes, crianças, meninas, rapazes, matronas, rindo como numa quermesse e lançanço piadas ás actrizes. E só nas frizas, austéras como «ladies» em espectáculo de gala no teatro Colon de Buenos Aires — as cocottes!

— E' sempre assim, disse-me Antéro. Divertidissimo.

— Procuro variar o repertorio! sentenciou por traz de nós Arnaldo, o grande chefe.

Infelizmente, o final dêsse espectaculo foi menos divertido. Havia o fakir, um hómem magro e pálido, que apareceu embrulhado numa cabaia amarela, fez pequena fala incom-

preensivel e, saindo da cabaia, apareceu nú, apenas com um curto calção. Logo do bastidor surgiu um sêr semelhante aos caniços ribeirinhos, que trazia uma verdadeira cutelaria. O fakir, o olho melancólico, apalpou os musculos da face e de vagar enterrou por êles um punhal.

Com o punhal na bochecha veiu até á boca de scena. Ninguem aplaudiu. Desconfiando do agrado, o infeliz fez o singular caniço humano trazer-lhe uma espada, consultou longamento os musculos da perna e enterrou por ali a espada. Um sentimento de opressão mantinha o silêncio da platéa. Então, tristissimo, o fakir tomou de um facalhão, emquanto o caniço tomava de um martelo e com a lamina no ventre, mandou martelar. O sangue espirrou.

Ao mesmo tempo, D. Maria de Albuquerque e a marqueza Justina ergueram-se. Em todos os camarotes seguiu-se o mesmo movimento de protesto. Os homens estavam indignados. As senhoras sentiam-se mal.

— Depois do jantar!

— Que horror!

— Isso não se faz!

— Mas que bandido!

O coronel Arnaldo, vexadissimo, dava explicações. Êle não sabia, êle não vira o pro-

grama daquêle bigorrilhas, êle o contratara por bom dinheiro.

— Não lhe damos parabens! fez D. Maria.

A multidão elegante saía em bloco para a sala de jogo, onde faziam fé de mentira alguns impassiveis *faróes* a sessenta mil réis por dia. O coronel resistiu á onda. O protesto virava em vaia colerica.

Então, só nos camarotes com Arnaldo, eu olhei o quadro lúgubre. Nas frizas as damas de vida divertida continuavam sérias diante do digno homem. Da scena, vexado e corrido, o fakir olhava aquêles que recusavam o seu sacrifício — o sacrifício que lhe dava o pão.

— Quanto paga áquele pobre diabo?

— Trinta mil réis por noite. E' um biltre. Vou rescindir o contrato.

Não quiz continuar o meu dia mundano. Desci secretamente á rua. A minha cura aqui tem de ser uma cura de piedade, de revolta, uma cura de aperfeiçoamento... A vida! Que fazer, entre o vazio dos elegantes e o dramatico horror quotidiano, senão tomar da bomba de dinamite ou enfiar o burel de monge? E' forte e insensivel a tudo aquêle que conserva o equilibrio diante do espectaculo do destino. Jámais esquecerei num gratuito teátro de ociosos, entre rapazes fúteis atrás de um dote, na ância de vender a dignidade para não

trabalhar, — esse pobre fakir esfaqueando-se para comer, realizando o ultimo esforço para viver sem roubar e sem ser infame... Imbecil êle, imbecil eu, cuja neurastenía a mim mesmo desvendou a tristeza amarga de existir. Até breve. D'alma — *Teodomiro.*

XXVIII

De Antéro Pedreira a D. Lúcia de Goldschmidt de Rezende — Petrópolis — Rio

Minha querida amiga — Recebi a sua ultima carta. «Mande-me notícias! Mande-me notícias!» Estará assim tão interessada pela intriga matrimonial levada a cabo pela excelente D. Maria de Albuquerque, ou quer notícias geraes acêrca das mil e uma pequenas coisas da «grande semana»? Sinto que D. Lúcia quer saber tudo e principalmente o caso Olga-Olivério. Não?

Pois, para começarmos pelo fim, o caso Olga-Olivério é definitivo.

Olivério mantinha-se imperturbavel e elegantissimo sem pagar a ninguem. De repente, ante-hontem, Olivério convida-nos para um almoço no E'den, com orquestra, cantoras francêsas e os criados de casaca servindo os

pratos nas velhas pratas da família Vieira — uma das mais ricas famílias antigas de Minas, cuja história, como convém á verdadeira aristocracia, está cheia de crueldades e assassinios. A ornamentação floral do salão era um prodígio. Os pratos trabalhados pelo cosinheiro do Amarante Gouveia — que anda por aqui curando o reumatismo. Como realisar festa tão linda? O barbeiro do hotel deu-me indiretamente a explicação:

— Sabe V. Ex.ª quando parte o ministro das Filipinas?

— D. Pablo?

— Êsse mesmo.

— Ignoro.

— E' um homem que deve a todos.

— Há outros...

— Que quando têm, sabem ser lords. Por exemplo, o Sr. Olivério. Êsse não tinha, e apesar da grande simpatia que me inspirara, já começava a ter receio Pois bem. Devia-me trezentos e pico mil réis e deu-me uma nota de quinhentos sem pedir troco. Aquilo é hómem distincto! E com um pai mais rico talvez que a menina Olga...

Vê a D. Lúcia a história Olivério participou ao senador seu pai o casamento e obteve, de certo, uma grande soma dêsse inesgotavel velho — para fazer bonito. Está vertiginosa-

mente fazendo bonito. As gorgêtas aos criados deviam ter sido tão escandalosas que esses criados chegam a ser escandalosos ao servi-lo. Quando no Brasil um criado de hotel é sensivel á gorgêta — a gorgêta deve ser alucinante.

Com taes processos, desde a sala de banho até ás estrebarias — a criadagem venera o famoso Olivério. Como hontem êle perdeu um conto á rolêta — a gente do jogo faz-lhe mesuras. E a sociedade do hotel aclama-o, salvo um grupo de meninotes paulistas, çheios de despeito.

Ainda agora venho de deixar Olivério. Acabava de receber uma carta, que o portador disse sêr um recado urgente. Olivério abriu, leu, e caíndo numa cadeira de vime, indagou:

— Criança, sabes tu o que é o amor?

— Ninguem sabe.

— Uma terrivel cacetada!

— Você, noivo de Olga, a dizer isso!

— Será ela bastante inteligente para sêr toleravel?

— Pelo amor de Deus, basta de *pose!*... Essa exigência de inteligência!... Creio que não tens tido sempre sábias por amantes. O teu *crampon* mesmo, a Pura — é estupidissima.

— Nisso é que é necessario diferença para a beleza da vida. A esposa deve ser inteligentissima sempre. As amantes pouco importa. *Ça ne compte pas*... Para que o amor não fosse uma cacetada seria preciso que as esposas fossem a tal ponto inteligentes que deixassem o ciume para diversão das amantes estúpidas... Depois dessa impertinência, subiu ao quarto. Tenho a certeza de que ensaiou sobre mim a teoria com que vai espantar logo mais Olga da Luz e a marquêsa Justina.

Casará mesmo Olivério Gomes? Acho-o quasi insaciável...

Quem já fez o pedido foi o Flávio de Mendonça ao velho Lessa. Está a Iris noiva pela quarta ou quinta vez. E' espantoso o que essa rapariga realisa no género sedução. Como a senhora não ignora, Iris chegou a Poços para esquecer a rutura de um proximo enlace. No dia seguinte estava fazendo parte da escola de miss Wright e desde que o Flávio chegou para disputar o dote de Olga tomou a praça. Agora, andam sempre juntas, fazem um *tour* pelas ruas após o jantar. Outro dia encontrei-a na atitude da Theda Bara quando dá beijos. Terá o Flavio coragem de desmanchar tambem o casamento?

D. Maria de Albuquerque, cuja experien-

cia da vida não está por fazer, dizia-me hontem:

— Antéro, não tenha a vulgaridade de censurar Irisette. No fundo, ela é pura.

— Bem no fundo.

— O fundo é o essencial, porque o resto é aparência. Essas atitudes emprestadas dos cinêmas, êsse frasear um pouco lesto, não passam de leviandades. Quasi todas as meninas, cujos modos alarmam em solteiras, quando casam são excelentes mães de família, incapazes de amar senão o marido. Flávio vai ter a sorte de uma esposa fiel.

Acha D. Lúcia que é assim?

Como novidades a mais de pessoas nossas conhecidas, nada. Não sei se lhe falei do ex-ministro Altamira e de um coronel barulhento chamado Titino. O acontecimento da rolêta é que Altamira ganhou vinte contos e o coronel já perde quarenta no *campista* bancado por um rapaz chamado Antonio Bastos.

Isso não interessa. Nem a D. Lúcia nem ao seu, com infinita saudade — *Antéro*.

XXIX

De José Bento, secretário dos Oleps, a Justino Marques — Pensão Buckarest — S. Paulo.

Justino — Não venhas com a pilhéria de que não recebes cartas minhas. Tenho escrito umas poucas e deitando estilo até, a vêr se, quando voltar, entro para a imprensa, onde há asnos muito mais asnos do que eu. Ainda não segui, ainda não estou em S. Paulo, trabalhando na nossa revista, com que o Juca Bemol fará a estreia da nova companhia luso-brasileira — só porque tudo aqui desandou. O coronel, que a princípio não queria o Miranda, desfez o contrato dos Oleps, quando o Miranda partiu. O tal Titino, que eu suportara com pachorra nas ciumeiras dos amores de Ivette com o Miranda — é um refinado malandro mal agradecido.

Perde na rolêta e com a Ivette. Mas negou-se a ajudar-me num pequeno auxilio.

Parece impossível, hein? Este paiz está perdido. Não ha nem coroneis da roça mordíveis!

Eu e os Oleps estaríamos desgraçados, se não fosse o bom coração do Antonio Bastos — aquele jogador socio do Club dos Mirabolantes. Antonio Bastos tem muita instrução e troça de tudo. Veio aqui para dar o tombo no Arnaldo. Mas a coisa não lhe cheirou e, de repente, apareceu bancando *campista* no Gibimba. O Arnaldo morde-se de raiva, oferece jantares ao Bastos, mas Bastos é o hómem do dia. Continua no Gibimba, está a ganhar mais de sessenta contos e é um pai da vida — dando dinheiro a várias mulheres e a quantos lhe pedem. Foi Bastos que nos arranjou contrato para o Gibimba, o *cabaret* rival do E'den.

Êsse Gibimba é que dava um quadro para a nossa revista. Imagina uma casa térrea, de esquina, com quasi cem metros de comprimento. Na primeira parte, *bacarats* e rolêtas; segue-se o botequim, depois o café-cantante, depois o restaurante, tudo isso sem separação — porque só ha muro e porta para a última parte do edifício, em que teem aposentos as figuras femininas. Jogo, bebedeira,

cantos, danças, comedoria e amor. Não falta nada no mesmo andar...

O espantoso é o numero de artistas que o Gibimba manda vir. Ainda pelo trem desta tarde vieram nada menos de cinco: a Suzane d'Astorg, a Mery d'Utra, a Lolo Tantan, a Florinda Caxambú e uma andaluza maluca e bonita de nome Pura, que dizem ser amante de um diplomata hospedado no Grande Hotel. E o movimento dá para tudo! Tambem é a mistura mais completa de que há memoria: dançam, comem, jogam, etc., os *chaufeurs* e os deputados, os roleteiros gatunos do interior e os moços milionarios de S. Paulo, as mulheres mais sem vestidos e as mulheres mais cheias de joias. O quadro seria de efeito para a revista, mas muito dispendioso. Quanto a anedotas, apanhei várias. Para concluir, mando-te uma: — o coronel Titino tem a mania de ser caçador e ha muito tempo era possuidor de um papagaio, que fugiu, quebrando a corrente. O mez passado, Titino caçava, quando deu num bando de papagaios. Tomou da espingarda, fez mira. Todos os papagaios fugiram. Só um ficou, olhando Titino do alto de uma arvore. Titino ia atirar, quando ouviu o papagaio:

— Que é isso, Titino? Você quer-me matar? Se é por causa do tiquinho de cor-

rente que eu trouxe no pé, está aì, pode levar.

Engraçado, não? E até à próxima semana — *Bento*.

P. S. — Esquecia-me dizer que o Miranda, vindo de S. Paulo, está *cabaretier* do Gibimba. Explicámo-nos. E' muito bom rapaz e só nos tem auxiliado. Como sempre, levado da breca. Conquista quantas quer. Agora enlouqueceu uma caipirinha, cujo marido é boiadeiro. Tambem com aquêle físico!

XXX

De Pura Vilar ao Sr. Dr. Olivério Gomes — Grande Hotel — — Nesta Urgente.

Grande Restaurante Gibimba — Querido. Lleguei. Aqui estoy anciosa. Se tienes una otra, me mataré. Por el corazon — *Pura*.

XXXI

De Teodomiro Pacheco a Godofredo de Alencar — Jockey-Club Rio.

As minhas cartas têm tido sempre uma nota amarga. Ao escrevê-las penso no teu sorriso sceptico, e nêsse ar displicente, que sempre te acompanha. Vês, entretanto, os progressos da minha cura, e imaginas, de certo, o meu esforço para arranjar comentario a factos imprevistos. Nada disso. Ante o meu olhar os acontecimentos amontoam-se. Agora mesmo, ás 10 da noite, escrevo, não tendo dormido desde ante-hontem.

E' o caso que estava no E'den a vêr de trás de uma porta a lista telefónica das cincoenta e quatro pensões femininas de Caldas durante a grande semana. A campainha retine e sou eu a ser chamado ao aparelho por aquêle grande pândego do Olivério Gomes. O pobre

rapaz, prestes a casar com Olga da Luz, estava a braços com a Pura Vilar, que de repente chegara mais andaluza, mais teimosa e ainda mais estúpida. Fui ao encontro do desgraçado. E passámos a noite numa destas farras embrutecedoras, a convencer Pura, isto é, a querer que se operasse no crâneo dessa espanhola o milagre que aconteceu ao padre Antonio Vieira.

Foi impossivel. Mas, como depois de uma certa hora é-me vedado dormir, tive de aturar a palestra semsaborona do Antéro, tomar um banho pela madrugada e entrar no barbeiro ás seis horas, para fazer alguma coisa. O barbeiro recusou-me a cadeira.

— Tenho de ir á estação.

— Parte algum amigo seu?

— E' hoje que foge D. Pablo Urtigas.

— O ministro das Filipinas?

— E mais aquela dama. Com o dono do hotel, êle arranjou as coisas assinando um documento para pagar quando chegar ao Rio. Mas pediu segrêdo. E deve aos criados, ao alugador de cavalos, a mim, a toda a gente, apesar de tomar champagne todos os dias.

— E vocês?

— Vamos á estação, pedir o nosso dinheiro.

O quadro anunciava-se interessante. Conversei com o barbeiro ácêrca das ilusões da

sociedade. Êle deu-me detalhes sobre os amôres do hotel fóra do hotel, chorou o desastre de Olivério (é incrível a simpatia que todos têm pelo Olivério) e acabámos seguindo juntos para a estação. A manhã era radiosa. Na estação estavam um alfaiate italiano, uma preta lavadeira, um cocheiro austriaco, um criado lusitano, vários tipos zangados.

O comboio lá estava limpo e só a uma das janelas de um vagão, no resto fechado, com a sua cara de vendedor de gaiolas e a sua máquina fotográfica, o Sr. Nogueira, amável fotógrafo da grande semana. Pouco depois começaram a chegar os carros com os que partiam: a numerosa família Araujo Silva, os impecáveis Sanches, outros de outros hotéis. Só não apareciam D. Pablo e a Aretusa. Ouviu-se o primeiro signal de partida. Azáfama. Abraços. Surgiu, com cara de sôno, êsse homem de ferro que é o coronel Arnaldo, grande chefe da jogatina, que vinha trazer a honra dos seus cumprimentos ao Araujo Silva e familia. Apareceram os reporters das três folhas locaes, publicações semamaes e em mútua luta, principalmente religiosa. E nada de D. Pablo e de Aretusa. Teria sido rebate falso?

Nisto, o Sr. Nogueira sae da sua janela, abre outra mais adiante, no mesmo vagão, e

o barbeiro vê no vagão fechado D. Pablo e Dona Aretusa.

— Lá estão êles!

— O nosso dinheiro!

— Veranista de carona!

— Pague o que deve!

O ministro ergueu-se. Aretusa pulou como uma féra. E ambos gritaram, não para os credores, mas para o soléne Sr. Nogueira:

— Quem o mandou abrir a janela?

— Eu?

— Perverso!

— Perdão!

— O senhor sabe o que vale um ministro?

A gritaria era colossal. O fotógrafo amador debatia-se contra Aretusa.

— Estou no meu paiz! Não tenho que dar satisfações!

Emquanto D. Pablo, de dentro do vagão, vociferava:

— Calma! Hei de mandar pagar tudo, ao chegar a S. Paulo. A polícia! onde está a polícia?

E, no momento em que a lavadeira lembrou invadir o comboio, o trem largou, sob a estrondosa vaia que em vão o coronel Arnaldo tentava conter, invocando a hospitalidade de Poços.

Voltámos da estação como de um *meeting* de 1.º de maio. A cólera deformava o sem-

biante dos pobres coitados a quem D. Pablo se esquecera de pagar. E eu não podia deixar de pensar nessa boémia em torno do dinheiro de que o Olivério fôra um exemplo e D. Pablo era outro.

Assim passámos o dia. Um sopro de agitação enchia o hotel. As notícias do escândalo da noite e do escândalo da manhã entrelaçavam-se no mesmo comentário. A' hora do almoço encontrei os jovens Fontoura e Gomide radiantes. A familia Luz não viera á mesa e D. Maria de Albuquerque saiu de automovel, ao meio dia, só, de vestido preto — como quem vai á confissão.

Receando dormir durante o dia, fui até á rolêta do Hotel da Emprêsa. Estava desoladora. Só o velho, que da primeira vez me parecera a estátua do Protesto, jogava. Afinal, decidira-se. Até êle! Força da corrupção! Jogava e ganhava tanto que os *croupiers,* indignados, encerraram a sessão. Voltei ao hotel. Era a hora da chegada do trem. Desanuviado, com muitos quartos vazios, o joven gerente Pedrinho esperava os novos clientes, que iriam renovar, dentro daquelas paredes, a eterna comédia humana. E, de repente, saltam de uma caleche uma senhora forte e uma senhora magra. Saltam em furacão. E a primeira senhora brada:

— Isso é procedimento que o senhor tenha comigo?

— E'? guinchou a segunda, com as veias do pescoço cheias.

Pedrinho recuou, pálido.

— Então não se responde ás minhas cartas? tornou a gorda.

— Não se responde? cacarejou a magra.

— Eu respondi... eu respondi...

— Não minta!

— Não minta!

Era a generala Alvear, com a sua gentil filha. Os clientes apareciam, alguns tendo a glória das relações da generala. A generala explicava:

— Há um mez, em S. Paulo, á espera de resposta, sem poder subir.

— Mas, porque V. Ex.ª não subiu?

— Não respondeu!

— Eu provo a V. Ex.ª como respondi. Os quartos de V. Ex.ª estão há quinze dias esperando, por conta de V. Ex.ª.

— Não pago!

— Não pagamos!

— V. Ex.ª póde subir...

Como uma tromba, a generala subiu. Como uma sêca folha, a filha da generala seguiu a senhora sua mãe.

O criado voltou-se para Pedrinho:

— Que quartos?

Aquêles de que saíram hoje D. Pablo e D. Aretusa.

Assim a Emprêsa teria menos prejuizo...

Mas, dentro de um carro estava, á porta do hotel, uma senhora linda, acompanhada de uma dama de companhia. A senhoria sorria. Aproximei-me.

— O senhor poderia dar-me uma informação: o casal Sanches?

— Partiu hoje!

— Que pena! Só hoje soube que estavam cá. Margarida Sanches é minha amiga. Mas, como habito o Sanatório e vim a convalescer, só hoje soube por carta...

— Mas Poços é pequeno.

— E' que este é o meu primeiro passeio, para partir quinta-feira. Eu sou M.me Graça.

— Para servi-la, Teodomiro Pacheco.

— Conheço muito o seu nome. Agradecida. Ainda nos veremos, de certo?

— V. Ex.a permite que a vá comprimentar?

— Mas com prazer...

E eu estou aqui a escrever estas linhas pensando na doçura de M.me Graça — que não viu Poços e não teve aqui um romance, sendo tão linda...

Decididamente estou bom da neurastenia. Do coração — *Teodomiro.*

XXXII

De Iris Lessa a Baby Torresão — Estrada Nova da Tijuca — Rio.

Baby — Sei que não estás impressionada com a falta de cartas. Na grande semana de Caldas não ha tempo para escrever. Este bilhete é só para te informar da nossa próxima partida. Imagina tu que, após vinte e um dias de banhos, o reumatismo de papai passou do braço esquerdo para o braço direito! Êle, que afirma sempre ser o nosso braço direito, está desesperado. Assim, partimos dentro de quatro dias.

Dou-te uma novidade que vai fazer um grande sucesso: estou noiva do Flávio Mendonça. Êle teve sempre um certo *beguin* por mim e aqui declarou-se. Não gosto, nem desgosto dêle. Veste bem e parece tentado. Mas, ao aceitar o seu pedido, só do palerma, do

outro, é que me lembrava. Que ferro vai ter! Êsses homens são todos uns egoistas e uns perversos, segundo a opinião de Gladys Wright. O melhor é a gente defender-se de paixões, não achas? O casamento vem como uma libertação e muitas vezes atrapalha. Em todo o caso, estou contente. Foi uma estação cheia. Pintei o sete. Cheguei a montar como hómem, segundo o moderno molde francês. Tenho mil coisas a contar-te! Não calculas como esta água tira a gordura do rosto e a poeira das mãos. E como ficamos eléctricas. Ao chegar aí hei de ensinar-te a *dansa das trincheiras*. E' de primeira ordem e escandalisa mesmo D. Maria de Albuquerque, esquecida de que é muito reparado no hotel o seu *flirt* com o Pedrinho, gerente-Pedrinho, minha filha, que é um rapagão e tanto... Muitas saudades da — *Iris*.

XXXIII

De Antéro Pedreira á Ex.ma Sr.a D. Lúcia Goldschmidt de Rezende — Petrópolis.

Minha querida amiga — Bem razão tinha aquêle filósofo que considerava a vida um romance. Não tenho vocação para me entregar a êsse género de matar o tempo. Mas o que lhe escrevo hoje seria um capítulo de romance, em que se desenha a figura de um moderno rapaz, se me ajudasse a prática de escrever para ser lido pelo público e agredido pelos literatos sem fama. Hontem enviava-lhe uma carta contando as impertinências paradoxais do Olivério. Era antes do jantar. Quando entrei no refeitório, Olivério não estava à mesa da marquêsa Justina da Luz. As senhoras não tinham a menor inquietação aparente. Mas, ao cumprimentar a mesa a

que se sentam os jovens Fontoura e Gomide, recebi uma nova derrubadora.

— Imagine V. quem encontrei na *gare?* fez Gomide.

— O shah da Persia.

— Não; a Pura.

— Que Pura?

— A amante do Olivério.

— Aquela ciumenta que o atormenta há dois anos! informou Fontoura, rindo.

— O que se pode chamar um contratempo!

— E um escândalo em perspectiva! gargalhou Gomide, radiante. Pobre rapaz!

— A não ser que fosse êle proprio a mandar buscar a Pura.

— E' muito capaz.

Sentei-me aturdido à grande mesa. O comedouro estava cheio. Eu não via ninguem, a não ser D. Maria de Albuquerque, que me olhou uma vez só, e estabeleceu logo uma conversa cheia de graça. Passámos, assim, a sôpa e um peixe sulfúrico. Ao fim do peixe, a custo contive uma exclamação satisfeita. Vinha para a nossa mesa Olivério Gomes, apenas um pouco pálido

— Não os desejava incomodar, mas, para explicar a minha incorreção, tenho que lhes comunicar um facto menos agradavel. Antes do jantar, recebi êste despacho, informando-

-me da doença de meu pai. Tive de ir ao telégrafo convencer o telegrafista de que preciso telegrafar ainda hoje. *Ça me coupe l'apetit.* Não deve ser coisa de cuidado. Em todo o caso, tenho por meu pai tal estima, que não me contenho.

Ao lado de D. Maria, que tinha o telegrama aberto, li êsse papel verde e olhei Olivério. O telegrama era um *truc!* A carta que êle recebêra, quando conversava comigo, era de Pura! Mas, porque, em vez de um despacho definitivo: «Venha já», por exemplo, apenas a notícia da doença?

— Muito desagradável.

— Não ha de ser nada.

— Espero bem.

— Em todo o caso, fez D. Maria, de um momento para outro você pode partir.

— Justamente, espero a resposta, para tomar uma decisão.

Na outra mesa, Fontoura e Gomide olhavam encantados. Pareceu-me que outras mesas olhavam tambem. Era evidente que Olga, nessa mesma noite, saberia. E o jantar continuou môrno, com um ar de necrológio, porque Severo da Gama deu para contar a começo da República e o papel do senador Gomes como discípulo de Benjamin Constant.

Ao sairmos da mesa, com grande delica-

deza, Olga pretextou dôr de cabeça, para recolher-se. M.lle Hobereau acompanhou-a. Olivério foi levá-las com a D. Maria. Nós ficámos em tôrno da marquêsa Justina. Depois Olivério reapareceu.

— Êste meu pai! Não é que eu gosto mesmo da família! Quer V. vir comigo ao telégrafo, Antéro?

Saímos. Na sombra da noite, atravessando a ponte, em frente ao mercado, eu estaquei.

— Já sei de tudo! A Pura está aí.

Olivério deu de hombros.

— Mas como foi isso? indaguei brasileiramente. Sabes porque veiu? Não desconfias de ninguem?

— Caro Antéro, a Pura chegou. Não preciso de saber a origem da sua chegada, porque é necessário realizar-lhe a saída. Não por mim. Mas, por tanta gente que me mostra interêsse.

— Olga vai saber.

— Por mim. E' um capítulo de sinceridade. Apenas o impossível será manter essa insuportavel andaluza... Antéro! Quando as senhoras evitam um rapaz estroina não imaginam muita vez o desespêro dêsse rapaz amarrado ao tronco da teimosia de uma destas andaluzas! O mundo está errado. Absolutamente todo errado.

— Não é possível convencer Pura?

— Burríssima, sem remédio!

— E que vamos fazer?

— Vamos cear ao Gibimba! Espero-a depois de meia noite.

Continuou num passo calmo, pelo outro lado do rio. Voltei ao hotel, onde encontrei D. Maria perfeitamente calma, D. Justina formosissima, Gladys Wright zangada, e Iris, que ria com o Flávio, o Fontoura, o Gomide, emquanto as outras meninas dansavam o tango.

— Que estão vocês a dizer?

— Que casamento e mortalha, o céo talha...

Era inevitável. Olga saberia, pela Iris, logo pela manhã, se não soubesse á noite mesmo, o caso do Olivério! Diante do Destino, que fazer? Conversei até onze horas com êsse grupo, falei mal do Olivério, e só apareci no logar que êle me marcara tarde. Poupo-lhe a descrição dêsse antro, cujo nome diz assás. Mas, certo da sua superior inteligência, não me furto a descrever-lhe Olivério, como sempre o conhecemos. Êsse joven dirigia uma grande mesa, em que estavam Teodomiro, um jogador sensacional, porque ganha muito dinheiro: o Dr. Antonio Bastos, e a tal Pura. Publicamente, e entre gente tão misturada, Olivério embriagava-se. Só deixava o cham-

pagne pela rolêta. Ganhava. Ganhava. Tinha em todos os bolsos dinheiro. De vez em quando dava um masso de notas a Pura, uma espanhola magra e de olheiras.

— Escravo! gritava êle. Mais champagne.

Quando me viu, disse, imperturbável:

— Aqui tens Pura, a teimosa. Prefere o meu amor, sem nickel, ao meu amor rico.

Era alucinante. Não poderia haver mais esperança. E, entretanto, notei que tanto o neurasténico Teodomiro como o António Bastos, se interessavam por Olivério — o primeiro por sport, o segundo impressionado tambem, em parte, pela espanhola.

— O senhor é dos que o querem casar? indagou a andaluza, de uma vez em que Olivério corria a rolêta.

— Já sabe?

— Disse-me tudo, mas prefere-me á fortuna.

— Eu não quero casar ninguem. Acho apenas uma estupidez, tanto dêle como sua.

— Minha?

— Que tem o casamento quando traz a fortuna?

— E' o que eu digo, sentenciou Teodomiro. Depois é o que se vê nas peças francezas.

— Claro! fez o jogador.

— Não quero! Não quero! Amo-o!

— Isso é apenas com vocês dois.

— Amanhã passeia de *charrette* comig eu vou ao hotel. Dois anos de sacrifício!

— Que você não quer trocar por uma v de opulência. Faz muito bem.

Minha ilustre amiga! Tenho a certeza q que teria pena da vida, se visse aquêle quadro e visse Olivério, que acabou dansando o tango com a terrivel Pura. São tão para lamentar êsses gestos em ligações desiguaes...

Passámos a noite assim, velando o cadáver da esperança de Olivério. Ás três horas da manhã êle lembrou-se de aproveitar um resto de luar, e démos um passeio de automóvel. Atravessámos as ruas de Poços, gritando e cantando como fazem no Rio os rapazes. Pura (pelo hábito), cantou no automóvel. Como é possivel correr de automóvel ás três horas da madrugada, sem cantar? Deixei o par ás quatro da manhã com pena de ambos e fiquei quasi duas horas com Teodomiro a filosofar.

Foi-me impossivel dormir. A manhã era deliciosa. Voltei ao hotel apenas para mudar de fato e ir dar um passeio a cavalo. Aí tive um certo espanto, quando me preparava para sair. Olivério aparecia em traje de montaria.

— Aqui?

— Mandei convidar Mlle. Olga para um passeio a cavalo.

pagne-lein?
em to- Vou dizer-lhe tudo e partir ámanhã.
dava Você é louco.
nhol- Creio na fatalidade.

-Montei e parti só. Esta é a minha ultima carta de Poços. Devo embarcar depois de ámanhã. Não queria que ela fosse melancólica. A estação esteve divertida. Mas, o desastre de Olivério põe um pouco de tristeza em tudo isso — porque amarga Olga, amarga Olivério e não faz a felicidade de ninguem. Ainda apanharei os ultimos dias de Petrópolis. Até breve. E perdõe, se por nervosismo lhe conto êsse episódio. As senhoras fazem sempre uma idéa tão diversa do amor livre, que não resisti á tentação de contar-lhe, embora mal, o desastre e as prisões dêsse género de amor. Beijo-lhe as mãos com profunda estima. — *Antéro*.

XXXIV

De Olga Luz a Guiomar Pereira — Avenida Paulista — S. Paulo.

Gui — São 11 horas da noite. Esta é a última carta que te escrevo de Poços, onde não demoraremos mais dois dias. Escrevo porque sufoco, porque preciso expandir a minha dôr, a minha revolta, a minha fadiga, o desequilibrio de todos os meus sentidos. Sabes como sou calma. Como tenho sido calma, apesar da riqueza têr-me creado um irrespirável ambiente de ambição, de mentira. Pódes avaliar o quanto é preciso para ficar assim, sem forças, desesperada.

Na minha ultima carta falei-te de Olivério Gomes. Apesar de ser quási solicitado a declarar-se com a simpatia até de Mlle. Hobereau, a sua alegria, o seu grande ar diminuiram após a declaração oficial. Dia a dia. De

modo assustador. Num passeio que fizémos ha algumas manhãs, não me contive.

— Dir-se hia, Olivério, que V. casa comigo á força.

— Não. Não a quero maguar dizendo mesmo que caso á força com os seus milhões. O que me faz triste, ou antes, preocupado, é a opinião que V. possa formar a meu respeito. Curioso! Eu que nunca me preocupei com a opinião alheia! Mas o meu casamento traz despeitos, ódios, calúnias. Não lhe trará desconfianças? Casamento é mais sério do que loteria. Prometa-me, porém uma coisa: antes do pedido de meu pai, mesmo depois, se desejar, se pensar de modo contrário, mande-me uma palavra, telefone-me.

Não me pude conter.

— Telefonar?

— Nós somos tão modernos... Eu desaparecerei logo. Só pedindo uma coisa: que V. acredite na sincera, na profunda eleição afectiva do meu coração pelo seu espirito, pelo seu coração, pela sua graça. Sou um estouvado? Não digo que seja puro. Longe disso... Mas só uma criatura poderia me fazer casar: você...

Como êle tinha razão! O que me diziam dêle e o que me escreveram de S. Paulo, da Prata, de outros logares, em cartas anónimas,

dizendo até que êle comprára Mlle. Hobereau para lhe ser simpática, oferecendo-lhe cem contos! Bandido, imoral, dissoluto, sem vintem... E cavilosamente sempre o mesmo nome de mulher: uma tal Pura, espanhola...

Nós conhecemos a vida, nós que viajamos. Os anónimos poderiam atirar-lhe a pedra? Qual o rapaz solteiro que não encontra na vida um embaraço feminino? Mamãi, que se lembra do que fazia meu pai, mesmo depois de casado, deu-me o conselho de não lêr as cartas. Mademoiselle estava indignada. Dona Maria de Albuquerque sorria.

— Olga, precisas quanto antes casar. Êsses candidatos á fortuna são terriveis. Por peor marido que arranjes, com separação de bens no contrato — estás, pelo menos, livre de tantos aborrecimentos.

Tinha razão D. Maria. Mas eu esperava deixar Poços sem outros acontecimentos, quando hontem, antes de jantar, encontrei no meu quarto, por baixo da porta uma carta á máquina, com esta noticia: «Chegou Pura.» Meu Deus! Seria possivel que essa criatura viesse tomar o meu quasi noivo? Seria possivel que Olivério cedesse, ficasse na mesma cidade de águas assim? Desci ao jantar, agoniada, tendo que disfarçar — porque vi no olhar de todos os hóspedes que todos sabiam e sor-

riam, prelibando uma vingança contra mim — contra mim que nunca fiz mal a ninguem! Como é cruel a vida! Como são inutilmente maus os homens! E o meu choque foi ainda maior porque êle ainda não estava, porque êle não aparecia, naturalmente preso pela outra creatura... Só ao meio do jantar appareceu — mas outro Olivério, Olivério igual aos homens comuns, mentindo, com um telegrama falso, noticiando a doença do pai. Que perspectiva para o casamento! Tive vontade de erguer-me, dizer-lhe que sabia de tudo. A educação permitiu-me apenas que eu tivesse uma dôr de cabeça. Mamãi compreendeu. D. Maria tambem. Só êle pareceu satisfeito, porque poderia ter a noite livre, a noite para a miserável criatura a que me parecia preferir. E passei pela primeira vez uma noite em claro, rolando na cama, tendo a necessidade de ter os olhos abertos, como se assim pudesse resolver melhor a situação.

Gui! Minha querida Gui! Não desejo a ninguem essa minha noite, por causa de um homem que me era indiferente há vinte dias, que eu não imaginava senão dominar e que, entretanto, alucinadamente eu esperava ouvir bater à porta do meu quarto, em pranto, pedindo-me perdão.

Quando, pela manhã, antes das sete, recebi

um convite dêle, para um passeio a cavalo, aceitei logo, vesti-me tão depressa, que tive de explicar já estar meio vestida para que êle não sorrisse da minha precipitação. Êle estava, porém, pálido e sério. Galopámos assim a caminho do Posto Zootecnico. E aí, antes que eu lhe dissesse uma palavra, Olivério falou:

— Devo-lhe uma explicação. Dura, desagradável. Que se ha de fazer? Não me dirijo ao seu coração; não me dirijo à sua complacencia; quero falar apenas à sua inteligência. Menti-lhe ontem. Menti-lhe idiotamente, parvamente, para lhe poupar uma contrariedade. Não pensei em mim, pensei na senhora. Aquêle telegrama é falso. Meu pai passa perfeitamente de saude.

Eu disse baixo:

— Eu sabia...

Êle olhou-me:

— As únicas mentiras em que ainda acreditamos são as verdades. Devia ter-me julgado idiota.

— Achei que se rebaixava.

— Foi por pouco tempo, felizmente, porque devia ter compreendido sêr-me materialmente impossível falar-lhe no momento ou esperar ocasião sob a premência de uma subitânea entrada, que, dando prazer a alguns hóspedes, de certo a humilharia...

Houve um longo, penoso silencio. Depois Olivério continuou com dificuldade:

— Por cansaço, por aborrecimento, para não ter maiores dissabores, eu arrasto há dois anos um caso que não era bem um caso porque só me fazia mal a mim. Quando uma mulher teima, o melhor é esperar que ela se fatigue de teimar. Nenhuma afinidade jámais nos ligou. A maior parte dêsses dois anos posso dizer que passámos separados. Ela estava em Paris, esperneando no Monico. Diverti-me oito dias. Tornei a encontra-la no Jardim de Verão da horrivel Berlim. Em Buenos Aires ela encasquetou-se de que eu era importante porque só em Buenos Aires — uma aldeia grande! — veiu a saber que eu era secretário de legação. Aí já tinha nevralgias ao vê-la. Por isso mesmo ela teimou. Veiu para o Rio, quando soube que há um ano eu viera tratar da minha promoção. Basta dizer, para mostrar o calor dêsse caso, que a deixei dançando no Apolo de S. Paulo e vim para Poços, resolvido a seguir para o meu posto sem lhe comunicar a partida.

Não quero culpar ninguem. E' inferior. Mas evidentemente houve interessados que organizaram um *complot* e chamaram a rapariga cheia de vaidade, com o fim de fazê-la a V. livre de qualquer compromisso.

A situação é esta.

A creatura está aì, imaginando que tem direitos e querendo fazer scênas. Pode sêr que parta só. Se não partir sigo eu com ela, aproveitando o pretexto da doença de meu pai; deixo-a em S. Paulo e parto para sempre, sem embaraço algum. Mas, de qualquer fórma, peço a Olga que considere o meu pedido como não feito e que continue a pensar bem do seu camarada, que póde ser estouvado, mas sincero sempre, e nunca na sua vida sentiu o que sentiu pela senhora.

—E' horrivel o que o senhor me diz.

— Procedo assim para que aos olhos dessa sociedade frívola a nossa curta aproximação não pareça mais do que um começo de *flirt* entre uma menina com juizo e um rapaz sem juizo algum. Quer tomar um copo de leite?

Aquela frieza, aquele raciocínio, aquela terrivel lógica! Recusei o leite com um gesto. Voltámos aos cavalos. Mas, quando êle pegou na minha mão para ajudar-me a montar, olhei-lhe o rosto. Dos seus olhos as lágrimas corriam.

— Olivério! Olivério!

— E dizer que se V. não tivesse dinheiro não teria havido nada disto. Infames...

— Oliverio! Eu não sei o que diga.

— Adeus!

Eu estava na sela. Os seus labios roçavam as minhas mãos. Chorava. Êle chorava, e em soluços:

— Faça, ao menos, um bom juizo de Olivério. Perdendo-a, Olga, é como se tornasse a perder minha mãe.

Depois, bruscamente, tirou-se de mim, montou de um pulo e partiu a galope.

Que inteireza de caracter! Que homem! Nenhum dêsses inúmeros pretendentes tivera um gesto de desprendimento, de sacrifício assim. Nenhum me amara assim, por mim, só por mim. Deu-me uma aflição como se agonizasse alguem a que eu quizesse muito bem. Galopei tambem para o hotel, sem saber o que fazer, só com a ideia da partida, de deixar Poços, de não vêr mais os Fábio, os Gomide, os Fontoura, os Severo, os Antéro.

Fechei-me no quarto. Mamãi fôra a uma fazenda do proprietário do hotel. Só mademoiselle estava a meu lado, morna e triste. Contei-lhe tudo. Ela só disse:

— E' um homem digno.

E repetia. Repetiu a frase varia vez.

— Mas que me aconselha?

— Faça o que o seu coração mandar.

A' tarde, à hora do chá, apareceu Dona Maria:

— Que é isso? Triste?

— A tragédia da princeza dos dolars! Já não caso.

— Hein?

— Creio que a senhora sabe de tudo.

— Não.

— O Olivério, essa mulher que chegou...

— Isso não tem importância alguma. Sei bem que arranjaram uma intriga para que os milhões de seu pai não saiam de S. Paulo. Mas uma intriga imbecil, contando principalmente com o estouvamento de Olivério, cuja mania, pobre rapaz! parece sêr: vê-la sem dinheiro para amá-la sem preocupação.

— D. Maria...

— V. sabe bem, minha filha, que não me imiscúo na vida dos outros. A estupidez pretenciosa irrita-me, porém. Êsses rapazes que escrevem cartas anónimas e fazem de Maquiavel são irritantes. Que disse Olivério?

— Foi nobre. Contou-me tudo e partiu... chorando.

— Pátétas, tanto você como êle. Estou a vêr que em Poços só é inteligente a fonte Pedro Botelho.

— Mas, D. Maria...

— Digo-lhe que você sente de mais e que Olivério quer representar á força o *Moço pobre*. Ainda agora venho de palestrar com o impagável Teodomiro. Passou a noite com a

tal creatura. E contou-me o caso como êle é — ela parte amanhã com aquele jogador que ganha sempre: o Antonio Bastos! Imagine V. a tolice geral.

— Então, Olivério não quer casar comigo!

— Deu-lhe para o escrúpulo desde que ama. Exagêros...

— Meu Deus!

— Emfim, não me mêto nisso. Façam o que entenderem.

— Êle parte amanhã tambem.

— Se você fôr tola. Mas deixemos o capítulo disparate. Sabe quem acaba de chegar, fazendo um terrivel escândalo com o Pedrinho? A generala Alvear! Aquela senhora é doida. Vem para Poços quando todos partem. Virá mesmo curar-se?...

Deixava-me a sorrir. Não tive coragem de pedir-lhe que chamasse Olivério. Espero ainda amanhã. Se êle partir — então nunca mais me caso. Nunca mais! Porque tudo quanto fazem para dêle me separar parece-me que a êle mais me prende. Será, porém, o que Deus quizer. E tu, por estas linhas, em que nada ocultei, podes vêr o sofrimento da tua pobre amiga — *Olga*.

XXXV

De D. Maria de Albuquerque á condessa Hortência de Gomensoro — S. Clemente — Rio.

Minha querida amiga — Esta carta tem um fim principal: comunicar-lhe que mudo de residência; parto de Poços para Caxambú, não só porque a estação aqui está terminada, como porque é preciso fazer como toda a gente: ir tratar do fígado, depois de cuidar do artritismo. Antes, demorarei alguns dias com Justina da Luz, em S. Paulo. E conto bem estar no Rio em pleno inverno, para os fins de maio — maio de que a nossa imperatriz tanto louvava o esplendor, entre os bambuaes da Quinta Imperial.

E' sempre melancólico partir para a velhice, por não saber o que a espera á chegada. Deixo Caldas com saúdade. Tivemos uma interessantissima «grande semana», que foi

no Grande Hotel admiravel, graças ao grupo formado em torno de Justina, cujo *doigté* é de verdadeiro diplomata. Felizmente, Olivério Gomes, com as suas qualidades, conseguiu desencantar o coração de Olga — *la belle aux millions dormants* e a sua carreira diplomática estaria feita ao lado de Justina, se estivéssemos no Império, e a *carrière* não fosse agora o viveiro das pretensões sob a algêma do empenho.

Tive um grande prazer com a realização dêsse casamento, agora certa, não só por Olga, tão boa, tão distincta, como por Olivério, que vinha fazendo tudo para estragar a escandalosa simpatia do Destino. Não pense, porém, a minha boa amiga, que as coisas se realizaram como entre pessoas sem importância. Falei-lhe, na passada carta, dos trunfos que Olivério obtivera para a arriscada partida: Mlle. Hobereau, a sua fascinação pessoal. Disse tambem as cartas contrarias: o seu génio estouvado e uma pobre andaluza, que se entregara à extravagância de amá-lo. Mas Olivério procedeu tão bem, conduziu-se com arte tão sóbria, que me apaixonei pela sua vitória. E posso dizer-lhe, confidencialmente, que por esta necessidade de combate, herdada da minha familia, não só tive o prazer de dar o golpe decisivo como de conhecer de

perto uma dessas creaturas que Dumas pintou na *Dama das Camélias*. Imagine, Hortência, que, em dez dias, Olivério estava quasi noivo. Os outros pretendentes, com quem Olga não casaria porque, muito justamente, os abomina, ficaram furiosos e, não sei se por cartas anónimas, mandaram buscar a S. Paulo a andaluza. A infeliz creaturinha veiu numa rajada, e a noticia estalou de modo desagradável. Um joven de fama extravagante, prestes a noivar com o maior dote de S. Paulo, tendo, em frente ao hotel, em outro hotel, uma dama com quem tem de passar muitas horas, porque a dama tem ciumes! O clamor dos veranistas seria suficiente para liquidar Olivério. E, apesar dêle não ter culpa, quando se soube da chegada, á hora do jantar, eu senti a reprovação, tanto maior quanto era cheia de desprazer. Santo Deus! Olga precisa casar e encontrou um rapaz que a interessou. Justina está tão nova e tão bela, que o papel de mamã de milionaria não lhe póde ser eternamente agradavel. Mlle. Hobereau quer dirigir uma casa e ter um pouco de capital. Era como se todos dissessem sem falar:

— Ora, este Olivério! Precisamente quando resolvia tudo!

Nêsse ambiente, entusiasmou-me o fino rapaz. Recebera a bomba da chegada da rapa-

riga, sentira que nada podia fazer, senão afastar-se para não vêr realizada a ameaça do escândalo, e caía como um estadista. Quando mostrou um falsissimo telegrama, noticiando a doença do pai, ninguem diria que êsse telegrama falso era a autêntica renuncia a trinta milhões de francos — com o cambio a 16 d. No dia seguinte, depois de saber que tão corajoso hómem passára a noite em claro, publicamente, com a tal criatura, vi Olivério bater á porta dos meus aposentos, entrar em traje de montaria (como o *Moço pobre*, de Feuillet), fechar a porta, e, deixando-se caír numa cadeira, dizer:

— D. Maria, só a senhora póde salvar-me!

Há muito tempo não tinha um instante de tanto prazer. E' sempre agradável a nós mulheres, o reconhecimento do nosso pouco valor... Quaes são os hómens que realizam alguma coisa na vida, sem o auxílio das mulheres? Elas trabalham na sombra, mas são guias. Não ha um génio só que tenha a vitória e a felicidade sem a ajuda da nossa inteligência! Póde parecer mau gosto insistir. E eu tinha, principalmente, pena de Olivério.

Êle contou-me a sua situação, uma grande scena romantica no Posto Zootécnico com Olga, a quem disséra tudo, despedindo-se em pranto (como devia ter custado para chorar!)

exclamando: nunca mais. Olga estava abalada por aquela sinceridade byroneana. Devia estar. Eu mesmo estava, dado o meu pendor pelos dramas de acção. Restava a andaluza. Mas, antes de abalar Olga, Olivério abalara a andaluza, expondo a situação, levando para a sua mesa o nosso Antéro (que sempre se acha na obrigação de sentir o que sentimos) um inteligênte neurasténico, o Teodomiro Pacheco, e o jogador Bastos — que, com a inconsciência de todos os jogadores (assim realizam êles tudo) pretendia substituir Olivério no coração da andaluza...

E Olivério dizia:

— Não está nada perdido! E' um momento grave, mas que por isso mesmo pode consolidar a vitória. A senhora, que é uma alta inteligência, vê bem. Em vez do cheque em mim, sou eu quem pode dar um cheque à dama. Até agora pórto-me bem. Pois não?

— Com efeito, a scena do Posto é de mestre.

— A anterior ainda foi melhor. Desde o momento do perigo, tenho uma extraordinária lucidez. E é essa lucidez que me fórça a vir rogar-lhe: salve-me!

— Como?

— A senhora viu-me criança. A única mulher por quem tenho veneração é a senhora. Não, agora. Sempre. A senhora é a minha

protectora. A vida repete-se. Não ignora que os dramaturgos, espelhos da vida, até hoje não descobriram mais de trinta e seis situações dramaticas. Há, no grande teátro do século passado, uma peça...

O topete! o *aplomb* de Olivério!

— Sinceramente, Olivério; você quer que eu fale a essa andaluza, representando de pai Duval...

Êle ajoelhou-se:

— Como é inteligente! Eu quizera ter ânimo para sorrir diante dessa inteligência, que é o seu deslumbrante e peréne encanto. E' tão inteligente, que mesmo os seus objectos têm êsse halo de aristocracia de alma... Sim! Preparei tudo. A Pura espera-me no Posto Zootécnico para tomar chá. Está só, abalada, vendo que não tem o direito de me fazer mal, só para dar alegria a alguns palerminhas de S. Paulo. Um automóvel espera a senhora do outro lado do rio. Uma palavra sua, o seu ar de duquêsa, êsse seu ar «very lady like», a fôrça da sua bondade... Ela não é má. E' estúpida apenas... D. Maria, salve-me!

Na minha longa vida, apesar de já ter conversado com algumas dessas damas — (quando grandes actrizes como a Cecil Sorel ou quando regeneradas pelo casamento com lords e diplomatas) — ainda não tinha visto senão em

peças de teátro a alma das chamadas criaturas alegres. Era uma tentação. Sorri. Olivério tem a sciencia das retiradas. Desapareceu.

E eu, insensivelmente, (é o têrmo), não sei se levada pelo apetite de vencer o partido adverso, se por curiosidade, escolhi um vestido negro, saí do hotel, encontrei o automóvel e, dentro do automóvel, tive a certeza de que seguia para o Posto Zootécnico.

Minha cara Hortência — que ideia faz de uma dessas criaturas de que em geral temos receio, culpando-as de todas as traições dos hómens? Por essa espanhola — não vá dizer a ninguêm! — devo ter-lhes muita simpatia. Antes do mais, ela deu-me a impressão de que eu num deserto e ela no meio de um batalhão, eu estaria mais acompanhada, mais defendida do que ela. A tristeza do seu olhar animal, a expressão canina do seu físico, passando de dôno em dôno, no desejo de se amparar — desejo incapaz de se traduzir em gestos, em palavras... O que ela deve têr sofrido sem saber que sofreu! Longe da subtileza defensiva de todas nós — o preconceito, a diferença social a abalava muito mais que a mim. Pareceu-lhe que o mundo vinha abaixo, porque uma senhora ia até ela. Os hómens talvez ela os confunda — porque de

facto êles são bem iguais na infâmia. E ela olhava-me assombrada como a um sêr de outra espécie.

—É a menina Pura?

—Si señora!... Quiere ud me hablar? a mi?

Como se ensina a taboada às crianças, falei-lhe. Contava ela com Olivério? Olivério precisava casar para não dar um tiro na cabeça. Em vez de zangar-se, perdia cincoenta milhões de pesetas. Mas um homem a quem arrancavam uma fortuna, ficaria para sempre cheio de ódio. Não casava e ia fazer-lhe mal, odiá-la, a ela! Em compensação, uma partida não seria a paz depois do casamento? Casado, sim! Que tinha isso? O amor só tem um estôrvo — o dinheiro. Ela aprovava, chorando. Depois, bruscamente, confessou-se, pediu conselhos. Não era teimosa, não! Não queria fazer mal a Olivério. Nunca. Olivério gastava em extravagâncias, sem que ela pedisse. Jámais tivera interêsse. Realmente, compreendia ter sido um instrumento dos inimigos. Estava, sem querer, trabalhando contra Olivério. Afinal, onde estava sempre a estimavam. Um hómem de muito dinheiro (também) o dr. António Bastos, que partia na manhã seguinte, propuzera levá-la para o Rio, roubá-la ao secretário da legação. Que dizia eu?

Vejo Hortência assustada. Eu, confesso, tinha uma sensação inédita e grande pena, tanto dó. Porque, coitadita! ela me parecia um dessas petizas abandonadas nas ruas, que contam às ricas terem tido pais, muitas bonecas... Nunca me senti tão humana como ouvindo a rapariga.

Dei-lhe um conselho sincero:

— Parta amanhã com o sr. Bastos. Não desfaça um casamento. Depois, não seja má, porque v., minha filha, é boa...

Era o puro melodrama. Mas, afinal, se a vida não tem mais de trinta e seis situações dramáticas, porque não ter a coragem de não sorrir de uma delas?

A andaluza olhou-me com os seus lindos olhos — (ainda não lhe tinha dito que ela tem os olhos lindos) — e murmurou, cheia de coragem:

— Pode acalmar a sua família. Parto àmanhã. Só o verei no Rio.

— Não o duvido.

Apertei-lhe a mão. Ela ficou. O céu ameaçava, de repente, chuva. O automóvel veiu rápidamente ao hotel. E, apesar de encontrar a generala Alvear mais a filha a fazer uma scêna ao gerente, por tê-la retido a estação inteira em S. Paulo, senti que devia crêr com alegria na palavra da pobre espanhola e

fui tranquilizar a pobre Olga, mentindo com a verdade aparente do què ia acontecer. E' sempre assim a vida. Para a felicidade de uma a humilhação de outra; para fazer alguêm feliz, muitas mentiras. E ninguêm sabendo o que será o dia de àmanhã...

Êsse dia foi, minha querida amiga, encantador para nós. A espanhola (que se chama Pura Vilar), enquanto Olivério dormia no Grande Hotel, embarcou, pela manhã, com o António Bastos. Os jovens autores da intriga estavam indecisos e inquietos. Olivério não apareceu. Á tarde, Olga não resistiu mais. Mandou chamá-lo para uma partida de *ping-pong* no bilhar...

Assim se realiza outro casamento na «grande semana» alêm do de Iris-Lessa. Não se pode dizer que seja má a estação de Caldas.

Vejo que escrevi muitas folhas de papel. Isso só me acontece quando não tenho que fazer. Perdoe; leia aos poucos, se tiver paciência, êste capítulo do romance da existência. E não esqueça a sua muito do coração — *Maria*.

XXXVI

De Olivério Gomes a S. Ex.ª o senador Pereira Gomes — Rua Conde de Bomfim — Rio

Meu caro pai — Obrigado pelo seu correcto procedimento. Nem de tal pai outra coisa se esperava. Recebi dois dias depois a importância, que satisfez principalmente ao barbeiro, assás hesitante quanto ao lustre financeiro dos Pereira Gomes. Deve ter recebido outro telegrama em que lhe agradecia os conselhos da carta e pedia a sua urgente presença em S. Paulo. Partimos dentro de três dias e conto vê-lo no praso de uma semana, para fazer o pedido oficial à marquesa da Luz.

Estou realmente cansado dessa vida boémia, que só complica os hómens quando os hómens a querem deixar. Não tenho mérito algum em ter agradado a Olga — a quem sinceramente

estimo. Ela é inteligente. Realizámos o único enlace que nos convinha, tanto a ela como a êste seu presado filho.

Não esqueça as minhas encomendas no alfaiate, um litro de água de Colónia russa da minha marca, e o maior segrêdo sôbre o casamento, principalmente para os íntimos. Levo-lhe como recordação um chicote de cabo de prata aqui trabalhado. E' horrível. Mas, como não servirá nunca, porque um senador não monta, realiza o ideal dos presentes: é inútil, é feio e recorda sempre o ofertante.

Insisto sobremodo na urgência da sua vinda. Nunca projecto em terceira votação precisou a tal ponto do seu voto. Tratando-se de quem é a causa — os passes políticos são de temer. E eu quero casar em Junho, na fazenda, pela grande época — certo de que até lá serei ministro residente, desde que convide o ministro ou o presidente da República para padrinho.

Como vê, sou um pródigo de planos e de banalidade. A perspectiva do capitalismo na doçura do lar tira-me a novidade, que é sempre má...

E, como esta carta leva-lhe o filho regenerado — esqueça a minha promessa e venha generoso. Pai admirável, ainda precisamos de pecúnia. Do filho cheio de estima — *Olivério.*

XXXVII

EXPLICAÇÃO FINAL E DESNECESSÁRIA,
COMO TODAS AS EXPLICAÇÕES

De Teodomiro Pacheco ao Dr. Godofredo de Alencar — Jockey-Club — Rio.

Caxambú, 28 de abril de 1917 — *Meu caro Godofredo* — Has de receber ao mesmo tempo, com esta minha carta, um grosso volume. Não te assustes. Abre-o. Sou eu quem to manda. Aberto encontrarás um livro comercial, dêsses que têm impressos de um lado o verbo *Haver* e de outro o presente indicativo da terceira pessoa: *Deve*. O comércio faz uma enorme questão dêsses livros, sob o ponto de vista prático e material. Eu acho que o comércio tem toda razão. Êsses livros (principalmente quando estão em branco) são a imagem mais fiel da vida. Que é a vida senão um *Razão* com o *deve* e *haver* até à morte?

Não pretendo rir, dizendo verdades que os pátétas consideram paradoxo. Lê o livro. Encontrarás copiadas a seguir pelo *deve* e *haver* muitas cartas. Queres a explicação, não só disso, como de não teres recebido as minhas interessantíssimas epístolas neurasténicas? Lê este trecho do *Jornal do Comércio*, edição de S. Paulo:

«*Os habitantes de Poços e os banhistas, que êste ano sobremaneira afluiram a esta milagrosa e próspera cidade, tiveram hontem um acontecimento sensacional. Há muito tempo os veranistas do Grande Hotel queixavam-se de que os destinatarios das cartas postas na caixa do Hotel não accusavam recebimento. Alguns ataques foram mesmo enviados á Repartição Geral dos Correios, depois de muitas reclamações ao gerente do hotel, o distinto moço Sr. Pedro Glotonosck. Diante da impossibilidade da administração publica as reclamações cessaram, quando o Sr. Pedro Glotonosck Filho começou a dar por falta de facas, do enorme faqueiro do hotel. Eram cinco, seis por dia. Só facas. Apesar de pensar numa pilhéria, o gerente comunicou ao Dr. Vilaverde, ilustre delegado da polícia, o ocorrido. S. S., o representante do executivo*

policial, agiu com um faro de verdadeiro Sherlock, com a perícia do detective *celebrizado pelo romancista Conan Doyle em novelas tão instrutivas como interessantes. Ao cabo de uma semana as suspeitas recaíam no porteiro do hotel, de nome Troponoff, russo de origem, muito bem recomendado á emprêsa por várias firmas de S. Paulo. Troponoff era macambuzio, muito asseado, de costumes rígidos e comportamento exemplar. Quasi ninguem o via. Apesar disso, o Sr. Dr. Vilaverde, acompanhado de três praças que compõem o destacamento policial da cidade, entrou de repente, pela manhã cedo, no aposento de Troponoff. E, com efeito, aberta a mala do porteiro, foram encontradas cento e oitenta e duas facas, cada uma embrulhada separadamente.*

Isso já espantou o Sr. Dr. Vilaverde e o Sr. Pedro Glotonosck. Mas, sobre uma pequena mesa, a autoridade e o gerente encontraram, perfeitamente em ordem e abertos, dezenas de envelopes selados. Eram as cartas dos veranistas! Aí Troponoff, contido pelas três disciplinadas praças, deu mostras de grande cólera, dizendo que não admitia tocassem nos papeis, pois faltava passar alguns para o

livro razão, *para fazer um balanço em ordem. Troponoff estava doido, há mais de dois mezes, — estava doido com a mania de sócio da emprêsa — director da contabilidade. Roubara as facas por causa dos ladrões. E guardara e copiara as cartas entregues para o correio como correspondéncia comercial!*

Como a maioria dos hóspedes já partiu, o distinto moço Sr. Pedro Glotonosck ali mesmo fechou as cartas abertas, enviando-as aos seus destinatários. Troponoff, levado para a cadeia, delirou até a manhã de hoje, em que foi, num vagão de carga, enviado, com a competente guia, para o hospício d'aí. Só temos que dar parabens ao tino do Dr. Vilaverde e á correcção do Sr. Pedro Glotonosck».

Brilhante jornalista! Iluminado Troponoff, em que ninguem reparára! Os antigos respeitavam os malucos como inspirados pelos deuses. Os antigos têm sempre razão. E Shakespeare não pensava doutro modo quando poz nos labios dos desequilibrados as mais profundas verdades. Reflecte nêsse Troponoff, que nem eu distingui, nihilistamente sonegando ao correio a correspondencia de uma estação de cura, e copiando num livro co-

mercial sobre o *deve* e *haver,* as futilidades, as leviandades, as pequenas infâmias de um bando de pessoas de vária sociedade, sem distinguir, sem diferençar. Lê essas cartas a seguir e verás então que, de facto, inspiradamente, a loucura do porteiro tinha razão, pois todos, elegantes, jogadores, meninas, velhas, mulheres de vida airada, *gentlemen* e roleteiros só se movem em torno do dinheiro, pensando no dinheiro, dando o retrato da vida — um largo copiador do vastissimo *Old England* da Vida!

Com o escândalo da prisão de Troponoff fui vêr o seu quarto. Já os criados o limpavam. O livro estava em cima da cómoda. Levei-o para os meus aposentos. O delegado Vilaverde e Pedrinho não tinham dado por êle, sem compreender até onde fôra a doença do porteiro. Pensei encontrar coisas sem nexo. Encontrei maravilhosamente copiadas todas as cartas. Emprégo o advérbio porque as minhas estavam sem erro — de cópia. E depois de o lêr assaltou-me a idéa de que êsse livro dizia muito.

Dizia em primeiro logar a moda de escrever que ataca actualmente aquêles que não são literatos. Na lingua portuguêsa o escrever sempre pareceu monopólio de alguns amadores famintos mais ou menos. Ao con-

trário da inglêsa em que os amadores escreveram sempre profusamente. Mas o apetite francês dominou de tal fórma que hoje toda a gente (com excepção dos profissionaes), escreve muitissimo bem. Assim, o palerma do Antéro Pedreira, homem de sociedade; assim, um secretário de duo itinerante; assim, as meninas e os rapazes, alguns dos quaes pareciam-me analfabetos — apesar de não ser isso uma razão para não escrever...

Mas o livro *Razão* do Troponoff dizia mais.

Dizia um aspecto da nossa sociedade; a inconsciente malandragem de uma porção de gente; a alma nobre e indecisa de uma pobre pequena milionária e a irresistível simpatia dêsse Olivério — fenomenal de *aplomb*, grande *jeune premier* do teátro humano; a esperteza embotada dos sem inteligência e a linha encantadora de D. Maria de Albuquerque... Dizia, principalmente eu — Teodomiro, a minha cura, as minhas opiniões. Como podia deixar de ser interessantissimo?

Senhor de todas as intrigas, assisti á partida dos principaes personagens. Num dia, o Olivério, que foi passar a noite em Prata, até á hora em que por lá passasse o especial nocturno levando Olga, a marquêsa Justina, D. Maria, os Lessa. Senhor da certeza de

um magnífico desenlace em que o vício da inveja foi castigado e a virtude de ter topete premiada, passei, agradecido, pela cidade, já mais vazia e muito mais linda. Caldas misericordiosa! Delicioso bem da natureza, onde se dependuram com os males da carne todas as misérias! Como o céo azul e o ar puro e a água de enxofre varrem os reumatismos, as chagas do corpo e os horrores da alma! Ninguêm poderia estar triste. Todos, descendo a montanha — ou levaram a sorte como Olivério e — quem sabe? — Olga, ou levaram a experiência que é o ensinamento da sorte.

Eu ganhára em saúde de corpo. Rectificára a alma neurasténica na visão de sofrimentos autênticos, que me davam forças para perdoar a maldade fútil da maioria. E a minha felicidade fôra tão grande que até, dentro de uma bela *caleche*, acabei vendo uma das graças dando pelo nome de Mme. Graça!

Bemdita estação de cura! — maravilhosa paizagem em que nenhum de nós reparou! banho milagroso que nenhum de nós tomou com outro fim senão o do asseio! precioso hotel, que reuniu tanta gente para dar o prazer dos *flirts*, fazer casamentos ricos e organizar o amor! dignas rolêtas do Arnaldo, coronel, chefe importante, dono, o *deve-haver* geral da reunião em que todos devem cumprir

o seu dever perdendo para que *haja* o resto! esplendida orquestra, acompanhadora do tango unânime! O meu desejo era beijar tudo e assim andei atirando beijos ao ar. No dia seguinte, Mme. Graça partia para Caxambú. Como não partir? Fiz as malas e deixei Poços como se deixa uma formosa amante de vinte dias. O meu enlevo continúa aqui. Hoje, por acaso, abrindo uma das malas, encontro o livro das cartas copiadas pelo doido.

Que me interessa a vida dos outros, quando eu amo — amo, isto é, trato da unica coisa séria do Kosmos? Que me interessa agora?

Mando-te o volume. Entre dois chás enervantes talvez rias com elas. Ou sorrias. Faze do livro, depois, o que quizeres, sem me comprometer nem ao profundo Troponoff. E não deixes de ir a Caldas no proximo verão. E' divina! Cheio de felicidade *for ever* — *Teodomiro*.

FIM

INDICE

INDICE

I — De Antéro Pedreira á Sr.ª D. Lúcia Goldchmidt de Rezende — Petrópolis..... 7

II — José Bento, secretário dos Oleps a Justiniano Marques — Pensão Buckarest, S. Paulo..... 17

III — Antonio Bastos ao Major Bento Arruda, director do club dos Mirabolantes — Rua do Passeio — Rio 21

IV — D. Eufrosina de Passos Machado a D. Eponina de Machado de Sousa — Gavea — Rio..... 25

V — De Antéro Pedreira á Sr.ª D. Lúcia Goldschmidt de Rezende — Petrópolis..... 27

VI — De Teodomiro Pacheco ao Sr. Godofredo de Alencar, homem de letras — Jockey-Club — Rio..... 45

VII — Da gerência da Emprêsa á generala viuva Alvear..... 55

VIII — De Antéro Pedreira á Sr.ª D. Lúcia Goldschmidt de Rezende — Petrópolis..... 57

IX — D. Pedro Glotonosk á generala Alvear..... 65

X — De Iris Lessa a Baby Torrezão — Estrada Nova da Tijuca — Rio... 67
XI — De D. Maria de Albuquerque á condessa Hortencia de Gomensoro — S. Clemente — Rio..... 69
XII — De Olga da Luz a Guiomar Pereira — Avenida — S. Paulo..... 75
XIII — De Teodomiro Pacheco a Godofrêdo de Alencar — Jockey-Club — Rio 77
XIV — De Nenem Araujo Silva ao Sr. José Joaquim Teixeira, digno socio da firma Araujo & Comp. — Rio..... 87
XV — De Antéro Pedreira a D. Lúcia Goldschmidt de Rezenda — Petrópolis 91
XVI — De Pedro Glotonosk á generala viuva Alvear..... 99
XVII — De Stella Dovani a Mlle. Marta Dovani — Sacré Cœur — Petrópolis 101
XVIII — José Bento, secretário dos Oleps a Justiniano Marques — Pensão Buckarest — S. Paulo..... 103
XIX — De Teodomiro Pacheco a Godofredo de Alencar — Jockey-Club — Rio 109
XX — De Antéro Pedreira á Sr.ª D. Lúcia Goldschmidt de Rezende — Petrópolis 119
XXI — De Olga Luz a Guiomar Pereira — Avenida Paulista — S. Paulo..... 127
XXII — De Olivério Gomes a S. Ex.ª o senador Pereira Gomes — Rua Conde de Bomfim — Urgente — Rio.. 131
XXIII — De D. Maria de Albuquerque a S.

Ex.ª o senador Pereira Gomes — Rua Conde de Bomfim — Rio..... 135
XXIV — De Jaques Fontoura a Jorge Pedra — Automovel Club — S. Paulo... 137
XXV — De José Bento, secretário dos Oleps, a Justiniano Marques — Pensão Buckarest — S. Paulo..... 141
XXVI — De José Bento, secretário dos Oleps, ao coronel Joaquim Jurumenha, DD. capitalista — Grande Hotel — Urgente..... 147
XXVII — De Teodomiro Pacheco a Godofrêdo de Alencar — Jockey-Club — Rio..... 149
XXVIII — De Antéro Pedreira a D. Lúcia Goldschmidt de Rezende — Petrópolis..... 161
XXIX — De José Bento, secretário dos Oleps, a Justiniano Marques — Pensão Buckarest — São Paulo..... 167
XXX — De Pura Vilar ao Sr. Dr. Olivério Gomes — Grande Hotel — Nesta — Urgente..... 171
XXXI — De Teodomiro Pacheco a Godofrêdo de Alencar — Jockey-Club — Rio. 173
XXXII — De Iris Lessa a Baby Torrezão — Estrada Nova da Tijuca — Rio... 181
XXXIII — De Antéro Pedreira á Ex.ma Sr.ª D. Lúcia Goldschmidt de Rezende — Petrópolis..... 183
XXXIV — De Olga Luz a Guiomar Pereira — Avenida Paulista — S. Paulo..... 191
XXXV — De D. Maria de Albuquerque á condessa Hortência de Gomensoro — S. Clemente — Rio..... 201

XXXVI — De Olivério Gomes a S. Ex.ª o senador Pereira Gomes — Rua Conde de Bomfim — Rio..... 211
XXXVII — Explicação final e desnecessaria, como todas as explicações..... 213

008013

PORTUGAL-BRASIL L.DA

SOCIEDADE EDITORA

58, Rua Garrett, 60—LISBOA

ALBERTO DE OLIVEIRA
Na Outra Banda de Portugal..... 1$50
ALBERTO TELLES
Camilo na Cadeia da Relação do Porto ..... 1$20
AMELIA CARDIA
Episodios da guerra $70
AUGUSTO DE CASTRO
Conversar... (Sobre Amores, Ironias, Viagens).. 1$20
CAMARA LIMA
Beco do Fala-Só..... 1$00
CARLOS MALHEIRO DIAS
A verdade Nua, (2.ª ed.) 2$00
A Esperança e a Morte . 1$00
CELSO VIEIRA
O Semeador..... 1$00
COELHO DE CARVALHO
A Eneida de Virgilio.... 2$00
CONDE DE SABUGOSA
Embrechados, cart. ..... 1$50
EDUARDO DE AGUILAR
Tragedias de Roma .... 1$50
EDUARDO SCHWALBACH
A Historia da Carochinha..... $60
EGAS MONIZ
A Vida Sexual, broch.... 3$00
Um ano de politica ..... 2$00
EMMANUEL LASSERRE
Os Delinquentes Passionaes e o Criminalista Impallomeni..... 1$20
IRACEMA
Cartas de mulher..... 1$00
JOÃO DE CASTRO
Jornadas pelo Minho.... 1$00
A Comedia de Lisboa ... 2$00
JOÃO DO RIO
A Mulher e os Espelhos, (2.ª edição) ..... 1$50
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.) 1$50
JOAQUIM RIBEIRO
Na Guerra..... $80
JULIO DANTAS
Como elas amam ..... 1$50
Espadas e Rosas, (3.ª ed.) 1$50
Mulheres, (4.ª edição) ... 2$00
Sonetos..... $80
JULIO DE CASTILHO
Fastos Portuguezes..... 1$00
L. XAVIER BARBOSA
Cem Cartas de Camillo. 2$50
MANUEL DA SILVA GAIO
De Roma e suas conquistas..... 1$00
MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO
Paginas escolhidas..... 1$50
MATHEUS DE ALBUQUERQUE
Da Arte e do Patriotismo 1$00
MAYER GARÇÃO
Os Cem Sonetos (prefacio) 1$50
OSCAR LOPES
Seres e sombras..... 1$50
PAULO DE GARDENIA
Lectícia..... 1$00
SAMUEL MAIA
Sexo Forte ..... 1$50
SOUSA COSTA
Paginas de Sangue ..... 1$20
URBANO RODRIGUES
A Duqueza da Baêta ... 1$50
Coreção..... $70

Theatro:

H. LOPES DE MENDONÇA
Nó Cégo, 3 actos $80
JULIO DANTAS
Carlota Joaquina, 1 acto. $50
Um serão nas Laranjeiras 2$00
MARCELINO MESQUITA
Almas doentes, 2 actos .. $60
URBANO RODRIGUES
A Posse — Ultima Aventura — Maria da Graça $80
VASCO MENDONÇA ALVES
Promessa, 4 actos $60

No Prélo:

ALFREDO APPEL
Contos Populares Russos. — Tradições do povo portugues e brasileiro comparadas com o folclore estrangeiro.
ANTONIO CABRAL
Eça de Queirós.
CONDE DE SABUGOSA
Gente de Algo.
JOÃO DO RIO
Rosario da Ilusão.
JULIO DANTAS
D. João Tenorio
SOUSA COSTA
Fructo Prohibido.